

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDERÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A honra de viver o último dia da visita do ministro da Presidência à Índia Portuguesa

Começa um ano, outro acaba, e nem o que parte deixa grandes saudades, nem o que chega oferece perspectivas grandemente consoladoras.

1960 não começa, é facto, de molde a contentar-nos muito. A morte de Albert Camus é uma perda para a humanidade pensante, pois a obra desse escritor de raras virtudes e de alto espírito era,

A mulher-1960 [entre garota e fatal] será fresca e distinta

PARIS, 16 — A mulher de 1960 situa-se a meio caminho entre a mulher fatal e a garota. A sua elegância distingue-se pela frescura e a distinção. Até se ouvirem as três pancadas que marcarão a inauguração das passagens de modelos, em 25 do corrente, nos salões de Managuin, os costureiros acederam a dar algumas indicações sobre a nova moda.

De maneira geral, todos eles disseram «não» às saias mais compridas, às mangas volumosas, aos ombros largos e às saias enfunadas como balões. Todos eles disseram «sim» às saias curtas e plissadas, aos bustos maleáveis, com roda, e à cintura fina.

Na colecção de Jacques Heim, presidente da Camara Sindical da Costura Francesa, não haverá qualquer modificação espectacular na linha que este costureiro quer sólida e distinta. Mas Jean Pomarède,

(Continua na 10.ª página)

todo o Mundo, a nova onda contra os judeus, verdadeira, inexplicável e deplorável vergonha do nosso tempo.

Apesar de tantos motivos de preocupação e tristeza, não devemos nem podemos perder a esperança no Futuro. A quem vive, cumpre-lhe dizer «sim» à vida. Nem de outra maneira se conseguiria que o nosso esforço de ser um esforço egoísta. E cada vez mais se necessita de praticar e de tornar eficaz uma ampla atitude de concordia social. Numa época tão dolorosa, tão angustiosa, tão hostil à alegria e é, um estímulo excepcional para a gente nova de todo o Mundo, e o seu valor não se media por essa, já aliás importante e significativa craveira, do Prémio Nobel.

Depois, surge-nos, de repente, segundo se lê na Imprensa de e a nobreza de sonhar e de acreditar, de sorrir e de construir, o

JOÃO DE BARROS

(Continua na 11.ª página)

GOA, 16.—Três acontecimentos assinalam o dia de hoje, ultimo dia do sr. ministro da Presidência passa nesta velha e heróica cidade de Goa, portuguesa desde 1515: o «Te Deum» na Sé; a recepção oferecida pelo ministro no Palácio do Cabo; e, logo de manhãzinha, uma visita não protocolar ao quartel da Polícia para assistir a uma demonstração de cães-polícias.

A assinalar também este dia há uma nota curiosa e significativa na sua simplicidade: os motoristas dos táxis mandam rezar missa de acção de graças, em louvor de S. Francisco Xavier, na Basílica do Bom Jesus e oferecem transporte gratuito nos seus carros a todos aqueles que queiram assistir.

Assim termina a visita à Índia Portuguesa do ministro da Presidência, que parte amanhã, pelas 13 horas e 30, de avião, para Karachi.

A visita a Diu foi autêntica apoteose

A visita teve ontem, em Diu — «ilustre em termos de batalha» —

(Continua na 14.ª página)



Os portões dos ministérios fecharam hoje, antes das 13 horas, para só abrirem de novo na segunda-feira

Diário de Lisboa
PUBLICA HOJE

32

PAGINAS

QUE INCLUEM

MAGAZINE

*

JUVENIL

*

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A cura está no mar salgado e português... pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NÃO existe dúvida de que, junto ao mar, à beira do Oceano, a vida é mais saudável, decorre mais tranquila, a alimentação mais sadia e útil e o ar que se respira contém maior concentração de elementos necessários à saúde.

O ar e a água do mar, na opinião de Paul Gloëss, contém em suspensão numerosos elementos organizados, mais iodo do que o dos campos e o da montanha.

Este iodo — segredo milenário da longevidade — não se encontra associado ao oxigénio ou ao azoto, mas nas algas macro e microscópicas.

Na opinião autorizada de muitos autores, entre eles Georges de La Farge, existem no ar que se respira à beira-mar outras substâncias, contidas nas algas marinhas, imprescindíveis ao ser humano, subs-

tâncias que se encontram em suspensão.

Não é só o ar marinho que importa, é a própria alimentação,

(Continua na 11.ª página)

Violento incêndio no «Diário de Luanda»

LUANDA, 16. — Declarou-se, esta madrugada, violento incêndio no edifício do «Diário de Luanda». No combate ao fogo empregaram-se a fundo os bombeiros municipais e voluntários.

A secção de serviços de fotografia e de fotogravura foi a mais atingida. Procedeu-se ao rescaldo do fogo.

São avultados os prejuízos. — (A. N. I.)

A primeira tarde livre dos funcionários públicos no novo sistema da «semana inglesa»

Hoje foi o primeiro sábado em que os funcionários públicos tiveram uma tarde livre, de acordo com o diploma que instituiu a «semana inglesa», recentemente publicado.

Disposição que interessa directamente dezenas de milhares de pessoas e indirectamente a importantes sectores da vida nacional, foi recebida com natural satisfação. Nesta manhã, radiosa mas fria, modificou-se. O ritmo de vida do funcionalismo público, que pouco depois das 12 e 30, vimos sair dos ministérios, num alvoroço diferente. A propósito do novo horário recolhemos, num rápido inquérito, uma impressão geral da forma como esta importante transformação de hábitos nos sectores oficiais da vida nacional foi recebida nos diversos departamentos do Estado e das possibilidades do seu cumprimento, quer nos gabinetes dos ministros, quer nas repartições.

Na Presidência do Conselho

Na Presidência do Conselho os funcionários saíram às 12 e 30, não regressando ao serviço de tarde, num rigoroso cumprimento do novo sistema.

Nos gabinetes dos ministros

O ministro do Interior tenciona cumprir o novo horário, pelo que

(Continua na página central)

2.ª TIRAGEM



Munich prepara-se com antecedência para um Carnaval estrondoso. Escolhido para presidir aos festejos um «rei» que foi agora apresentado à Imprensa, a cidade prepara-se para ver desfilar o carnavalesco «soberano», seguido da sua vistosa guarda de honra feminina, que terá de o acompanhar, pelo menos, a 150 bailes nocturnos

Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Devem recomencar as obras de defesa contra o mar, na Costa da Caparica que foram suspensas há duas semanas apesar de terem dado bons resultados

A luta do mar contra a terra, na vasta extensão do areal da Costa da Caparica, principalmente no Inverno e nos períodos das grandes marés, constitui um problema que se equaciona na inversa: a luta constante contra as investidas do mar, que, no período de alguns anos, já modificou a fisionomia do local, adevorando parte das dunas com as construções ali existentes e estreitando a faixa arenosa, isto é, a praia entre o franjado de espuma e o aglomerado urbano, outrora lugarejo de abnegados pescadores e hoje atraente estância de veraneio, como um sugestivo e moderno cartão de turismo.

O «Diário de Lisboa» tem-se ocupado do problema, documentando não só os efeitos do assalto do mar, como apontando a sua ameaça, com a sugestão de algumas providências necessárias, e assinalando as precauções tomadas, as quais, concretizando-se em importantes obras de defesa e consolidação, afastaram os principais perigos — de modo que o problema consiste agora, propriamente, na conclusão dos trabalhos planeados e em curso, os quais poderão garantir a segurança da população da vasta zona, libertando-a das graves preocupações ante a ameaça da furia demolidora do mar.

Alarmes injustificados

O problema reveste-se, contudo, ainda, de aspectos importantes, que requerem urgente e completa solução, os quais, em face dos últimos temporais, assumem flagrante e transcendente actualidade — embora sem corresponderem de qualquer modo aos alarmes injustificadamente suscitados. Dado o interesse constante, sempre atento, que o «Diário de Lisboa» tem dedicado ao assunto, julgaram os componentes da Junta de Freguesia da Caparica, a que preside o sr. Venceslau Ferrão Gomes, da maior oportunidade fazer uma larga e elucidativa exposição do conjunto dos casos e factos que transcendem do âmbito local para se situarem no plano dos interesses colectivos.

Fomos recebidos no novo edifício da Pensão Praia e Sol, ainda por inaugurar, situado a duzentos metros das dunas, pelo presidente da Junta, acompanhado pelos antigos presidente e tesoureiro, respectivamente, srs. Francisco José da Silva e José Alves Martins; e pelo tesoureiro actual, o regedor e o escrivão, srs. Julio Cardoso, Luis de Oliveira e Carlos Sequeira.

O sr. Venceslau Gomes, agradecendo a presença do «Diário de Lisboa», acentuou a importância e os benefícios para toda a vasta zona da margem sul do Tejo da iniciativa do nosso jornal em prol da propaganda e do desenvolvimento de toda a região da Outra Banda. E, referindo-se ao principal e momentoso aspecto do problema, resultante dos injustificados alarmes, começou por nos dizer:

— Todos nós somos proprietários na zona que nos aconselham a abandonar, optando por determinação local. Nós não fugimos, pois nada receamos! Estranhámos, contudo, algum objectivo, que não pode-

mos atingir, de quem possa pretender assustar-nos, sugerindo-nos a mudança de local, escolhendo até e indicando-nos determinados terrenos.

Ponderámos se as casas que ficam a umas duas centenas da orla do mar não correm risco derivado da erosão, e os nossos interlocutores responderam-nos, em uníssono:

— Não há perigo! Graças às obras recentemente empreendidas, por determinação das entidades competentes, já se fazer sentir excelentes resultados. Mas há que completá-las, sem demora, evitando-se suspensões desastrosas!

Um tesouro em moedas enterrado na areia

Mestre Chico é uma figura típica de velho pescador, que todos estimam e respeitam. Foi nascido e criado na Costa da Caparica. Conta hoje setenta anos — uma longa vida de abnegada e heroica luta com o mar. Diz-nos que aquela povoação marítima foi fundada, há 400 anos, por pescadores algarvios e ilhéus, que ali se estabeleceram, entregues à pesca da sardinha — os primeiros instalados ao Norte e os insulares para o Sul. Há uns sessenta anos — ainda se lembra —, uns e outros visitavam-se, de quando em quando, deslocando-se de barco.

— Ora, eu — diz Mestre Chico — sou descendente de ilhéus, e sempre vi que, quando rebentavam temporais, o mar galgava a costa. Contavam os meus pais que, há-de haver uns cem anos, encalhou em frente do sítio onde está hoje a F. N. A. T., um barco, carregado de moedas de prata, espanholas, em barras, com a designação de pregos. Pois há coisa de quatro ou cinco anos, decoberto o casco desse barco, foram encontradas por pescadores algumas dessas moedas enterradas na areia. O mar está hoje, onde estava há cem anos, em frente da F. N. A. T.!

Um dos presentes foi-nos buscar duas dessas moedas, achadas na antiga Lisboa-Praia, uma delas com a data de 1768 e outra de 1771 e a inscrição: «Carolus III. D. G. Hispan. Et. Ind. Rex» e o brasão hispânico, de um lado; e do outro a legenda: «Utraque Unum».

Isto — na opinião dos entendidos — vem provar que a Costa da Caparica não oferece o tal suposto perigo iminente, nem que os habitantes, que estão a duzentos metros da praia, tenham de abandonar as suas moradias, transferindo-as para outros locais. Evidentemente — opinam os mesmos entendidos —, se, este ano, não tivessem começado os trabalhos de defesa, o caso seria sério!

As obras de defesa

Impõe-se, porém, reforçar a duna artificial, alicerçada em barro, e aumentar o esporão de pedra, por concluir, com mais 120 metros de extensão, pelo menos, tanto mais que já se encontram no local grandes blocos, os quais lhe devem ser aplicados para ampliar a obra, consolidando-a e aumentando os seus bons resultados, os quais se verificaram, por exemplo, durante os recentes temporais. Assim, em face

da barragem formada pelo esporão do lado esquerdo, a violência das ondas não levou as areias, arrastando-as para ali, embora com pouca altura. Já o mesmo não se observa do lado direito, o que demonstra a utilidade da obra de defesa. Impõe-se, contudo, a construção de mais dois ou três esporões, prolongando aquele e alteando-o um pouco mais.

Onde os efeitos demolidores do assalto do mar se têm feito sentir, «comendo» a areia, é na parte per-



O heróico e abnegado Mestre Chico, velho pescador da Caparica, expõe ao redactor do «Diário de Lisboa» alguns dos aspectos dos problemas da defesa da praia, consoante os ensinamentos da sua larga experiência

tencente à Trafaria, próximo da Fábrica de Dinamites, uma vez, porém, que seja prolongado o paredão erguido na Costa da Caparica, na extensão de mais uns 120 metros, podendo chegar até à antiga ponte, caso seja impossível ir mais além, a obra de defesa tornar-se-ia mais eficiente.

O que a experiência aconselha

Os entendidos, cuja sabedoria de experiência é feita, manifestam a opinião de que o caso ficaria definitivamente solucionado com mais aqueles dois ou três esporões e o revestimento do paredão, não com pequena pedra solta, mas com blocos maiores, levando-se essa muralha até o Bugio.

Há, no entanto, quem atribua o facto de o mar ter desfeito e arrastado dunas naturais ao corte do bico arenoso da Cova do Vapor, de onde, durante quatro anos, extraíram areia. Foi, desde então, que se acentuou a voragem do mar no areal da Caparica. Também há, contudo, quem manifeste opinião contrária. Seja como for, o que se impõe, neste momento, é reforçar a duna artificial e o paredão, que lhe fica á retaguarda, com pedra maior e, por consequência, mais resistente.

Estivemos no local, onde nos mostraram os trabalhos já realizados, sem nos ocultarem a surpresa magoada pela sua suspensão, verificada há duas semanas.

Acresce que se houver, em Fevereiro, como se espera, novo impeto do mar enfurecido, receia-se



Um aspecto da parte do esporão que está a ser construído na Costa da Caparica, para defesa daquela zona do litoral contra as violentas arremetidas do mar



CONCURSO



QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

NOME.....

MORADA.....

LOCALIDADE.....

TELEF.

Qual o seu programa preferido?
(resposta facultativa)

Voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

Se V. Ex. deseja possuir a lista de prémios e perguntas do concurso «QUEM TUDO QUER TUDO PERDE», queira pedi-la em qualquer dos estabelecimentos de **CAMPIÃO & C.**

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

O aumento constante do consumo de energia eléctrica obriga-nos a manter em perfeito estado de conservação as nossas redes.

Por este motivo, no próximo Domingo, 17, será interrompida a corrente eléctrica nas seguintes zonas:

1.ª ZONA — Rua das Pedreiras, a Ajuda, e imediações. (Das 8 às 12 horas).

2.ª ZONA — Estrada da Damaia e imediações. (Das 8 às 12 horas).

3.ª ZONA — Rua do Vale Formoso de Cima e imediações. (Das 8 às 12 horas).

4.ª ZONA — AMADORA: Rua Luis Gomes, Rua 5 de Outubro, Rua 7 de Junho, Rua Alfredo Keil, Rua Gil Vicente, Rua Gonçalves Ramos, Rua Gomes Freire, Rua Diogo Bernardes, Rua Bernardino Ribeiro, Rua Guilherme Gomes Fernandes, Rua 1.ª de Maio e Rua 1. de Dezembro. (Das 7 às 15 horas).

5.ª ZONA — TERCENA. (Das 8 às 12 horas).

6.ª ZONA — BARCARENA. (Das 8 às 12 horas).

7.ª ZONA — FABRICA DA POLVORA DE BARCARENA. (Das 8 às 12 horas).

8.ª ZONA — ALGÉS: (Parte das Ruas: Olivença, República, Dr. António Granjo, Boa Vista, Bernardino de Oliveira, João Chagas e Ernesto da Silva), Rua da Piedade, Rua 5 de Outubro e Bairro Foz. (Das 8 às 15 horas).

9.ª ZONA — FABRICA IDAL, LEZIRIA DAS CORTES, CASTANHEIRA DO RIBATEJO, FABRICA TUDOR, METAL PORTUGUESA, FABRICA CERAMICA LUSITANIA, VALA DO CARREGADO, FRANCISCO ESTEVES & C.ª, FILHOS, SOCIEDADE IMOBILIARIO VALHO. (Das 7 às 15 horas).

10.ª ZONA — MARQUES DE PONTE LIMA e SOCIEDADE AGRO-PECUARIA. (Das 7 às 15 horas).

11.ª ZONA — AZAMBUJA E CERADO DO CABRAL. (Das 7 às 15 horas).

12.ª ZONA — CARTAXO, RIBEIRA DO CARTAXO, FRANCISCO JULIO DA FONSECA, SOCIEDADE INDUSTRIAL DE SERRAÇÃO, SETIL, QUINTA DAS MALHAS, QUINTA DO GAI, VALADA DO RIBATEJO e VILA CHA DE OURIQUE. (Das 7 às 15 horas).

13.ª ZONA — SHELL VALE DE SANTAREM, VALE DE SANTAREM, ESTACAO ZOOTECNICA e SOBRIL. (Das 7 às 15 horas).

14.ª ZONA — CARREGADO. (Das 7 às 15 horas).

15.ª ZONA — FIAÇÃO DE LAS AMORIM DE LIMA, ALENQUER, FABRICA CHEMINA e FABRICA DE CARTAO E PAPEL DA OTA. (Das 7 às 15 horas).

16.ª ZONA — OTA (VILA) e B.ª SE AEREA MILITAR, ABRIGADA e CERAMICA DE ABRIGADA. (Das 7 às 15 horas).

17.ª ZONA — MERCEANA, LA BRUGEIRA, ALDEIA GAVINHA, OLHALVO, POCAIRICA, ADEGA COOPERATIVA DE OLHALVO e CERAMICAS CRUZ e FORTES. (Das 8 às 12 horas).

No Hospital de Almada

Agredido no trabalho

O servente de pedreiro Manuel Alves, de 27 anos, residente na Quinta do Minho, na Cova da Piedade, quando trabalhava numa obra, foi ali agredido por um colega, que lhe provocou um ematoma na vista esquerda. Recebeu curativo no hospital de Almada, seguindo depois para casa.

Uma queda em casa

A sr.ª D. Perpetua da Conceição, de 64 anos, casada, residente no Bairro dos Pescadores, na Costa da Caparica, quando caíva a sua casa, deu uma queda, que lhe produziu fractura do punho direito. Depois de receber tratamento no hospital de Almada, seguiu para casa.

Cuidado com as crianças

Quando brincava com outras crianças da sua idade, António Pedro Figueiredo Oliveira, de 7 anos, residente no Pragal, Almada, espetou uma cana na boca, perfurando a abóboda do palatino. Recebeu curativo no hospital de Almada.

Compre o «DIÁRIO DE LISBOA» em ALMADA, na Tabacaria Arcada, P. da Renovação, 8-B.

De ontem para hoje

UNIDADE PORTUGUESA

O território português, repartido aos pedaços pelo Mundo fora, constitui um agregado de quase todas as raças que a mesma tradição, interesses comuns e laços históricos e económicos unem estreitamente. É exemplo impar entre as comunidades mundiais de esta nação uma, caldeamento dos mais diversos povos nos mais variados climas que um ideal de vida torna solidária. Há províncias, não há colónias onde quer que elas se encontrem. Afirmar a unidade e fraternidade portuguesa foram feitas na posse do novo governador-geral de Angola, dr. Silva Tavares. O ministro e o novo governador-geral encontraram as palavras exactas para exprimir a comunhão do sentir português a quem e além mar e também a firmeza de expressão perante ameaças que se vão acumulando aqui e além nos horizontes. Disse-o o dr. Silva Tavares nas seguintes passagens do seu notável discurso: «Assistimos ao início de uma nova época na história de África. Desencadeadas as paixões, criou-se, em alguns lugares, um clima fortemente emocional, onde os sentimentos prevalecem sobre os ditames da razão. Surgiram nacionalismos, por vezes de base acentuadamente racista e que, plenos de ambição, não têm mostrado relutância em jogar perigosamente com ambições alheias. Se devemos reconhecer que não há efeito sem causa e que em muitos casos se trata de reacções contra males e erros a que sempre fomos estranhos, certo é também que essa onda de reacção se tem deixado imbuir dos mesmos erros e males, agora de sinal contrário, que diz combater. Portugal continua a constituir um caso próprio, sem paralelo. No condicionalismo em que nasceu o Portugal metropolitano deve procurar-se, segundo penso, o segredo do «sentido português da vida», do nosso conceito de nação, da nossa política ultramarina de integração. Efectivamente, aqui, no solo metropolitano, onde a civilização árabe floresceu durante séculos, encontraram-se homens vindos do Norte, da Ásia e da África, de raças, culturas, temperamentos e hábitos diversos».

FEIXE DE NOTÍCIAS

ERA pastor o sr. Francisco Ribeiro. Passava os dias, de sol ou chuva, com ventos agrestes e cantares de passarinhos, atrás das suas ovelhas naquela região da Malveira. Era pastor e os pastores e sua vida têm sido cantados pelos poetas; mas não tem só poesia a vida pastoril. É dedicação funda até à morte. Lá diz o Evangelho que o «bom pastor dá a vida por suas ovelhas e as conhece e elas o conhecem». Se conhecem... O pastor Francisco Ribeiro uniu o rebanho e ia atravessar a linha férrea. Vem de lá o monstro de uma automotora, matou 31 ovelhas. O pastor morreu com elas. Foi encontrado abraçado a uma ovelha do seu rebanho. Era um bom pastor.

* Na Corporação de Pescas e Conservas houve uma reunião para ser apreciado um projecto de contrato colectivo de trabalho a celebrar entre os industriais de conservas de peixe e os empregados de escritório que exercem a sua actividade nesta industria e nela foi designada uma comissão de estudo presidida pelo sr. Filipe da Nazaré Fernandes e de que fazem parte os srs. Jacob Perienes Palma e dr. Isaias Gomes Gautier, respectivamente, por parte dos organismos das entidades patronais das conservas de peixe do Norte, Centro e Setúbal e pelos organismos dos empregados de escritório de todo o País. Esta comissão já iniciou os seus trabalhos contando dá-los por concluídos dentro em breve.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu no Palácio de Belém, os srs. ministro da Marinha, capitão-de-mar-e-guerra Gabriel Teixeira e Eric Schaal. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. coronel Horácio de Sá Viana Rebelo, capitão-de-mar-e-guerra António Guilherme Fronteira e Silva, eng. José Pinto de Almeida, presidente da Camara Municipal de Vila Nova de Famalicão e dr. António Bartolomeu Gromicho. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Justiça, das Obras Publicas e da Educação. * A Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau informa que foram lançados no mercado, para consumo do mês corrente, 80.000 quintais de bacalhau nacional.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88. 1. ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO
SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESAO — DR. LÉLIO MARQUES
— DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO
«TERRAÇO DAS ESTRELAS»
o astro da TV inglesa intérprete de ritmos modernos
NEVILLE TAYLOR
as mais aplaudidas canções de
Maria do Céu Esteves
e o quadro colorido
dos «BAILADOS PORTUGUESES»
de FERNANDO LIMA
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completa, 25\$00

Tágide

Telef. 35327/8
Lisboa

à 1,45 h.

UMA NOITE QUE FICARÁ MEMORÁVEL

FESTA DE DESPEDIDA

DA MAIOR BAILARINA ESPANHOLA DE TODOS OS TEMPOS

CARMEN AMAYA

E O SEU ESPECTÁCULO

(MAIORES DE 17 ANOS)

Palm Beach

Telef. 080851/2
Cascais

às 0,15 h.

O Carnaval do Estoril

terá este ano

novas atracções

O êxito alcançado pelo primeiro Carnaval Internacional do Estoril vai, este ano, ser ampliado, graças ao dinamismo da entidade organizadora, cujo objectivo principal consiste na criação de um cartaz, vivo e atraente, das possibilidades turísticas da magnífica Costa do Sol. Assim, dentro de pouco mais de um mês, o Estoril animar-se-á com a presença de portugueses e estrangeiros, atraídos pelo programa de festejos cuidadosamente elaborado. O curso proporcionará aos espectadores uma visão de luxo e alegria, com vistosos e gigantescos carros alegóricos, grupos folclóricos e ranchos cantando e dançando, bandas de música e charameleiros, campinos e cavaleiros tauromáquicos, tudo unido por esfuziante colorido, sobre o fundo garrido do Parque do Estoril. No curso figurarão, igualmente, dezenas de jovens de ambos os sexos, para os quais está aberta a inscrição, no Casino Estoril, até ao ultimo dia do corrente mês.

O curso terá ainda um outro motivo de interesse: — quantos a ele assistam podem aspirar a posse de um esplêndido automóvel D. K. W. Junior, de modelo ainda desconhecido no nosso País, que a Sociedade Estoril-Sol oferece, por sorteio, aos possuidores de bilhetes para o curso do Carnaval Internacional deste ano. O carro em questão será exposto no átrio do Casino Estoril a partir dos primeiros dias de Fevereiro.

Por sua vez, os bailes do Casino prometem grande animação, com a presença de artistas e figuras mundialmente conhecidas. Os hotéis da Costa do Sol e até de Lisboa registam já reservas de quartos para o grande numero de estrangeiros que visitará o nosso País na próxima quadra carnavalesca.

A revenda de gasóleo

Uma declaração da Secretaria de Estado da Industria, hoje publicada, fixa, em \$15 por litro o diferencial de revenda do gasóleo vendido nos postos de abastecimento.



O automóvel D. K. W. Junior, que será sorteado entre as pessoas que assistam ao curso do próximo Carnaval Internacional do Estoril

A CIDADE

Pelos hospitais

APARECEU MORTO — Apareceu morto António Santos, de 45 anos, que dormia por esmola numa estância de madeiras, sita na Rua do Sol ao Rato, 19-B. O seu corpo foi transportado para o Instituto de Medicina Legal.

QUEDA MORTAL — Caiu á rua, do 3.º andar, a porteira Adelaide Silva, de 54 anos, moradora na Rua do Patrocínio 132. O seu corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Quem perdeu ?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um pombo, um lenço de seda, uma nota do Banco de Portugal, uma quantia em dinheiro, um estojo com óculos graduados, um saco de praia com louça, um guarda-chuva, uma sombrinha, uma capa para sombrinha, um bone, uma folha de papel com um desenho, um porta-moedas, três carteiras, um tampão para roda de automóvel, três tampões para depósitos.

tos de gasolina, uma manivela de ferro, várias luvas desirmanadas, argolas com chaves, chaves diversas e duas bolsas de plástico.

A VENDA DE BATATA está a ser fiscalizada

Na Beira-Alta, estão a ser vigiados, activamente, os preços praticados na venda de batata pelo comércio grossista da região. Por ter pretendido vender, na origem, a um armazémista da capital, a batata a \$60 o quilo (preço incomportável para o cumprimento da tabela de venda ao publico, que é de \$80), foram apreendidos a um armazémista da Guarda-Gare, 10.000 quilos de batata, sendo-lhe instaurado processo por açambarcamento. A batata apreendida vai ser lançada no mercado de Lisboa.

A um negociante do lugar de Carpinteiros (Guarda) também foram apreendidos 10.000 quilos de batata, por não estar inscrito como armazémista. Aquela batata foi destinada á venda na Covilhã. Foram, também, processadas as vendedoras Maria do Rosário, do mercado de Cascais, e Antónia do Oliveira, do mercado de Monte Estoril, por estarem a vender batata, respectivamente, a 2\$00 e 2\$10, e a 2\$60. Uma firma retalhista da Avenida General Roçadas, 19, foi também autuada por estar a vender o artigo a 2\$00.



meia-calça

Desde a criança até à avó

A Meia-calça é hoje usada por todos, desde a criança até ás senhoras idosas, porque, além de serem muito práticas, dão conforto, aquecem, embelezam e não caem, motivo da cinta que possuem. A Meia-calça é confeccionada com o

FIO «HELANCA»

Fio de Nylon espuma, muito fino e torcido dando-lhe uma resistência muito superior. Há de todos os tamanhos e cores e é absolutamente indispensável nos dias frios, evitando o reumatismo e gripes pelo calor e conforto que dão ao corpo. Não guarde para amanhã o que pode fazer hoje. Compre Meia-calça e verá quanto é de agradável.

PARA CRIANÇA ... 62\$90
PARA SENHORA ... 69\$90

Um preço que só é apresentado por

UNIPREÇO

RUA DE SANTA JUSTA, 109 — TELEFONE 21633

(Junto ao elevador)

Envia-se á cobrança para a provincia

3 vezes por dia
1 comprimido
contra

dores de cabeça

constipações

reumatismo

ASPIRINA



Ha mais de 60 anos
ASPIRINA e BAYER
familiares a todos

TEATROS E CINEMAS

Crítica

Quem nos diria a nós que uma partitura como o «Freischütz», de Weber foi o resultado de uma complexa fusão de valores e de ideais, e que para fazer triunfar os seus pontos de vista, o autor tivesse precisado de recorrer a manifestos, cartas abertas, críticas, polémicas? A bela nota do programa sobre Carl Maria von Weber, por João de Freitas Branco, nota que não podia deixar de ser relativamente longa para ser, como é, informativa e elucidativa, foi, integrando-se e integrando-a na recita de ontem em S. Carlos, uma das mais felizes consequências do espectáculo. Outra consequência feliz, foi a direcção de Alexander Krannhals, cheia de compenetração, de justo sentido expressivo, de dinamismo, a que a orquestra correspondeu com suficiente disponibilidade de atenção. Já a celebríssima abertura foi admiravelmente levada, só havendo a lamentar o desfalecimento de número de cordas da orquestra, que não pôde deixar de ser irremediavelmente sensível nalgumas passagens, e que foi mais saliente ainda no decurso da execução da partitura, notadamente na famosa cena

«Der Freischütz», em S. Carlos

do Vale do Lobo. Voltamos a estranhar, também, algumas deficiências na execução dos metais. Como bom, digno estilo operático e grande encanto de pormenor e de conjunto, destacamos a primeira cena do 2.º acto, com Agata — Julia Vulpus — e sua graciosa prima, Aninhas — Hanny Steffek — e, mais longe, de um modo geral todo o 1.º quadro do 3.º acto, com as mesmas Agata e Aninhas, e o coro das donzelas. Em todos estes passos, a direcção de Krannhals foi cuidadosíssima, envolvendo primorosamente a acção do palco. No referido quadro do 3.º acto, sobrelevou-se, com um «élan» e um brilho insuperáveis, o solo acompanhante de viola — François Broos. Hanny Steffek, a quem cabe o primeiro solo feminino da ópera, encantou-nos logo pela transparência da voz e a natural vivacidade e alegria da interpretação, qualidades que manteve sem um único desfalecimento em todo o decorrer do seu bastante importante papel. Julia Vulpus, que tem uma fisionomia de atraente expressão, não alcança tanta naturalidade, mas tem uma arte sóbria e uma pureza de processos que admiramos muito particularmente. E ambas as intér-

pretas têm uma arte de dizer tão perfeita como a sua arte de cantar. Mais uma vez, aborrecemos a montagem geral, e os cenários de Furiga. Este denodado e capacitadíssimo colaborador de há tantos anos em S. Carlos, afinal, não se detem num estilo escolhido de acordo com a sua personalidade apoiada em directrizes firmes. Note-se, o seu pano da floresta é muito bonito, e os seus arranjos de interior são simples e graciosos; mas a desproporção de parte do cenário estraga tudo — a monumentalidade daquele alpendre, desta janela. Acreditamos que seja, em parte, consequência de construção em vista da rapidez de mudança de cenário, mas só em parte. Quanto à cena de magia, deu-nos uma franca desilusão, correcta e aumentada sobre a fraca impressão causada pelo conjunto masculino. Não é porque Ernest Kozub não tenha grande e bom estofado de voz para o papel de Max, que o malévolo Gaspar não seja tomado por Arnold Van Mille com mais ainda do que as requeridas qualidades vocais, que Alvaro Malta não tenha razões para se sentir justamente apreciado, integrado no elenco estrangeiro para o papel de Kuno, que Ans-

Hoffman não corresponda às cores, idênticas na sua oposição, de Semiel e do Eremita, que Alfons Holte não seja um apurado e bem disposto Ottocar e Herst Ruther um folgazão Killian. Mas, no caso de Ernest Kozub, por falta aparente de temperamento dramático cená-

co, e no caso de Van Mille, por carência de um mínimo de causticidade, além das outras causas apontadas, o conjunto resultou incolor. Aguardamos agora, e bem ansiosamente, a anunciada representação do «D. João», de Mozart. FRANCINE BENOIT

«Un Homme comme les autres», no S. Luís

Entre os autores «consagrados» do teatro francês contemporâneo, Armand Salacrou é, talvez, o mais convencional, cabendo-lhe, por isso, a posição de legítimo representante de todo um género de teatro tradi-

cional contra o qual se rebelam todos os autores modernos. O seu teatro, mesmo nos casos em que procura um desassombrado tom revo-

(Continua na 13.ª página)

O MELHOR PONTO DE REUNIÃO

Basanoga

Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

HOJE: EM ESTREIA, NESTA "BOITE"

A SURPREENDENTE ATRACÇÃO ESCULTURAL:

BALLET

OLGA Y SANTIAGO

8 VEJETAS NUM CONJUNTO EXTRAORDINARIO

E, AINDA, OUTROS NOTAVEIS EXITOS

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

com os cantores ANTONIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

CTRO Telef. 55 133

MONUMENTAL

HOJE A TARDE às 18.30 h.

ESTREIA

PARA M/ 4 ANOS

Vasco Morgado de colaboração com António Manuel Couto Viana apresentam **UM ESPECTACULO DE SONHO E DE ENCANTO**

TEATRO PARA CRIANÇAS

com a peça «CINDERELA»

aGata Borracheira

de Tomaz Ribas

e desempenho do elenco do **TEATRO DO GERIFALTO**

MARIA JOSÉ na protagonista

António Anjos, Beja Filipe, Eduardo Silveira, Elvira Pais, Fernanda Alves, Fernanda Figueiredo, Joaquim Rosa, LUIS HORTA, Maria Albergaria, Maria Bastos, Morais e Castro, Palma Vaz, Paulo Rodrigues, Rosina Rego, Rui Furtado, Rui Mendes, a pequenina bailarina Lidia Ogando

Colaboração de alunas de **LUNA ANDERMATT**

Direcção artística de **ANTONIO MANUEL COUTO VIANA**

Cenários de Octávio Clérigo — Figurinos de Otelo Azinhais

AMANHÃ DOIS SENSACIONAIS ESPECTACULOS à tarde às 16 e 18.30 horas

AVISO—Entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, quando acompanhadas.

Preços — **PLATEIA** a 15\$00 — **2.º** Balcão de frente a 10\$00 — **3.º** Balcão de frente a 5\$00

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

TEATRO T. 27273 AVENIDA

(Adultos m/ 17 anos)

HOJE às 21,45 h.

10.ª

SEMANA A FARSA DA GARGALHADA COM IRENE ISIDRO

A MALA DA BERNARDETTE

no elenco **HENRIQUE SANTANA** **HENRIQUE SANTOS**

UM ÊXITO!

AMANHÃ A TARDE às 16 h.

Rigorosamente suspensas as entradas de favor.

TEATRO AQUECIDO

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

Todas as noites, às 21 e 45, e aos sábados em tarde popular a preços reduzidos (12 anos)

A OBRA-PRIMA DE **GEORGES BERNANOS**

Diálogos dos Carmelitas

Uma notável interpretação de um grande elenco

Amanhã, não há espectáculos, por a companhia ir a Montemor-o-Novo inaugurar o novo teatro

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

A's 20.30 e 22.45

Adultos - M/17 anos

Só tem 4 dias

PARA VER O GRANDE ESPECTACULO DE

SALVADOR

A REVISTA POPULAR

TUDO NA LUA

UM MEMORAVEL ÊXITO DE GARGALHADA, COM

BIBI FERREIRA

ANTÓNIO SILVA

A FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO

AMANHÃ

ULTIMO ESPECTACULO A TARDE AS 16 HORAS

Atenção ao Porto!

Brevemente no «AGUIA D'OURO» A REVISTA

TUDO NA LUA

ADJUNTO ESCOLAR de Leiria

LEIRIA, 16. — (Pelo telefone) — Tomou posse esta manhã do lugar de adjunto da direcção do distrito escolar de Leiria o sr. Manuel da Silva Marcela que leccionava há mais de 25 anos, na escola primária Bedoeira da freguesia de Milagres.

A pose foi-lhe conferida pelo respectivo director, sr. Bernardo das Neves Pimenta.

BRIGITTE BARDOT

BABETTE

VAI À GUERRA

UMA COMÉDIA ENGRAÇADÍSSIMA!

UM FILME

3.ª-Feira

SÃO LUIZ ALVALADE

MAIORES DE 12 ANOS

M/ 17 ANOS

T. 910168

ABERTO TODA A NOITE

FADOS — RESTAURANTE — BOITE

APRESENTA!

MADALENA PARDO

E AINDA

CARMEN CORDOBA

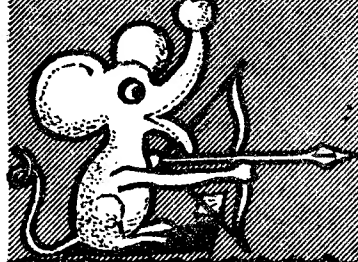
CALÇADA DE CARRICHE — ESTRADA DE LOURES

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os **COMBOIOS ELÉCTRICOS**

Cuidado, minhas senhoras...

MAIORES DE 12 ANOS



O RATO QUE RUGE!

EM WASHINGTON 9 SEMANAS
EM NOVA IORQUE 9 SEMANAS
EM BOSTON 7 SEMANAS
EM CHICAGO 5 SEMANAS
EM TORONTO 8 SEMANAS
EM LISBOA ?

2.ª FEIRA HA' RATO NO TIVOLI

CARL FOREMAN apresenta

O RATO que RUGE!

PETER SELLERS JEAN SEBERG

Argumento Roger MacDougall e Stanley Mann - da novela de Leonard Wibberley
Produtor: Walter Shenson
Realizador: Jack Arnold
PRODUÇÃO HIGHROAD

EM COMPLEMENTO: — «A HISTÓRIA DO PEIXINHO VERMELHO»

PRÊMIO INTERNACIONAL DE CRÍTICA DO FESTIVAL DE CANNES

SANDRO apresenta MARIA DELLA COSTA

MORAL EM CONCORDATA

FIM DE FESTA A' BRASILEIRA

UM AUTENTICO CARNAVAL
PREÇOS MUITO REDUZIDOS

PLATEIA 40\$00 e 30\$00
CADEIRAS 15\$00 e 12\$50
BALÇÃO 7\$50 e 15\$00
CAMAROTES 100\$00 e 150\$00

AMANHÃ

ÚLTIMO DIA
MATINÉE AS 16 H. — NOITE 21.45 H.
HOJE, AS 21.45 H.

TEATRO

Capitólio

ESP. M/ 17 ANOS TEATRO AQUECIDO — TEL. 27493

(com aquecimento)

A SEGUIR: A FALECIDA EM DÓ-RE-MI (comédia)

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO: CEIAS
FADOS E GUITARRADAS

SEMPRE ENCHENTES!... NÃO SE FALA NOUTRA COISA!

O FAMOSO DUETO QUE ENTUSIASMA O PÚBLICO
LES VILLALTS

A arrebatadora parelha de baile
QUINTEROS ESPANA

A brilhante bailarina
LOLITA CALVO

ANA MARIA E O SEU BALLET

MUITO BREVE — EM ESTREIA: AS FORMOSAS BAILARINAS
DOLORES PATON e CARMEN POYATO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ

18.15 (M/17 anos)

2.º espectáculo do Festival do Teatro

Telefone 27172

Parisiense

UN HOMME COMME LES AUTRES

com Jacques Dumesnil, Gisele Touret e outros grandes artistas franceses
A' noite, às 22 h., reposição do filme «A rapariga daquela noite», com Robert Taylor e Cyd Charisse em Cinemascope — Metrocolor — (M/17 anos).

EDEN

15.30, 18.30 e 21.45

Adultos — 17 anos

2.ª SEMANA

Telefone 26768

Uma realização de Michael Curtis

DUAS MULHERES...

...DOIS DESTINOS!

com Kirk Douglas e Lauren Bacall
A impressionante história de uma vida

ALVALADE

15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.45 (M/17 anos)

Telefone 263080

Uma superprodução realizada com luxo e bom gosto inigualáveis

A RAPARIGA DAQUELA NOITE

com Robert Taylor, Cyd Charisse e Lee J. Cobb em

Metrocolor — Cinemascope

ODEON

15.15 - 18.15

e 21.30 (M/17 anos)

Telefone 26283

Um grito na rua... e a tragédia começou!

Com Max Bygraves e Bárbara Murray em

GAROTOS DE LONDRES

21.15 (M/17 anos)

O empolgante filme em Cinemascope

Telefone 610375

HOMENS DAS TERRAS BRAVAS

com Alan Ladd

RESTELO

21.00 (M/17 anos)

O AMOR E UMA CABANA

Telefone 24194

com Analia Gade

TIVOLI

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Gregory Peck e Deborah Kerr no já famoso filme de

A AMADA INFIEL

em Cinemascope — Cor de Luxe

Amanhã às 11 da manhã, ses. clás.,

«Cativos do mal» — (M/17 anos).

Telefone 50595

15.15 - 18.15 e 21.30

O triunfal filme de brutal dramatismo

A extraordinária epopeia de um punhado de bravos fuzileiros

Telefone 26305

RETIRAR... NUNCA!

com Frank Lavejoy, Richard Carlson e Rusty Tamblyn

Adultos (Maiores 17 anos)

CONDES

15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.30 (M/17 anos)

Telefone 22572

As aventuras trepidantes de Totó á conquista da mais extraordinária cidade do Mundo

TOTÓ EM PARIS

com a bela Sylvia Koscina e Fernand Gravey

AVIS

15.30 - 18.30 (p. r.)

e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Um espectáculo picante, gracioso, hilariante e terno

Telefone 47163

JÚLIA... A RUIVA

com Pascale Petit e Daniel Gelin

CINEMA IDEAL

21.00 (M/17 anos)

Cinemascope

SEM TEMPO PARA MORRER

TENTAÇÃO LOIRA

Telefone 24194

IMPERIO

15.15 e 21.15

(M/17 anos)

Começa a esta hora devido á longa metragem do filme

Uma obra-prima de Otto Preminger que é um dos filmes mais premiados de sempre.

Telefone 55134/5

ANATOMIA DE UM CRIME

com James Stewart e Lee Remick

15.15 - 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Deborah Kerr—Rita Hayworth — David Niven — Burt Lancaster em

VIDAS SEPARADAS

Apenas uma vez na vida... um filme como este!

SÃO JORGE

BALÇÃO 54154

PLATEIA 54152

(M/17 anos)

15.15 - 18.15 e 21.30

3.ª SEMANA

Uma viagem maravilhosa através dos mais famosos Night-Clubs do Mundo

Telefone 727778

EUROPA DE NOITE

com Domenico Modugno, Carmen Sevilla e muitos outros astros

MONUMENTAL

15.15 - 18.15

(M/12 anos)

2.ª SEMANA

A comédia mais delirante e inconcebível

Telefone 55131

EU SEJA CAO!

Aos preços do cinema normal

TERRAS

21.00 (M/17 anos)

UM LUGAR NA ALTA RODA

AO LONGO DAS RUAS

Telefone 20917

LIZ

21.00 (M/17 anos)

SAFIRA O ANJO

ESCARLATE

Telefone 48560

ROYAL

21.00 (M/17 anos)

VÍCIO DE MATAR

QUERO-TE, MAS DEIXA-ME

Telefone 845037

TRINDADE Hoje, às 21.45 — (17 anos)

UM ESPECTACULO DE VERDADEIRO TEATRO MODERNO

12 HOMENS FECHADOS

de REGINALD ROSE, tradução de LUIS GALHARDO (Filho)

A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA

AMOR DE D. PERLIMPLIM

BOITE DE NUIT **NINA** Adultos M. 17 anos

APRESENTA

LIDIA GUILLEN

Cantora internacional de excepcional categoria

Brevemente — **LOS CARIBES**

TRIO MEXICANO

UMA PEGA 6\$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Arcêiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

BEBA BARRITOS

VERMUTE INDIVIDUAL

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

PAGINA 5 * Diário de Lisboa

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

A presença do Sporting em Coimbra constitui o acontecimento dominante da jornada

A deslocação do F. C. Porto a Guimarães desperta também muito interesse

As deslocações do Sporting e do F. C. Porto a Coimbra e a Guimarães, respectivamente, podem trazer ao torneio um novo aspecto quanto ao preenchimento de três dos primeiros lugares. Com efeito, os «estudantes» são capazes de oferecer ao Benfica o domínio absoluto do comando da classificação, enquanto os campeões nacionais reúnem condições para igualar a pontuação dos Vimaraneses e, assim, partilharem a posse do 4.º lugar.

E se o Belenenses não transpuser o obstáculo da Tapadinha, então a jornada de amanhã resultará sensacional, a proporcionar perspectivas aluciantes.

A jornada de amanhã, a 15.ª, 2.ª da 2.ª volta, comporta os seguintes encontros:

Benfica-Sporting de Braga

O «NACIONAL»
DA 3.ª DIVISÃO

64 clubes entram amanhã em acção

Principia amanhã mais um campeonato da F. P. F.: o da 3.ª Divisão que, por sinal, é a mais concorrida de quantas competições a entidade máxima do nosso futebol promove.

Sessenta e quatro clubes, de norte a sul do País, distribuídos por quatro zonas, tendo cada uma destas duas séries, iniciam com entusiasmo o campeonato que abre mais rasgados horizontes às suas aspirações de tomarem contacto com equipas de plano superior.

Durante 14 jornadas — tantas durará a primeira fase do campeonato — os 64 clubes lutarão arduamente pela passagem à 2.ª fase do certame. O interesse da prova não oferece, por conseguinte, dúvidas. A primeira jornada, toda ela cheia de expectativa inclui os seguintes encontros:

ZONA A — 1.ª SÉRIE — S. C. Mirandela c. Murça S. C., S. C. Régua c. Gil Vicente, F. C. Famalição c. C. A. de Valdevez e F. C. Penafiel c. G. D. Bragança. **2.ª SÉRIE** — C. D. Feirense c. Pejão A. C., F. C. Avintes c. Leça F. C., Varzim S. C. c. A. D. Ovarense e Académico F. C. c. C. D. Arrifanense. **ZONA B — 3.ª SÉRIE** — G. D. Santacombadense c. Mortágua F. C. e S. L. C. Branco c. F. C. Estrela, Lusitano (Vilademoinhos) c. S. C. Lamego e G. D. Vição Cernache c. S. C. de Gouveia. **4.ª SÉRIE** — U. R. Mirense c. G. C. Figueirense, F. C. Marrazes c. G. C. Alcobaça, C. D. E. F. Norte e Soure c. G. D. Nazarenos e A. Naval 1.º de Maio (F. Foz) c. C. F. «Os Marialvas».

ZONA C — 5.ª SÉRIE — C. D. Torres Novas c. U. D. Vilafranquense, S. G. Sacavenense c. S. G. S. «Os Leões», G. D. Benavente c. Tramagal S. U. e Alhandra S. C. c. G. D. «O Coruchense». **6.ª SÉRIE** — U. F. C. Moitense c. Seixal F. C., C. D. Cova da Piedade c. Casa Pia A. C., G. D. de Sesimbra c. Lusitano F. C. e C. D. Olivais c. S. C. Sintrense.

ZONA D — 7.ª SÉRIE — G. União Sport (Montemor-o-Novo) c. R. A. Calipolense, «O Elvas» c. S. C. Estrela (Portalegre), G. D. Portalegrense c. S. L. Évora e Campomaiorense c. Estrela F. C. (Vendas Novas). **8.ª SÉRIE** — S. Domingos c. Aljustrelense, S. C. Ferreirense (F. Alentejo) c. F. C. U. Sambrazense, E. D. S. Brás c. Desportivo S. C. (Beja) e Silves F. C. c. Louletano D. C.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes, indicados em primeiro lugar, com início às 15 horas, excepto o de Montemor-o-Novo marcado para as 14 horas.

Académica-Sporting
Atlético-Belenenses
V. Guimarães-F. C. Porto
C. U. F.-Leixões
Boavista-Lusitano
Sp. da Covilhã-V. Setúbal

NO ESTÁDIO DA LUZ — A diferença de pontuação — 24 pontos para o Benfica e 9 para o Sporting de Braga — não faz admitir a existência de dificuldades para os «carnados». Todavia, os Bracarenses podem oferecer uma réplica entusiástica que obrigue os adversários a trabalho atento. Seja como for, o favoritismo pertence ao Benfica.

EM COIMBRA — A deslocação dos «leões» de Alvalade a Coimbra apresenta-se de antemão repleta de escolhos. A Académica, com 14 pontos, além de ser um «team» tradicionalmente difícil no seu campo, possui ainda capacidade para se equivaler à manobra sportinguista e até em determinados aspectos, superá-la.

O Sporting vai jogar uma carta da arriscada, que põe em perigo a sua presença no comando da classificação.

Prevê-se um encontro emotivo. Se os avançados «leoninos» exemplificarem uma toada prática, não haverá quaisquer dúvidas quanto à vitória dos visitantes.

NA TAPADINHA — Dez pontos separam o Atlético do Belenenses, mas o facto não deve ser suficiente para se atribuir um franco favoritismo aos belenenses, dado que o Atlético, pretenderá, como é óbvio, aumentar os seus pontos. Jogo de entusiasmo acentuado e com resultado oscilante.

EM GUIMARÃES — No campo

Jogos em Lisboa:

Atlético-Belenenses

Benfica-S. de Braga

da Amorosa trava-se um dos mais importantes encontros da jornada. Os campeões nacionais estão à altura de «apanhar» os Vimaraneses na classificação. Basta triunfarem. Mas será isso possível? Os Minhosos estão na disposição de dizer «não».

NO BARREIRO — A agradável toada do Leixões (14 pontos) frente ao vigor da C. U. F. (9 pontos), deve proporcionar um embate interessante, cujo resultado se apresenta de previsão difícil.

ATLETISMO — Nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 11 horas, disputa-se o Campeonato Nacional de Principiantes, em cortamatato, na distância aproximada de 5.000 metros, com classificações individual e colectiva.

BASQUETEBOL — Prosseguem as provas da A. B. L. com o seguinte programa: Campeonato Regional da 2.ª Divisão: Rio Seco-Sacavenense, às 10.30; Campeonato Regional da 3.ª Divisão: Pedrouços-Alvalade, às 10.30; Campeonato Regional de Juniores e Infantis: Benfica-Liberdade, Sporting-Tabacos, Belenenses-Carnide, Rio Seco-Boa Hora, Queluz-Cruz Quebradense, Atlético-Algés, Sacavenense-Sporting A, Educação Física-Oriental, Alvalade-Moscavide, Casa Pia-Nacional A, Universitário-Benfica A, e Combatentes-Paço de Arcos a partir das 9.30; Campeonato da F. N. A. T., a partir das 9 horas.

CICLISMO — A F. P. C. faz disputar no Porto uma prova de cortamatato ciclo-pedestre, denominada «Grande Prémio Ciclo-Pedestre», para equipas formadas por 1 independente, 3 amadores, sem distinção e 1 iniciado.

NO PORTO — O Boavista, em último lugar, aspira naturalmente a usufruir da vantagem de actuar em sua casa. Portanto, é de esperar uma tarefa espinhosa para os Ebo-renses.

NA COVILHÃ — Os locais devem sentir a subida de forma dos Setubalenses, mas a vitória não lhes deverá escapar.

Equipas prováveis

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguiar, Coluna e Cavém.

SP DE BRAGA — Faria; Armando e Narciso; Trenque, Calheiros e José Maria Azevedo; Teixeira, Rafael, Caraballo, Livinho e José Maria Matos.

ARBITRO: Abel da Costa (Porto). **ACADEMICA** — Maló; Araújo e Mesquita; Curado, Wilson e Torres; Duarte ou Jorge Humberto, Miranda, Chipenda, Rocha e José Julio.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julio, Lucio ou Morato e Mendes; Hugo, Faustino, Vadinho, Ferreira Pinto e Semirário.

ARBITRO: Costa Martins (Porto). **ATLETICO** — Ramin; F. Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Tomé; Angeja, Carlos Gomes, Albano, Orlando e Tito.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Marcano, Paz e Vicente; Yauca, Matateu, Dimas, Tonho e Estêvão.

ARBITRO: Virgílio Leitão (Lisboa). **V. GUIMARÃES** — Pinho; Caçara ou Daniel e Abel; Carlos Alberto, Silveira e João da Costa; Bartolo, Edmundo, Celso ou Ernesto, Romeu e Azevedo.

F. C. PORTO — Acurcio; Virgílio e Barbosa; Pedroto, Paula e Monteiro da Costa; Morais, Teixeira, Noé, Montão e Humaitá.

ARBITRO: Herminio Soares (Lisboa).

C. U. F. — Gama; Orlando e Abalroado; Oliveira, Palma e José Luis; Gastão, Faia, Pedro Silva, Salvador e Uria.

LEIXÕES — Rosas; Pacheco e Raul; Ventura, Santana e Carlos Alberto; Medeiros, Oliveira, Jaburu, Osvaldo ou Massey e Nunes.

ARBITRO: Reinaldo Silva (Leiria). **BIAVISTA** — Levi; Franco e Artur; Campos, Manero e Ribeiro; Garcia, Alcino, Adriano, Guilherme e Monzon.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Pisco, Falé e Vicente; Palmeiro Antunes, Caraca, Joab, Manuel Jorge e Fialho.

ARBITRO: Décio de Freitas (Lisboa). **SP. DA COVILHÃ** — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Pires, Walter, Suarez, Ilo Caldas e Amílcar.

V. SETUBAL — Mourinho; Soares ou Polido e Manuel Joaquim; Abegão, Vaz e Sidney; Inácio, Bira, Pompeu, Miguel e Mendonça.

ARBITRO: Aniceto Nogueira (Porto).

Várias provas de amanhã

DESPORTO CORPORATIVO — Prossegue o 18.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa) das 1.ª e 2.ª Divisões, estando marcados os seguintes encontros:

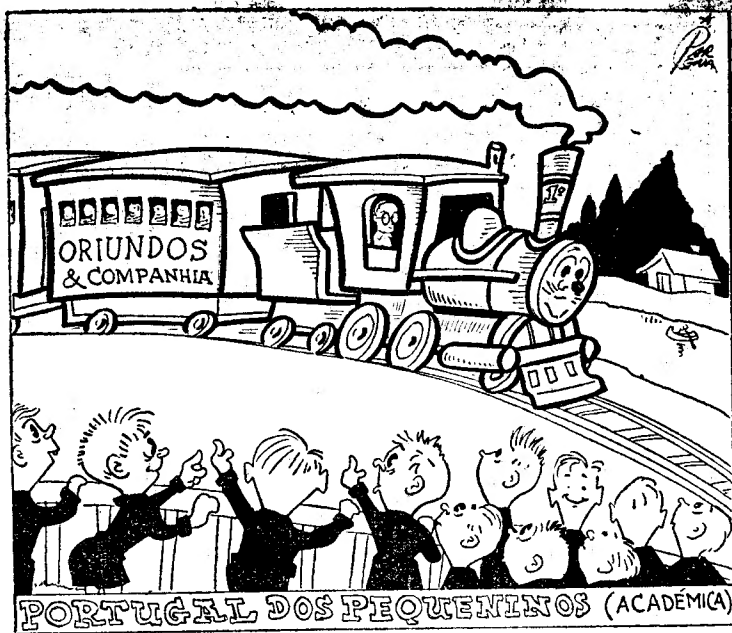
Em Alvalade — Standard Eléctrica c. C. Telefones (2.ª C), F. Chocolates Regina c. C. Telefones (1.ª), Comp. Carris c. F. C. Regina (2.ª C), e Comp. Carris c. F. Loíça de Sacavém (1.ª), respectivamente; às 9, 11, 13 e 15 h.

Em Belém — S. C. Cervejas c. S. C. Guerin (1.ª Div.), às 9 h, Simca Portuguesa c. Celcat (2.ª B), respectivamente, às 9 e 11 h.

Em Cascais — C. M. Cascais c. Covina (2.ª B) e Org. Teodoro Santos c. A. Gaudêncio (2.ª B), respectivamente, às 11 e às 15 h.

FUTEBOL MINIATURA — Disputam-se duas finais do Torneio do Cruzeiroense A. C.; Leões da Ajuda c. Molinho Encarnado e Cruzeiroense-Casalinho, respectivamente, às 10.30 e 11.30 h.

HANDEBOL DE 7 — O Campeonato de Juniores tem a sua 2.ª jornada com os seguintes encontros: Sporting A-Madre de Deus, Campo de Ourique-Benfica, Sporting B-



— Será arriscada a «viagem» Alvalade-Coimbra?

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Os «guias» jogam fora e têm de acautelar-se

Vence-se amanhã a 15.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, que corresponde à 2.ª «onda» da 2.ª volta. A luta continua a interessar vivamente, quer para a conquista dos primeiros lugares, quer para a fuga da zona perigosa. As perspectivas para a jornada de amanhã são focadas adiante.

Os desafios da Zona Norte

O programa da Zona Norte apresenta-se para amanhã do seguinte modo:

Salgueiros-Chaves (1-1)
Torreense-Acad. Viseu (2-3)
Caldas-Sanjoanense (2-1)
Vianense-Espinho (1-2)
Oliveirense-Peniche (1-2)
Beira Mar-Marinhense (1-2)

Vila Real-U. Coimbra (1-3)
Entre parêntesis indicam-se os resultados dos encontros da 1.ª volta.

Reveste-se de particular interesse o desafio de Oliveira de Azmeis, em que os locais recebem a visita do «guia» da classificação, para quem a tarefa é particularmente difícil. Conseguirão os Penichenses ser os primeiros a desfeitearem os Oliveirenses, no seu campo? ou perderão a vantagem de 2 pontos sobre o Salgueiros (sub-guia), que se apresenta susceptível de vencer (em casa) o Chaves?

O Beira Mar e o Vila Real são favoritos dos jogos que lhes competem disputar. Mas, relativamente aos desafios de Torres Vedras, Caldas e Viana do Castelo já o vaticínio é bem difícil.

Os encontros da Zona Sul

Na Zona Sul teremos:
Estoril-Barreirense (1-3)
Oriental-Montijo (1-1)
Olhanense-Beja (2-3)

Cova da Piedade, Mouraria-Universitário, Ginásio do Sul-Monte Pedral, Almada-Belenenses e Liberdade-Avila a partir das 9 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Continua o campeonato de Lisboa, com os seguintes encontros: Hóquei-Palmense, Atlético-Benfica e Belenenses-Fut. Benfica, às 10.30 em 1.ª categoria; Atlético-Benfica e Belenenses-Fut. Benfica, às 9 horas, em reservas.

RAGUEBI — Continua o campeonato nacional, com os seguintes encontros: Académica-Agronomia; Benfica-Belenenses e Direito-Sporting, o primeiro às 15 horas e os últimos às 11 horas, em 1.ª categoria; Benfica-Belenenses e Direito-Sporting, às 9.30, em reservas.

TENIS DE MESA — Continua o campeonato de infantis, com os seguintes encontros: Benfica-B-Mirantense, Arroios-A-M. União Católica, A-Ateneu, Belenenses A- Paço de Arcos, Sporting-Católico B, Benfica-A-Arroios B, Estoril-Belenenses B e Estrela-F. C. Lisboa, às 10 horas.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no Stand do Lumiar, a partir das 14 horas.

Juventude-Arroios (3-5)
Portimonense-Lusitano (3-2)
Olivais-Farense (1-2)
Serpa-Almada (1-2)

A deslocação do Barreirense ao Estoril pode ter um escolho se a equipa da outra margem encerrar a luta com excessiva confiança. O Oriental recebe o Montijo e parece destinado a vencer.

Os jogos de Olhão, Juventude e Portimão são de fácil prognóstico que, não pode deixar de ser favorável aos grupos locais. As partidas a jogar nos Olivais e em Serpa é que são de mais difícil vaticínio, ainda que não esqueçamos o factor «casa».

PROVAS DA A. F. L.

Os 28 desafios de amanhã

Concluído o Campeonato Distrital da 1.ª Divisão, a actividade da A. F. L. passa, a partir de amanhã, a ser menos intensa. Todavia, são, ainda assim, quatro os torneios que estão em curso, os quais nos reservam para amanhã os seguintes 28 desafios.

Campeonato Distrital da 2.ª Divisão (jogos em atraso) — Vialonga c. E. Amadora, em Vialonga; e Santa Iria c. Desportivo Castelo, em Santa Iria — ambos às 15 horas.

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — **Série A** — Bom Sucesso c. Cascalheira, em Algés; Oeiras c. Unidos de Algés, no E. Nacional; B. de Inglaterra c. Linda-a-Velha, em «Pina Manique», e Carcavelos c. Alto da Eira, em Carcavelos. **Série B** — Queluz c. Lourel, na Amadora; Montelavarenses c. Vila Verde, em Montelavar; Belas c. Mucifalense, em Belas; Malveira c. 1.º de Dezembro, na Malveira. **Série C** — Camarate c. Bucelenses, em Camarate; Tojal c. Pinheiro de Loures, no Tojal; Povoense A. C. c. Canéças, na Póvoa; Loures c. Pontes de Frielas, em Loures; Castanheira c. Zambujalense, na Castanheira.

Todos estes encontros se realizam às 15 e 30 horas.

Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão — 2.ª fase — **Série A** — Benfica c. Atlético, no Campo Grande; Belenenses c. Vilafranquense, no Restelo — ambos às 10 e 30 h. **Série B** — Sporting c. Casa Pia, em Alvalade, às 11 horas; Oriental c. Estoril, no campo «Eng. Carlos Salema», às 10 e 30 horas.

Campeonato de Juniores da 2.ª Divisão — **Série A** — Operário c. Santa Catarina, em Chelas, às 10 e 30 horas; Cascalheira c. Vitória, em «Pina Manique», às 10 horas; Mirantense c. Tarujense, em Moscavide, às 11 horas. **Série B** — Carcavelos c. Futebol Benfica, em Carcavelos; Sintrense c. Cascais, em Sintra — ambos às 10 e 30 horas. **Série C** — U. Povoense c. Odivelas, na Póvoa; Camarate c. Sacavenense, em Camarate; Alverca c. Desp. Olivais, em Alverca — todos às 10 e 30 horas.

O Benfica

campeão invencível

no «Regional» de basquetebol

A última ronda do Campeonato Regional de Basquetebol, na divisão de honra, proporcionou-nos de certo modo a agradável nota de o Benfica conquistar sem derrotas o título regional, que, verdade se diga, lhe assenta excelentemente. Os «encarnados» invencíveis nos resultados que obtiveram foram em todo o decorrer do torneio a equipa mais homogênea, aquela que menos irregularidade demonstrou, apesar de ter sido feliz em duas ocasiões.

O Benfica, dentro deste pensamento, foi o vencedor com todo o mérito, revelando ser a equipa de maior poder de encastamento e, sobretudo, com um fio de consciência técnica.

Os «azuis» que tiveram um começo extraordinário, revelando naquela ocasião ser a equipa mais esca-recida do campeonato e que desfrutaram de um período aureo, decaíram depois um pouco e frente ao novo divisionário — o Liberdade — inferiorizaram-se de tal maneira que podem lamentar-se de ter perdido nestes dois encontros a corrida para o título.

O Sporting decaiu este ano, de tal maneira, que se tornou a sombra da sua sombra. O factor desinteresse, aliado a uma causa psicológica que minou e destruiu toda a estrutura da equipa fez o resto. Por outro lado, o abandono de alguns bons praticantes e a baixa de forma de outros, mais auxiliou a queda vertical da equipa que levará de novo longo tempo a recompor-se.

Dos três representantes da Associação de Lisboa, no campeonato nacional, cujo sorteio se realizou esta noite na sede da Federação Portuguesa de Basquetebol, há que referir que possuem estilos e táticas diferentes sendo, portanto, o seu papel de muito interesse.

Dos outros clubes, assinala-se a acção do Liberdade, que apesar da sua inexperiência na Divisão de Honra se houve com mérito situando-se logo a seguir aos mais cotados. Revelou coesão na sua defesa e, por vezes, espírito despojeado do no sector do ataque.

O Campo de Ourique com um golpe final extraordinário e à base de entusiasmo e ainda apoiando-se nas excelentes marcações do seu jogador Aires, safou-se da luta para a descida de divisão que ficou circunscrita ao Atlético, Tabacos e Nacional. Estes dois últimos grupos, com altos e baixos, foram tateando terreno até se fixarem numa posição que lhes evitou, pelo menos, esta época a descida à divisão inferior. Finalmente, a equipa do Atlético, com tradições na modalidade, quebrou pela espinha dorsal, afundando-se jornada a jornada.

A classificação final ficou assim ordenada:

J. V. E. D. Marc. P.					
BENFICA	14	14	—	—	801-491 42
Belenen.	14	10	—	4	740-575 31
Sporting	14	9	—	5	684-556 32
Liberd.	14	7	—	7	551-603 23
C.A.C.O.	14	6	—	8	538-712 26
Nacional	14	5	—	9	490-601 22
Tabacos	14	3	1	10	543-729 21
Atlético	14	1	1	12	420-666 17

A questão do segundo lugar está ainda por decidir. Isto é, se o protesto apresentado pelo Sporting tiver provimento a partida com os «azuis» terá de repetir-se, descontando-se, assim, a classificação três pontos a Belenenses e um ao Sporting. Ambos os clubes em igualdade de pontuação disputarão.

HOJE, À NOITE

BADMINTON—Na Alameda, a partir das 21 horas: Técnico-Benfica e Direito-Lisboa Ginásio. Em S. Bento: Triângulo-Sporting. Jogos da 1.ª Divisão.

No ginásio da Escola Nuno Gonçalves, à mesma hora, para a 2.ª Divisão: Sporting B-Oriental e Benfica-Técnico.

BASQUETEBOL—Em Xabregas, às 22 horas: Oriental-Carnide, em 2.ª categoria.

HÓQUEI EM PATINS—No Pavilhão dos Desportos, a partir das 21 horas, últimos jogos do torneio para a «Taça de Honra»: Sul: Mundet-Vila-Franquense, Paços-Oeiras, Cascais-Benfica e Campo de Ourique-C. U. F.

TÊNIS DE MESA—Nos Estádios do Restelo e de Alvalade, às 21 e 30 horas, de frontam-se as equipas de senhoras do Belenenses e Sporting (A) e Sporting (B)-Benfica.

o jogo repetição e o que ganhar conquistará o segundo lugar.

Sporting, 63-Tabacos, 23
(ao intervalo: 33-13)

Os «leões», actuando sem preocupações, fizeram uma boa partida, facilitada, na verdade, pelo adversário que não se empenhou grandemente. Na segunda parte o Sporting evoluiu com muito á-vontade e José Mário em subida de forma pôde desta vez ser o melhor marcador da equipa. No Tabacos, Pinto, revelou engodo pelo cesto e daí ser o jogador mais activo nos lançamentos. Exibição discreta do americano Delk e de Amaral.

C. de Ourique, 41-Atlético, 31
(ao intervalo: 24-12)

Os Campouriquenses, em jeito de contra-ataque, perturbaram durante o primeiro tempo o sistema defensivo do Atlético. Apenas o alcantarense Jacinto se mostrou empenhado nos contra-ataques. Aires, do Campo de Ourique, ainda que aos repêlões, fez quase metade da marcação dos pontos da sua equipa.

Benfica, 70-Belenenses, 54
(ao intervalo: 33-22)

Com um começo estonteante o Benfica ganhou avanço no marcador. Pouco a pouco, o Belenenses assentou jogo e forçou os campeões a cuidarem com atenção do seu cesto. Neste ligeiro período de ascensão do Belenenses, registaram-se jogadas perfeitas. Com o aproximar do intervalo, os «encarnados» voltaram a exercer pressão e com a sua meia distância a funcionar esplendidamente obtiveram uma vantagem de uma dezena de pontos. No segundo tempo, os «azuis» tardando em contrariar os lances acutilantes de Julio Campos, José Alberto e Luís Santos, viram o seu cesto assaltado com invulgar entusiasmo. A vantagem aumentou e podia ter ido mais longe se um pouco antes do fim da partida os «azuis» não se recompussem. Vitória certa e natural do Benfica, Franco, do Belenenses, obteve mais de metade da pontuação da sua equipa (30 dos 54). Furtado, Pires e Julio Campos, foram os três grandes marcadores dos «encarnados».

Liberdade, 31-Nacional, 35
(ao intervalo: 21-18)

Jogo de duas faces. A primeira com toda a cor e sabor do Liberdade e a segunda inteiramente de supremacia do Nacional. O triunfo final dos rapazes de S. Bento aceita-se pelo entusiasmo que puseram nas jogadas. Ferreira, foi o melhor marcador do Nacional (15) e José Maria, do Liberdade (15).

O Sporting estagia em Albergaria-a-Velha

ALBERGARIA-A-VELHA, 16 — Como de costume, encontra-se a estagiar nesta vila, na «Casa da Alameda», a equipa do Sporting Clube de Portugal que, amanhã, em Coimbra, jogará uma partida decisiva para as suas aspirações.

O Sporting, que goza na região de muitas simpatias, distingue-se sempre Albergaria-a-Velha para os seus estágios quando se desloca a Coimbra ou ao Porto, utilizando também o campo do Alba para treinar. E porque do seu «team» faz parte Seminário é uma autêntica romaria a vinda a Albergaria dos milhares de adeptos deste clube, ansiosos por verem de perto aquele famoso jogador e também os outros elementos do Sporting.

PRINCIPIOU HOJE

o 46.º curso de Inverno para comandantes de castelo da Mocidade Portuguesa

Iniciou-se esta tarde, às 14 e 30, o 46.º Curso de Inverno da Escola Nacional de Graduados da Mocidade Portuguesa, instalada na Quinta da Graça (Cruz Quebrada), sob a direcção do sr. eng. Carlos da Silva Lima.

Também em Coimbra e no Porto começaram hoje a funcionar os respectivos Cursos de Inverno para comandantes de castelo que têm Bartolomeu Dias, por patrono, terminando como habitualmente no fim de Abril.



Um aspecto da entrega de prémios

A distribuição de prémios aos motoristas de «táxis» de Lisboa

Como ontem noticiámos, cento e trinta e sete condutores de táxis receberam, durante uma expressiva e concorrente cerimónia, prémios do Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa por terem ali depositado objectos achados nos carros que conduziam, no decorrer do último semestre. Assim, aquele prestigioso organismo distingue os honrados motoristas de praça, dignificando-se a si próprio. Em atmosfera de grande entusiasmo, foi posta em relevo, pelo presidente da direcção da Federação Regional do

PROJECTA-SE a construção de automóveis submarinos

WASHINGTON, 16. — A possibilidade de se construírem petroleiros submarinos, assim como automóveis capazes de circular no fundo dos mares, foi sugerida por William Atkinson, da «General Dynamics Corporation», a cuja filial foi entregue a construção de submarinos atômicos. Revelou que a sua companhia estuda neste momento a possibilidade de serem construídos petroleiros para abastecerem submarinos imersos.

Disse também estar em negociações com uma firma para a construção eventual de unidades em alumínio, munidos de rodas, e que se deslocariam no fundo do mar, como «automóveis submarinos, com vigias para permitir ver o que se passa nas proximidades». — (F. P.)

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Julia da Encarnação de Oliveira

Faleceu a sr.ª D. Julia da Encarnação de Oliveira, de 65 anos, natural da Batalha. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da Rua de S. Domingos, à Lapa, 40, 1.ª, para o cemitério de Benfica.

D. Maria Parada Paiva

POMBAL, 16. — (Pelo telefone). — Faleceu nesta vila a sr.ª D. Maria do Carmo Parada Fonte Paiva, de 57 anos, casada com o sr. dr. Anibal Blanc Paiva, médico nesta vila.

Era mãe dos srs. dr. António Guimercindo Paiva Parada, médico em Moçambique, dr. Fernando Parada, médico em Lisboa, D. Maria Teresa Paiva Parada Ramos, casada com o sr. dr. José Lopes Ramos, advogado em Lisboa e D. Helena Paiva Parada Quina-Ferreira, casada com o sr. eng. Quina-Ferreira. A extinta reunia grandes qualidades de espírito que cativavam quem a conhecia. A sua morte foi muito sentida em Pombal, onde era justamente estimada e admirada. O seu funeral realiza-se hoje, às 17 horas.

FUNERAIS

D. Maria Lucia Ribeiro Pereira Praça

Por notícias recebidas de S. Paulo

(Brasil) sabe-se que constituiu uma das mais significativas manifestações de pesar, ultimamente ali realizadas, o funeral da sr.ª D. Maria Lucia Ribeiro Pereira Praça, virtuosa esposa do sr. Alberto Praça Filho e filha do com. Pereira de Queiroz.

A inditosa senhora, que morreu aos 40 anos, deixou 2 filhos menores. Embora nascesse no Brasil, a sua simpatia e devoção por Portugal e por tudo quanto é português, tornaram-na queridíssima dos portugueses de S. Paulo, que em seu pai e em seu marido encontram dois dos seus mais generosos orientadores e chefes.

D. Estela Sá Brandão

Faleceu no Rio de Janeiro a sr.ª D. Estela de Sá Brandão, uma das senhoras mais distintas da colónia portuguesa do Brasil. Distinta pela sua educação finíssima e pela sua superior cultura, que a rodeavam no norte de Portugal, onde viveu muitos anos, e em Petrópolis, onde nos últimos tempos residia, da simpatia e estima gerais. Autora de vários livros, possuidora das maiores virtudes, entre as quais a bondade, que a fazia interessar constantemente pelos males alheios e procurava minorá-los, a sr.ª D. Estela Brandão era esposa do sr. Heitor Esteves Brandão, antigo banqueiro e um dos camilianistas mais devotados quer no nosso País, quer

Em plena cidade

a G. F. apreendeu com contos de contrabando

Em plena cidade, no Largo de Santa Bárbara, a Guarda Fiscal, efectuou uma importante apreensão de vários artigos de contrabando, no valor aproximado de cem contos, prendendo, simultaneamente, dois contrabandistas.

Já a noite ia adiantada quando os guardas repararam na presença suspeita de um automóvel «Opel-Record», no qual se encontravam dois indivíduos. Como não possuíam documentação relativa às mercadorias que transportavam, foi-lhes dada ordem de prisão, ao mesmo tempo que os captores apreendiam o contrabando: grandes quantidades de boiões de compota de frutas, produtos desodorizantes, caixas de pó-de-arroz, cremes de barbear, combinações e meias de «nylon», para senhora; frascos com «drops», fatos de banho e outras peças de vestuário, etc.

O carro ainda não fora completamente pago pelos contrabandistas, que faziam a sua liquidação em prestações.

Após o completo balanço das mercadorias apreendidas, estas serão depositadas no armazém de leilões de Alfândega, onde será recolhida, também, o automóvel.

As investigações prosseguem e os dois presos, uma vez concluído o processo, serão remetidos ao tribunal competente, para julgamento.

Os funerais das vítimas do desastre da Avenida efectuam-se amanhã

Foi a conversa de hoje, em Lisboa inteira, o trágico desastre de viação ocorrido ontem à tarde na Avenida da Liberdade. Duas mortes e um homem em estado grave, foi o balanço. O lamentável desastre que, como noticiámos ontem mesmo, em segunda edição, ocorreu a meio da Avenida, foi originado pelo peão sr. capitão João Silva que nele perdeu a vida. Assim o disseram as testemunhas oculares e o sinalizador ali em serviço, o guarda 2959 da P. S. P., sr. João Gomes Machado. O sr. capitão João da Silva, de 74 anos, morador na Rua Tomás da Anunciação, 26 rés-do-chão, esquerdo, atravessava a Avenida um pouco mais abaixo da placa destinada a peões.

Alberto o sinal aos veículos logo o sr. eng.º Artur Durão Sacadura Cabral, que descia a Avenida guiando o seu automóvel e no qual seguia o sr. Jaime Honório Santos Oliveira, iniciou a marcha do seu carro.

Procurando evitar o desastre cuja iminência viu, fez uma travagem

rápida, guinando para a esquerda. Da manobra resultou ir embeter, com grande violência, no autocarro n.º 282, da carreira Restauradores-Alvalade, que subia, na sua mão, aquela artéria, conduzido pelo motorista da Carris n.º 6382, Raul Nunes de Sousa, morador na Rua José Duro, 23, 3.ª, esq., que ficou ligeiramente ferido num pulso.

No desastre perderam a vida o causador involuntário e o condutor e proprietário do automóvel. Ficou gravemente ferido o sr. Jaime Honório Santos Oliveira, de 41 anos, solteiro, dentista, natural da Chamusca e morador na Rua Poeta Milton, 3, 2.ª, esq. Conduzidos os três ao Hospital de S. José, os dois primeiros chegaram mortos ao banco e o terceiro, muito ferido e em estado muito grave, ficou internado na sala de observações.

Ao fim da tarde os corpos dos eng.º Artur Durão Sacadura Cabral e capitão João Silva, são trasladados da Morgue para as igrejas da Estrela e do Santo Condestável, respectivamente, onde ficarão em camaras ardentes.

Amanhã efectuam-se os funerais de ambos.

O do eng.º Artur Durão Sacadura Cabral, a cargo da Agência Barata, sairá da igreja às 11 horas, para o cemitério do Alto de S. João, onde ficará depositado em jazigo de família. O funeral do sr. capitão João Silva, a cargo de «A Funerária Lisbonense», sairá da igreja às 11 e 30 para o cemitério do Alto S. João, onde o corpo ficará sepultado no talhão privativo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

EMPREGADOS

GREVISTAS

dos C. T. T. argentinos foram despedidos

BUENOS AIRES, 16. — Uma centena de empregados dos C. T. T. que ontem não se apresentaram ao serviço, foram avisados por carta, terem sido despedidos.

A situação crítica nos C. T. T. argentinos continua desde o movimento da greve de «braços caídos» começada em 1 de Janeiro. Os sacos postais amontoam-se nas estações e a distribuição de cartas é apenas feita parcialmente.

Há a assinalar algumas iniciativas particulares tendentes a suprir a insuficiência dos serviços oficiais, mas a verdade é que serão necessários ainda uns 15 dias para normalizar a situação na distribuição do correio em Buenos Aires. — (F. P.)

Em ALHOS VEDROS o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MEIRO

O novo horário dos funcionários nas repartições dos vários departamentos e nos gabinetes ministeriais

(Continuação da 1.ª página)

estão encerrados todos os serviços do seu ministério.

No Ministério da Defesa mantêm-se abertos os serviços que já são condicionados por um horário especial. Deste modo, é intenção do sr. general Botelho Moniz estar no seu gabinete nas tardes de sábado.

Dado que as suas funções ministeriais não se coadunam com a fixação de um horário rígido, também o titular da pasta do Exército não pode estabelecer, antecipadamente, se o seu gabinete poderá aproveitar o novo horário.

O ministro da Marinha ainda não decidiu se o pessoal do seu ministério pode utilizar o novo horário, que está a ser estudado.

O ministro da Justiça espera poder utilizar o sistema de «semana inglesa». O seu ministério encerrou-se hoje às 12 e 30 só voltando a abrir às 9 horas de segunda-feira.

Quanto ao Ministério das Obras Públicas, o titular da pasta tenciona trabalhar em casa, por não querer prejudicar os funcionários do seu gabinete.

No Ministério das Finanças, onde todo o pessoal cumpre o novo horário, o titular da pasta também não compareceu à tarde no seu gabinete, pois quis dar o exemplo aos seus funcionários. Porém, o prof. Pinto Barbosa não exclui a possibilidade de ir trabalhar ao seu gabinete nas tardes de sábado.

O ministro da Economia também dedica a tarde de sábado a trabalhar na sua residência. No entanto, em casos excepcionais, admite que os funcionários deste ministério tenham de regressar ao seu serviço na tarde de sábado.

No Ministério da Educação o novo sistema será cumprido em todos os serviços, dependendo, no entanto, o horário do pessoal do gabinete do serviço do titular da pasta.

O ministro da Saúde deu ordens para que seja rigorosamente cumprido o novo horário, ainda que ele e os seus mais directos colaboradores contem trabalhar nas tardes de sábado.

O ministro das Corporações deu instruções para que todos os funcionários do seu ministério utilizem a «semana inglesa», podendo no entanto, prolongar-se o trabalho dos serviços em alguns sábados, se assim o exigirem certos trabalhos inadiáveis.

O ministro das Comunicações manterá junto de si, nas tardes de sábados, os seus mais próximos colaboradores, observando-se nos serviços o horário estabelecido por lei.

O ministro dos Negócios Estrangeiros irá, no sábado à tarde, ao seu gabinete, apesar de alguns dos serviços daquele departamento de Estado encerrarem.

No Ministério do Ultramar todos os funcionários saíram às 12 e 30, só voltando às 9 horas de segunda-feira. No gabinete do titular da pasta,

pasta, no entanto, onde os trabalhos se prolongaram para além das 12 e 30, não é possível ainda estabelecer qual será o sistema rigorosamente adoptado.

A satisfação dos funcionários

Nos serviços dos diversos ministérios o novo sistema de «semana inglesa», foi recebido com evidente satisfação. De acordo com as rápidas declarações que recolhemos em sectores diversos de ministérios diferentes, verifica-se que o novo horário corresponde, de uma maneira geral, aos interesses do funcionalismo. Eis o que nos foi declarado em breves conversas telefónicas, que pode ser tomado como os sentimentos gerais dos funcionários, de todas as escalas, desde a mais elevada hierarquia.

Um director-geral

O eng.ª Ferreira do Amaral, director-geral dos Serviços Industriais, afirmou-nos:

«Não me é possível utilizar o fim-de-semana como desejaria. Apesar de não ir ao meu gabinete nas tardes de sábado trabalharei em casa, dado que a quantidade e a complexidade dos meus afazeres não

de-semana, de acordo com o novo horário e em cumprimento das ordens rigorosas dadas superiormente.

— Como vai aproveitar a sua primeira tarde de sábado livre?

— Ainda não sei. Talvez por falta de hábito... Irei a um espectáculo, provavelmente a «Diálogos das Carmelitas», ou ficarei em casa a arrumar os meus livros e papéis.

— Acha, pois, agradável o novo horário?

— Agradável e útil. Creio que nenhum funcionário deixará de concordar com isto.

Uma 3.ª oficial

A sr.ª D. Ercília Ferreira, 3.ª oficial do Ministério das Finanças, casada, afirmou:

«Concordo em absoluto com o novo horário. Poderei fazer compras muito úteis. Hoje, irei comprar algumas coisas que necessito urgentemente.

Uma telefonista

A voz amável e clara da telefonista não hesitou:

«Irei para junto da minha filha, que tem vinte meses.

E a sr.ª D. Maria de Lourdes da



Os funcionários abandonaram os ministérios para o almoço e para o seu primeiro fim-de-semana do novo sistema

me permitem dispensar uma tarde. Não posso fazer quaisquer planos e creio que as tardes de sábado continuarão a não me pertencer.

Um chefe de repartição

O dr. José Carlos Ferreira, chefe da repartição do Trabalho do Ministério das Corporações, disse-nos: — Todo o pessoal do ministério tem já a partir de hoje o seu fim-

Silva Costa, Telefonista do Ministério da Justiça há dois anos, disse-nos ainda:

«No Verão poderei ir para a praia. Julgo que os benefícios do novo horário se farão sentir mais durante o Verão.

Um contínuo

— Hoje vou tratar de negócios! — disse-nos o sr. Veríssimo Alves, contínuo no Ministério da Educação Nacional.

— Este horário é ótimo. Poderei ir ao futebol quando quiser. E no Verão, quando o calor apertar, irei para a praia, ou para o campo!

Nos organismos de coordenação económica

Os funcionários dos organismos de coordenação económica também tiveram hoje a tarde de sábado livre, visto o novo horário os abrange.

A VENDA NAS LIVRARIAS

“A EPOPEIA DA PLANÍCIE”

o consagrado livro de
ANTÓNIO SARDINHA

Ed. vulgar ... Esc. 40\$00
» especial ... » 120\$00

Preços especiais para assinatura

POR FAVOR, NÃO ESQUEÇA! NÃO CONFUNDA!

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRAÇA, 257, com mais de meio século de existência.



O subsecretário da Educação, á esquerda, durante a visita aos armazens

40 mil peças de roupa começaram hoje a ser distribuídas por crianças pobres das escolas de todos os distritos do continente

Dos armazéns do Commissariado do Desemprego, na Junqueira, começaram hoje a sair, em camiões daquela entidade, milhares de peças de roupa, enviadas por iniciativa do Ministério da Educação Nacional, através da sua Secção de Assistência Escolar, para ser distribuídas por crianças pobres das escolas de todos os distritos. E, como era natural, a distribuição começará pelas regiões mais frias.

Aqueles armazéns, onde se viam empilhadas as roupas a expedir, foram, de manhã, visitados pelo sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, que foi acompanhado pelos srs. dr. Gomes Belo, director-geral do Ensino Primário, e major Arrochela Lobo, comissário de Desemprego, que manifestou aquele membro do Governo a satisfação com que o organismo que dirige colabora em tão bela e generosa obra assistencial.

O dr. Rebelo de Sousa agradeceu essa colaboração; e, em seguida, foram fornecidas aos representantes da Imprensa informações referentes à iniciativa:

Pelos 533.845 alunos beneficiados, em todo o País, pelas caixas escolares, têm sido, de alguns anos a esta parte, distribuídos, segundo um critério baseado na proporção numérica, milhares de blusões, para rapazes, e de saias.

Este ano são distribuídos 15.000 blusões e 15.000 saias, e, pela primeira vez, vestidos, para raparigas, e calças para rapazes: 5.000 de cada. Ou seja um total de 40.000 peças.

Houve a preocupação de conseguir uma melhor qualidade, embora em detrimento da caridade.

UM NEGOCIANTE E UM MÉDICO reconhecem Anastásia

FRIBURGO - EM - BRISGAU, 16. — Duas novas testemunhas declararam-se aptas a provar que a sr.ª Anderson é realmente Anastásia, a filha mais nova do czar Nicolau da Rússia.

A primeira é um negociante, estabelecido na Floresta Negra, que viveu em S. Petersburgo até 1918. Afirma que, na altura em que saiu daquela cidade, em Julho de 1918, toda a gente sabia que a filha mais nova do czar tinha conseguido escapar à chacina da sua família e fugira com a ajuda de um soldado do Exército Vermelho.

A segunda testemunha — um médico — deseja apresentar ao Tribunal de Hamburgo fotografias que tirou por ocasião da visita da família do czar ao Hesse, antes da primeira guerra mundial. — (F. P.).

SERVÍCIOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta 253 — Teler 24564

PASTA MEDICINAL
Coruto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

por se achar ser preferível agasalhar devidamente as crianças contempladas, com roupas de pura lã. Para conseguir um maior rendimento da verba destinada a tal iniciativa, a Secção de Assistência Escolar não só pediu amostras a todas as fábricas, para efeito de qualidade e de preço, mas conseguiu fazer as aquisições através da Federação Nacional dos Produtores de Lanifícios, com um grande desconto.

As fazendas vieram das fábricas para os armazéns da Junqueira, em cujo primeiro andar funcionam do Commissariado do Desemprego, segundo moldes, as talharam com tesouras eléctricas. Dali saíram para costureiras particulares que, por empreitada, as coseram e concluíram o seu fabrico.

A GATA choca os ovos na ausência da galinha

PÁDUA, 16. — Podia muito bem ser o assunto da fábula: uma gata, na ausência da sua amiga galinha, choca os ovos até esta voltar.

Com efeito, a gata, que pertence a uma lavradora dos arredores desta cidade, presta a sua dona um duplo serviço: caça os ratos e auxilia a galinha a chocar os ovos. Cada vez que o galináceo tem de sair do ninho para comer, a gata substitui-a conscientemente e, no seu regresso, não põe dificuldades para lhe ceder o lugar.

«Menin» — a gata — desempenha estas funções há alguns dias e parece decidida a auxiliar a sua amiga até ao fim.

Há curiosidade em saber o que fará ela quando dentro de pouco tempo aparecerem pintainhos. — (F. P.).

OURO E PRATA
GRANDE VARIEDADE
fabrico próprio
OURIVESARIA SANTA FILOMENA
Largo Manuel Emidio da Silva, 9-9
Telefone 783092
(Frente ao portão do Jardim Zoológico)

segredo
Alma do
NA
EMPRESA PREDIAL N
Há Protecção e valorização

COMPRAR VENDA
HIPOTECAR DE
PROPRIEDADES
PRATO
PRAÇA D. JOÃO I, 25-1-0-TELEF. 26706-30181 - PRAÇA DA A

Terminaram hoje as inscrições para a Exposição Canina Internacional patrocinada pelo “Diário de Lisboa”

Termina hoje, á meia-noite, impreterivelmente o prazo de inscrição na 33.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que, promovida pelo Clube Português de Canicultura, e com o patrocínio do nosso jornal, se realizará nos dias 30 e 31 deste mês, no pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas.

O numero de inscrições recebidas transcende toda a expectativa, elevando-se a algumas centenas. Como no Inverno passado, em que o festival dos cães obteve assinalado êxito, a exposição deste mês caracteriza-se especialmente pela enorme variedade de raças. Há a acrescentar, todavia, o facto de nela participarem muitos animais adultos importados do estrangeiro.

Por outro lado, existe ainda o atractivo da vibrante competição

ACORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

(Continua na 13.ª página)

REFERENCIA 58

30%

Françoise Sagan

anunciou o seu divórcio

- Horários desencontrados
- Medo da velhice
- Os êxitos literários

PARIS, 16. — A solidez do matrimónio Françoise Sagan-Guy Schoeller já não convencia ninguém, há muito tempo... As dissidências começaram mesmo durante a lua-de-mel e não eram necessários dons proféticos para prever o final.

Sagan confirmou agora o seu divórcio com as seguintes palavras: — «Tomámos esta decisão e podemos crer que me entristece muito. No entanto, não podíamos continuar assim. Era absurdo! Acontecia-nos viver no mesmo ritmo, mas só de longe em longe...».

Guy Schoeller, director do serviço dos exclusivos da Livraria Hachette, que desposou a escritora em 13 de Março de 1958, tem 45 anos; mais 22 do que Sagan.

Deitava-se às 4 da manhã

— «Eu deitava-me às 4 da manhã — continuou a escritora, quando fazia as suas declarações — Ele levantava-se às 7 para fazer equitação. Penso que o ideal é viver a dois e ter filhos. Pela minha parte, farei uma nova tentativa, certamente...».

Estas afirmações não coincidem, em parte, com o que se diz do malogro do casamento. Segundo muitos conhecidos do casal, Guy Schoeller preferia uma existência mais tranquila, subordinada ao lar e aos filhos, enquanto Sagan optava pela vida de esturda de convívio com outros artistas da Margem Esquerda... Era aí que ela seleccionava as suas amizades.

Ficção e realidade

Nos seus romances, Sagan apresenta sob luz bastante favorável os casos de amor entre raparigas e homens de idade consideravelmente superior. Contudo, a diferença de idades é uma das razões que ela aponta como tendo influído na separação...

— «Quando um homem casa com uma mulher muito mais nova, esta começa a envelhecer com uma rapidez terrível. Na realidade, ao deixá-lo, procuro voltar a encontrar a minha mocidade — disse ela com a tristeza que acompanhou as suas declarações aos jornalistas.

Disse também que encarregará o seu advogado de tratar do processo de divórcio, depois de não ter recebido resposta satisfatória à pergunta que fizera ao marido: — «Não achas que é absurdo continuarmos a coexistir sem realmente vivermos?».

Na verdade, as frases e o ambiente de todo este caso são profundamente marcados pelo estilo «à Sagan».

A carreira da escritora

Françoise Sagan — que se chama realmente Françoise Quoirez e encontrou o pseudónimo em Proust, um dos seus escritores dilectos — teve, como é sabido, uma carreira literária fulgurante. Iniciada exactamente em 5 de Janeiro de 1954, quando enviou ao editor um manuscrito com o título «Bonjour tristesse»... Vinte dias mais tarde, o manuscrito entrava na tipografia. E 400 mil exemplares foram vendidos num ano. Com igual êxito de livraria, seguiu-se «Um certain sourire», já adaptado ao cinema como o anterior, que levou François Mauriac a escrever em artigo de fundo:

— «Sagan é um monstro delicioso e uma menina levada da breca...».

Mais dois romances — «Dentro de um mês, dentro de um ano» e «Gosta de Brahms...» —, um grave desastre de automóvel, que a reteve durante algum tempo entre a vida e a morte, e um «ballet» fracassado, são outros factos da existência de Sagan, além do casamento com Schoeller.

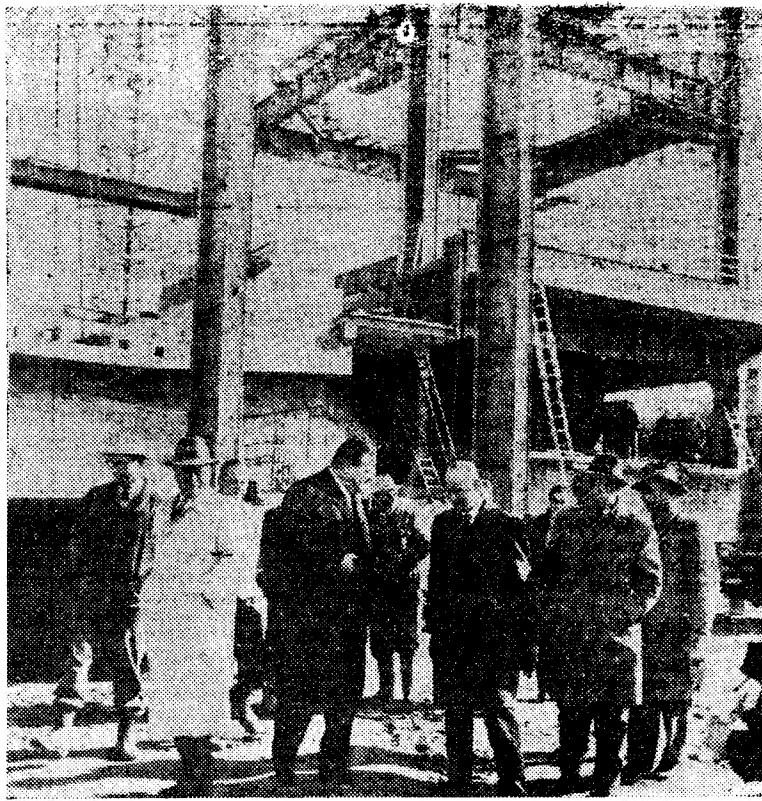
Em Fevereiro, deve estreiar-se a sua peça «Um castelo na Suécia» que é aguardada com grande interesse.

«Gosta de Brahms», o seu último romance, de que a primeira tiragem constituiu imediatamente um êxito com 150 mil exemplares vendidos (era dedicado a «Guy» e houve muitas pessoas que viram no herói do romance o próprio Guy Schoeller. No entanto, a mulher volta para a companhia do marido, no último capítulo do livro...

Que surpresas nos reservará ainda Françoise Sagan? O divórcio por mútuo consentimento, não existe em França. O perfeito acordo dos cônjuges em se separarem tem o risco de não convencer as instâncias judiciais...

Dentro de um mês, dentro de um ano...

Entretanto, Sagan voltará provavelmente ao mundo da juventude em que o seu quarto assemelhava um quarto de rapaz, não tendo flores, nem quadros, nem fotografias. Apenas livros, discos e uma máquina de escrever: o mundo do «Bom dia tristeza». — F. P. e A. N. I.).



O ministro alemão com os técnicos do seu país, junto dos altos fornos

O ministro alemão da Defesa que visitou as obras da Siderurgia Nacional observou o ambiente de um «café» lisboeta



O dr. Strauss sauda o sr. António Champalimaud

O ministro da Defesa da Alemanha Ocidental, dr. Strauss, que teve o último dia da sua permanência em Portugal completamente livre, visitou as obras da Siderurgia Nacional, percorrendo, embora rapidamente, alguns dos pontos de maior interesse turístico da margem esquerda do Tejo. Na companhia dos srs. coronel Santos Paiva e major Vieira Lemos esteve, numa das horas de maior movimento, num «café» da Baixa, onde se demorou durante algum tempo e foi saudado por alguns frequentadores e populares, que o reconheceram.

Aquele estadista saiu logo de manhã do Forte de São Julião da Barra.

(Continua na 10.ª página)

EM 3 LINHAS

O «Diário do Governo» publicou hoje o antepiano de urbanização de Viseu, indicando a área sujeita ao encargo de mais-valia.

Foi hoje publicada a lista de antiguidade do pessoal superior do Comissariado do Desemprego.

Foi fixado o perímetro de protecção do castelo de Alter do Chão.

Está publicado o n.º 11 do «Boletim de Propriedade Industrial», referente a Novembro passado.

Em Samora Correia vai ser construído um bairro de casas para famílias pobres, que custará 1 420 contos.

Foi homologada a fusão da Associação de Socorros Mútuos Renascença Popular Portuguesa com a Associação Portuguesa de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas, ambas com sede no Porto.

Vai haver um concurso público para o fornecimento de 140 mobílias para escolas primárias, sendo a base de licitação de 1 131 contos.

O Ministério do Ultramar vai adquirir, por concurso público em 16 de Fevereiro, duas chalupas, de 20 toneladas, destinadas ao Governo da província de Moçambique.

BOSCH
Ferramentas Eléctricas

Eng.º GUSTAVO CUDELL
Lisboa - Telef. 710342

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Nordeste e o céu estava limpo por acção duma massa de ar polar transportada na circulação dum anticiclone centrado a sul da Islandia.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Portalegre, 1°; Porto, 2°; Lisboa, 4°; Coimbra e Faro, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 6°; na água do mar, 12°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 8,8; mínima, 4,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16,0; mínima, 7,3.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Continuação do tempo frio, com céu geralmente limpo. Vento fraco de Nordeste.



Urbano Tavares Rodrigues

A bordo do «Caravelle» partiu hoje para Paris, a convite da «Air France», por intermédio do departamento de Relações Públicas da «Cies» (agência de publicidade daquela companhia de aviação em Portugal) o nosso prezado camarada de redacção dr. Urbano Tavares Rodrigues, que dali seguirá na próxima segunda-feira para os Estados Unidos. Neste país, a convite das Fábricas Boeing e integrado num grupo de jornalistas dos principais periódicos europeus, visitará as linhas de montagem daquela grande empresa em Seattle, no Estado de Washington, nas quais são construídos, entre outros modelos, os aviões a jacto Boeing 707-Intercontinental, recentemente adoptados pela «Air France».

armazens

upa
uadas
colas
nte

vel agasa-
anças con-
e pura lá-
ior rendi-
nada a tal
Assistência
mostras a
efeito de
nas conse-
s através
dos Produ-
um gran-

as fábricas
Junqueira,
funcioná-
Desempre-
talhamam
Dali sai-
particulares
s coseram
ico.

OVOS

linha

muito bem
uma gata,
ga galinha,
volar.

ne pertence
adores des-
na um du-
s e auxilia
ovos. Cada
de sair do
substitui-a
u regresso,
a lhe ceder

- desemp-
guns dias e
liar a sua

ber o que
de pouco
ainhos. —

ATA

EDADE

o

IA

ENA

a Silva, 9-02

Jardim

fredo
a do negócio!

PREDIAL NORTENHA

ção e valorização do s/ capital

HIPOTECA TRANSACÇÕES
S/ AUTOMÓVEIS RÁPIDAS, COLHAM
SEGUROS REFERÊNCIAS

LISBOA

S. 26706-30181 * PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º TELFS. 366812-366731

PAGINA CENTRAL

OSRAM

- isto é qualidade

16-1-960

* Diário de Lisboa

A visita do ministro da defesa da Alemanha

(Continuação da página central)

ra, com destino ao Seixal, acompanhado apenas pelos dois oficiais portugueses e um dos componentes da sua comitiva, seguindo noutro automóvel o embaixador do seu país. Os dois veículos eram escoltados por motociclistas da P. S. P. A entrada principal das instalações da Siderurgia Nacional, foi recebida pelos srs. António Champalimaud, presidente do conselho de administração da empresa, que estava acompanhado pelos seus colegas srs. prof. dr. Inocêncio Galvão Teles, major António Spinola, conde de Caria e eng. Carlos Alves. Presentes, também, os srs. tenente-coronel Gaspar, chefe dos Serviços de Informação; engs. Nobre da Costa director-técnico; Américo de Azevedo, chefe dos estaleiros, e Eduardo Marques da Costa; e ainda o engenheiro alemão, Arnaldo Adam. Fez as honras da casa o sr. António Champalimaud. Após os cumprimentos, formou-se um longo cortejo de automóveis, que percorreu a vasta área da futura «cidade do aço». Foi observado, primeiro, o alto forno, já com toda a sua estrutura e blindagem quase concluídas, assim como o vazamento. Ali estavam reunidos quase to-

dos os técnicos alemães que trabalham na montagem daquelas instalações, à frente dos quais o chefe geral de montagem, sr. eng. Heinrich Helwing, um técnico experientadíssimo, que já dirigiu idênticos trabalhos no Egipto, na Noruega e na Suécia. Depois de receber algumas explicações sobre a obra, e enquanto as restantes individualidades ocupavam os carros à sua disposição, o dr. Strauss contrainformou, por breves momentos, com os seus compatriotas. Seguiu-se a visita à aciaria, à laminagem, que ocupa a maior área coberta de Portugal, com cerca de 50.000 metros quadrados; às obras da central térmica e a outros locais que o visitante analisou do seu próprio automóvel.

Uma hora depois, o ministro alemão concluiu a visita não ocultando as suas excelentes impressões. A despedida, o sr. António Champalimaud voltou a saudá-lo, manifestando-lhe a satisfação que a todos causava a sua visita à grande organização industrial portuguesa. Em breves palavras, falando em inglês, o dr. Strauss agradeceu a cordial recepção, afirmando que a Siderurgia Portuguesa era uns dos valiosos elementos da cooperação luso-alemã.

Um almoço íntimo

O dr. Strauss e o embaixador da Alemanha seguiram, depois, em passeio à Arrábida, que despertou o maior interesse ao estadista, a quem aquele diplomata ofereceu, no regresso a Lisboa, um almoço íntimo. Entretanto, a esposa do ministro e os elementos da sua comitiva ocuparam a manhã em vários passeios pela cidade, fazendo algumas compras.

Esta noite, a última que o dr. Strauss passará em Portugal, irá a um dos restaurantes típicos do Bairro Alto, onde jantará, a convite do sr. ministro da Defesa Nacional e com outros membros do Governo português, e lhe será dado ouvir o fado no seu característico e evocador ambiente.

Um comunicado sobre as conversações

Sobre as negociações entre os dois ministros, e nas quais participou o sr. almirante Sousa Uva, secretário-adjunto da Defesa Nacional, foi elaborado um comunicado oficial o qual será tornado público, simultaneamente, depois de amanhã, na Imprensa portuguesa e da Alemanha Federal.

UM APELO do cardeal Feltin para a paz NA ARGÉLIA

PARIS, 16 — «Se a perspectiva das próximas visitas de chefes de Estado provoca, em vários meios, inquietação e agitação, nós, como padres, temos o dever de nos manter fora dessas actividades» — escreve o cardeal Feltin, arcebispo de Paris, no número de ontem da «Semana Religiosa». E acrescenta:

«A posição da Igreja é clara. Desde há já muitos anos que formalmente condenou o comunismo ateu e pediu que nos mantínhamos em silêncio. Mas estas duas decisões não devem confundir-se com atitudes próprias de partidos políticos».

Evocando depois o «difícil e doloroso problema» da Argélia, o cardeal recomendou aos fiéis que «orem pelo regresso da paz», pois é este «o desejo do chefe do Estado, manifestado com a sua recente viagem àquela província francesa». E terminou:

«Orai igualmente pelo futuro da comunidade francesa, cujas estruturas de base foram apenas delinadas e onde influências estrangeiras e ocultas tentam apoderar-se da mentalidade das populações ainda pouco desenvolvidas».—(F. P.).

Foram descobertos os assaltantes de uma oficina

LEIRIA, 16. — Foram agora descobertos os autores do assalto à oficina electro-mecânica do sr. Herminigildo Agostinho, nesta cidade, onde furtaram, em Maio do ano passado, cerca de 5 mil angulares, uma máquina fotográfica e outros artigos.

A proeza deve-se aos cadastrados Fernando Valente de Abreu, Vasco Alves Duarte e Fernando da Costa que actualmente se encontram a cumprir penas em Elvas, Santarém e Sintra, respectivamente.

O PORTO PELO TELEFONE

Prisão de uma quadrilha que actuava há seis meses

PORTO, 16. — Desde há cerca de seis meses que a P. J. registava com frequência furtos diversos na área da Rua da Alegria que, apesar de central, é das menos concorridas. Os furtos eram praticados por meio de chave falsa ou arrombamento, e sempre a partir da meia-noite, portanto, num quase completo á-vontade. As cabinhas telefónicas também eram frequentemente «visitadas» e roubados os micro-telefones. A Polícia conseguiu, ao cabo de muito esforço, identificar Armando Humberto Carneiro Oliveira, residente na Rua de D. Dinis, 763, como componente da quadrilha, o que a levou a descoberta de mais os seguintes: Fernando Monteiro, da Rua do Alameda, 514, 2.º; Augusto Lobo Ferreira, da Rua do Moreira, 203; Armando Brandão, da Travessa da Póvoa, 392; Juvenal Venancio, da Calçada do Leal, 26, e Adelino Silva Ferraz, da Rua do Bolhão, 125, 4.º, todos primários do crime. Confessaram numerosos furtos, incluindo de alguns automóveis que, depois de utilizarem, abandonavam roubando várias peças que vendiam. Grande parte dos objectos furtados foi já apreendida, e o processo enviado ao tribunal, aguardando aqueles o julgamento sob caução.

Gastou o dinheiro dos alugueres

Na P. S. P. queixou-se o sr. José Oliveira Martins, residente em Vila Meia, Amarante, contra um indivíduo cujo nome mencionou, e que gastou em proveito próprio importâncias destinadas ao pagamento de alugueres de casas.

Abuso de confiança

O sr. Agostinho Lopes Martins, morador na Rua do Heroísmo, 258, queixou-se à Polícia contra uma mulher residente na Travessa de Santo Isidro, acusando-a de se recusar a entregar-lhe uma gargantilha de ouro, no valor de mais de um milhar de escudos, e que há tempo lhe confiara.

Reunião da Sociedade Anatómica

Prosseguiram esta manhã os trabalhos da XVIII Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, no Hospital de S. João. Em dois anfiteatros da Faculdade de Medicina foram apresentadas comunicações pelos dres. Giesteira de Almeida, Sousa Machado, Barbosa Braga, Albano Barros, Abel Tavares, Luis Marvão, Daniel Ferrão, José Flaming Torrinha, Joaquim Bastos de Azevedo, Abóim da Assunção, Bartolo Pereira, Armando Santos Ferreira, Silva Duarte, Galvão Lourenço Horta, Maria Isabel Filipe, Waldemar Teixeira e outros.

Seguiu-se um almoço de confraternização no Lar Universitário Infante de Sagres.

De tarde prosseguiram os trabalhos na Faculdade de Medicina daquele hospital, sendo apresentadas as últimas convocações, e a sessão administrativa com que terminaram os trabalhos da XVIII Reunião.

Falecimento

Na sua residência, Rua Senhor de Matosinhos, em Gaia, faleceu o sr. Alcino Julio Ferreira da Cunha, de 77 anos, viúvo, proprietário. O funeral efectua-se amanhã, pelas 11 e 30, para o cemitério de Agramonte, e está a cargo da Companhia Funerária.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45 — A revista «isto é delas».
NUNO ALVARES — As 21 e 30 — «O Crime da Aldeia Velha».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 45 — «O xerife e a loura».
COLISEU — As 21 e 30 — «O diário de Anne Frank».
S. JOÃO — As 21 e 30 — «A bailarina e o Bom Deus».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A Lei».
TRINDADE — As 21 e 30 — «A Miuda».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Eu, a mamã e tu».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «A Última Verdade».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A volta ao Mundo em 80 dias».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Salomé».

As mangas e o cinzento dominarão na Primavera a moda feminina nos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

o seu modelista, adopta de manhã à noite todas as cores berrantes da paleta primaveril.

Roger Karl, da Casa Jean Patou, apenas adopta o género «vamp» ao anoitecer. A Parisiense veste então longas tunicas sofisticadas, e tem os braços e o colo repletos de fiéis de pedrarias de todas as cores.

Pierre Cardin também tira os maiores efeitos da cor, e sobretudo para o jantar e depois do jantar, as mais garridas triunfarão. Todos os seus vestidos para o tarde são acompanhados de casacos de seda, leves, do género guardapo, sem botões, que deixam entrever o vestido.

Jacques Griffe não marcou a cintura em sítio fixo. Aqui, a linha direita é favorita; Jacques Griffe renuncia aos enfiados de que se tornou especialista, e cria uma série de vestidos direitos (frequentemente em azul-marinho guardado a branco), muito parisienses. Este costureiro aprecia e utiliza todos os tecidos, os mais leves e vaporosos, principalmente.

Carrapito e cintura extra-fina para as morenas

Guy Laroche, um dos benjamins da Alta costura, prefere decididamente o cor-de-rosa e, novamente nesta estação, é a cor favorita da sua colecção. Nenhum dos seus modelos tem mangas, e o comprimento varia segundo a hora a que se destina.

Jean Dessès fez vedeta dos saias-casacos confeccionados em tons claros e alegres. Acompanha-os de blusas de musselina de seda que caem a direito sobre a saia. Também criou uma série de vestidos para as festas nocturnas, de musselina extra-vaporosa em tons maravilhosos, que serão a apoteose da sua passagem de modelos.

Para a próxima estação, Yves Saint-Laurent prefere as mulheres morenas. Onze dos seus quinze manequins têm esse tipo. Todos usam carrapito, têm uma silhueta ultraplana e cintura extra-fina. Este costureiro gosta das linhas puras, de amplitude razoável, dos tecidos leves e das cores garridas. Os seus tons-vedeta são o vermelho, o verde-bilhar e o azul-tinta. — (F. P.).

A moda americana

NOVA YORK, 16. — A alta costura de Nova York saúda a década dos 1960 com uma linha que se torna pesada na parte superior do corpo.

Em contrapartida, a parte média é esguia e alongada, deixando ao gosto individual de cada uma a largura da saia, pois tanto se usa rodada como esportiva. De qualquer modo, a sétima Avenida chinou o estilo excessivamente justo que Paris decretou na última estação.

O comprimento das saias permanece o mesmo da Primavera do ano passado, os ombros continuam arredondados, mas nunca as mangas foram maiores nem mais folgadas. Ou são cortadas em «raglans», ou em quimono, ou com cavas até à cintura, ou a imitar os dólmanes dos oficiais, ou plissadas, ou franzidas ou afuniladas. Muitos «tailleurs» e casacos de agasalho exibem-nas cortadas à altura do cotovelo e, por vezes, mais acima.

As mangas dominam

De tal forma o tratamento vaporoso e amplo da manga domina as colecções nova-yorkinas, que estão a ser apresentadas, esta semana, a cerca de 250 cronistas de modas, que Jane Arend, directora da sala de exposições de uma casa de especialidade, desabafou: «Na estação passada, as minhas golas eram comigo; antes disso, descaí por todos os lados dentro do saco; entre as duas épocas, flutuei entre paneaux em asa, com fitas a pender dos lados ou das costas».

«Agora, porém, tudo isso já não é considerado caso de vida ou de morte. Custa a crer que todo o chic que eu busco constantemente dependa agora do tamanho das minhas mangas».

Os «tailleurs», os vestidos e os conjuntos também apresentam efeitos abluados para vincar ainda mais a linha ampla do corpo.

As tendências para a Primavera

A passagem de modelos, bianual,

é patrocinada pelo Grupo de Alta Costura de Nova York, que engloba cinquenta e cinco figurinistas e auxiliares, e corresponde a uma espécie de «aviso» à mulher norte-americana acerca do que deve vestir na próxima Primavera.

Eis as tendências: casacos de «tailleur» mais compridos, embora se dê vasta amplitude ao gosto pessoal. Alguns desceem abaixo da anca, imitando o estilo tunica. Nota-se também preferência marcada pelos «tailleurs» com cinto e sem gola e mantêm-se a popularidade dos casacos semiajustados.

No domínio dos abafos, as costas em capa e a frente direita criam uma nova silhueta; mas permanecem os casacos ajustados, semiajustados e com cinto, juntamente com grande variedade dos modelos paletó ou palafreneiro.

Quanto aos vestidos, a silhueta esguia domina durante o dia, embora se note o ressurgimento do vestidinho de saia franzida dos tempos passados.

A redigote parece ser o traje predilecto para a Primavera, seguindo-se o conjunto formado por casaco comprido e vestido de seda, a condizer, ou então de seda e lã. Aparecem as saias duplas, com tunica quase tão justa como a saia; sobressaísas orientais com rachas dos lados; saias com todo o género de plissados — direitos, em leque ou em acordeão.

Para a noite, dominam os decotes amplos, os corpos suspensos. E o vestido esguio, comprido, partilha as preferências, nas ocasiões cerimoniais, com o vestido curto de saia rodada.

O «chiffon» é o tecido preferido

Quanto a tecidos, o «chiffon» está presente em todas as colecções e os figurinistas, quando se referem a uma saia, falam em termos de «tragem» — uma «toilette» para de tarde, apresentada na presente passagem, levou 16 metros de «chiffon». Também surgem com frequência os «jerseys» e os tecidos a imitar malha feita à mão. E abundam os estampados de seda em vestidos e conjuntos.

O cinzento predomina como o tom fundamental para a Primavera. Depois vem toda a gama variada do creme até ao branco cor de osso, o violeta forte. O branco tanto serve para confeccionar casacos e «tailleurs» como vestidos. — (A. N. L.).

A POPULAÇÃO DE CASERTA vive aterrorizada

CASERTA, 16 — Perto de 100 000 pessoas, apavoradas, abandonaram os seus lares, na região montanhosa de Caserta, em consequência de novos abalos telúricos particularmente intensos. A despeito da ventania e dos nevoes persistentes, a população vive em abarracamentos e casas abandonadas da região, quando não em tendas de campanha e mesmo ao ar livre.

Os 5 000 habitantes de Roccamonfina, vila a 600 metros de altitude, fugiram em massa das suas casas, que ameaçam ruína. A Cruz Vermelha e o Exército organizam os socorros às populações sinistradas. Na região de Caserta, desde o princípio desta semana, já houve treze sismos. — (F. P.).

A CONFERÊNCIA de Londres sobre Chipre

LONDRES, 16 — A conferência de mesa redonda em que tomam parte o arcebispo Makarios, presidente eleito da República de Chipre; o dr. Kurchuk, representante da minoria turca da ilha; os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grécia, da Turquia e da Grã-Bretanha, começou no Foreign Office.

Pouco antes dos delegados chegarem, houve manifestações de Cipriotas, que protestavam contra a manutenção de bases britânicas em Chipre, manifestações a que a Polícia não ligou importância de maior. — (F. P.).

HOMENAGEM

ao director escolar da Guarda

GUARDA, 16. (Pelo telefone). — Efectua-se, esta tarde, uma homenagem promovida pelos professores primários do distrito da Guarda ao sr. Albino Alves Matos, que há cerca de 20 anos é director do distrito escolar. Passou agora a situação de aposentado a seu pedido. A sessão de homenagem é presidida pelo dr. Augusto Cesar de Carvalho, governador civil. Vários oradores fazem o elogio do prof. Alves Matos, sendo-lhe oferecido um faqueiro de prata dentro de rico estojo.

SUSPENSÃO

de Carreiras de camionetas

BOMBARRAL, 16. — (Pelo telefone). — Devido ao péssimo estado das estradas que ligam os lugares do Carvalhal, Salgueiro, A-dos-Ruios e Barrocalvo, além de muitos casais circunvizinhos, com a sede do concelho, foram suspensas as carreiras de camionetas que diariamente as serviam. E' de lamentar que tal aconteça, pois são grandes os prejuízos para o comércio do Bombarral, além das dificuldades que os habitantes dos referidos lugares encontram para virem tratar dos assuntos mais urgentes.

Se for necessário, os médicos ou os bombeiros, com grandes dificuldades chegarão aos seus destinos.

Está no plano das actividades da Camara, para o corrente ano, o arranjo daquelas estradas; mas a verdade é que, enquanto se não realiza, são grandes os aborrecimentos e prejuízos por tal facto. Bom seria que, de qualquer forma, fosse o problema solucionado urgentemente, a fim de as camionetas voltarem a servir aqueles povos.

POLICLINICA

DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 98.2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, corações e pulmões — às 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — às 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Hins e vias urinárias — às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — às 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 16 horas.

Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — às 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — às 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — às terças, quintas e sábados das 14 às 16 e 30 horas.

Prof. dr. Alen Saldanha — Ralos X — às 16 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garanta, nariz e ouvidos — às 16 h.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vem de-se em LOKRES na agência de NATALINO NEVES CEGO.

A honra de viver

(Continuação da 1.ª página)

retumbante «não» parece menos difícil de dizer do que o discreto e cordial «sim». E ao «sim» devemos chamar, com inteira propriedade, a «honra de viver».

Exactamente por isso, convém que os homens fortes, e sadios de alma, aprendam a aceitar cada dia, mais e mais — a aceitar, a admirar e a praticar — tudo o que lhes ofereça o mais ligeiro pretexto de admiração e de aceitação voluntária.

Admirar de alma limpa, e imitar de consciência total — eis, de facto, as palavras guiadoras, sempre guiadoras e incitadoras, que foram sempre a escola suprema da vida. Se o ódio e a violência, se a crueldade e a deslealdade separam hoje, como jamais aconteceu, povos e indivíduos, raças e nações; se a ausência de simpatia humana se tornou hábito e norma constante de uns e de outros — não será, em máxima parte, porque não queremos, ou não sabemos, ou não tentamos e experimentamos admirar, e extrair — das realidades próximas ou remotas, a beleza que

Colóquios

sobre exploração
submarina
no campo da Zoologia
botânica e geologia

Com um colóquio dedicado à zoologia submarina, iniciam-se na próxima segunda-feira, às 21 e 30, na Sala de Colóquios do Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa, uma série de colóquios promovidos pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e destinados à divulgação, entre o público em geral e os sócios do Centro Português de Actividades Submarinas em particular, de alguns aspectos da exploração submarina no campo das Ciências Naturais, o segundo colóquio, dedicado à geologia submarina, efectua-se no dia 29, à mesma hora, também no Instituto Botânico.

Estes colóquios são o primeiro resultado de um recente acordo entre a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e o Centro Português de Actividades Submarinas, de que são presidentes, respectivamente, os srs. prof. dr. Carlos Torre Assunção e Jorge Albuquerque. Reconhecendo o grande interesse científico de que se reveste no campo das Ciências Naturais a pesquisa submarina mediante o uso de escafandro autónomo de ar comprimido, a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais criará, já em 1957-58, uma Secção de Estudos Submarinos, com cursos teóricos e práticos. Também o Centro Português de Actividades Submarinas vem organizando, desde há alguns anos, cursos de iniciação e preparação de escafandristas autónomos, orientados por instrutores especialmente qualificados e experientes. Pelo acordo agora firmado, passa o Centro Português de Actividades Submarinas a preparar os escafandristas da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, enquanto esta fornecerá orientação científica às actividades do Centro, nos ramos de Zoologia, Botânica e Geologia Submarinas.

A colaboração entre as duas associações, de que deverá resultar um melhor conhecimento faunístico, florístico e geológico dos nossos mares e, portanto, o melhor aproveitamento dos seus recursos naturais, incluirá, futuramente, além de outras iniciativas, o estudo em conjunto de problemas científicos concretos, cabendo a orientação científica aos especialistas da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e a orientação técnica aos especialistas do Centro Português de Actividades Submarinas.

Depois do jantar

visite as nossas montras

CASA MAX

193-A — R. D. Estefânia — 193-P

porventura elas contêm, a graça que porventura revelem ou escondam, a esperança e a energia que porventura delas irradiem e dimanem? Nenhum passo mais firme se daria para a fraternidade universal, do que admirar o que merece veneração e simpatia humana. E o Mundo precisa de amor, precisa dessa simpatia, precisa de reciproca admiração entre as mais diversas greis para não naufragar, sófrego de compreensão e pobre de varonil ternura, no mais feio, triste e sombrio negrume de toda a história da Humanidade...

Não tenhamos medo de admirar, não receemos afirmar e mostrar admiração. Aquela astúcia, de feminina essência, que tão vulgar é hoje e que afinal só consiste na já ridícula habilidade de desdenhar e mentir; essa miséria e logo visível astúcia, herança de épocas fracas e erro de consciências mesquinhas — que paz, que tranquilidade, que vantagem nos trouxe e traz? Alguém negará que trouxe apenas dissídios, discórdias, lutas estérteis e guerras mortíferas?

Se há um «não» a gritar, seja o decidido «não» em frente do que diminui, fere e abate a harmonia e a alegria dos homens, e a confiança da juventude no esforço pela justiça, pela liberdade e pelo bem. Nada mais actual, nada mais urgente do que esse «não» — profundo, íntimo «sim», afinal das almas honestas e vigorosas, que sabem, conhecem, e praticam, na forte doçura de admirar, o espírito criador, o inefável e cristianíssimo preceito de amar o próximo.

J. de B.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO. — Encontram-se a pagamento as únicas ou primeiras prestações das seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial — Grupos A, B e C; **Contribuição Predial**; **Imposto Profissional** — Profissões Liberais, Empregados por Conta de Outrem e Assalariados cujo desconto não tenha sido feito em folhas de férias; e **Imposto s/ a Aplicação de Capitais** — secção A.

LICENÇAS. — Pagam-se no corrente mês: **Acendedores e Isqueiros** (os titulares de licenças do ano anterior têm tolerância no uso do acendedor sem licença até ao dia 15 deste mês); **Tabacos**; **Imposto de Transito** de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; **Uso e Porte de Arma**; **Contratária**, no Governo Civil; **Porta aberta**; **Jogos Lícitos**; **Toques de Musica e Aguas Minerais**.

ESTRANGEIROS. — **Visto anual.** — Os maiores de catorze anos residentes em Portugal devem apresentar os seus documentos de residência ao visto. **Empregados.** — Todas as empresas devem enviar a P. I. D. E. uma relação nominal, em duplicado, dos estrangeiros ao seu serviço.

IMPOSTO DE COMPENSAÇÃO. — Paga-se a primeira prestação deste imposto, lançado os veículos automóveis que utilizam combustível de procedência estrangeira diferente da gasolina.

IMPOSTO DE CAMIONAGEM. — Deve pagar-se até ao dia 20 o imposto devido pelas carreiras regulares de serviço de aluguer de transportes de mercadorias e passageiros, respeitantes ao mês findo.

MATRIZES PREDIAIS. — Estão patentes ao exame dos contribuintes durante o mês corrente.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL. — Está patente ao público interessado o lançamento desta contribuição para efeitos de conferência ou de reclamação contra os elementos respectivos, se for caso disso.

RECLAMAÇÕES. — **Prédios devolutos:** pode apresentar-se a reclamação para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1959; **Conhecimentos:** — pode reclamar-se o seu desdobramento por se acharem indevidamente agrupados por dois ou mais contribuintes.

Lançamento: — pode reclamar-se contra o da Contribuição Predial desde que se verifique estar erra-

(Continuação da 1.ª página)

mais fresca e são, útil e saudável.

Fornecida pelo mar, esta alimentação, totalmente isenta de hormonas e insecticidas (substâncias cancerígenas), é constituída por peixes e crustáceos que, por sua vez, se nutrem exclusivamente de algas, plâncton e de peixes mais pequenos. As costas de Portugal, em especial as da Costa do Sol, do Guincho a S. Julião da Barra, são particularmente ricas de plâncton, mercê de correntes e degradações orgânicas.

Crustáceos e peixes, pelas razões acima apontadas, constituem um alimento de escolha para crianças, mulheres e homens. E parece provado, segundo Price, que o mar salgado e português contém elementos essenciais (oligo-elementos) sem os quais a vida se transforma e altera.

Mais do que em qualquer outra época, a condição do ser humano, agredida pela ciência e pela indústria (enlatados, crescimento artificial, etc.), encontra-se (última tábua de salvação...) ligada ao mar. Não se provou já que a constituição do meio interior espelha, em absoluto, a da água do mar?

Todos os elementos que se encontram nas célebres tábuas de Mendeliev foram assinaladas na água e isolados por Grégory e Overberger (1955).

Na água do mar existem, em justas proporções, cloro, iodo, enxofre, magnésio, potássio, cálcio, bromo, silício, ferro, azoto, arsénio, cobre, prata, ouro, zinco, estrôncio, bário, cério, chumbo e cobalto, entre muitos outros.

O homem necessita diariamente

da maioria destes elementos. A química da célula viva é muito diferente da do laboratório. Esta, está longe ainda de explicar o mistério da vida integral, o metabolismo íntimo do protoplasma («A Ciba Foundation Symposium jointly with The International Union of Biological Sciences on «Biochemistry of Human Genetics», Londres, 1959).

O organismo, desgastado pelas prementes necessidades do quotidiano, carenciado, devido a um regime alimentar deficiente, precisa de mar, o chamado soro do Oceano, dos alimentos que aquele fornece durante todo o ano e ainda da evaporação espontânea da água, cuja totalidade de sais se não precipita ao mesmo tempo, mas em tempos diferentes.

Celso, Galeno, Avicena, Hipócrates, Falópio, van Elmont, Willis, Boerhaave e Laënnec, entre tantos de antanho e de hoje, descreveram as virtudes da água e aconselharam a permanência à beira-mar, insistindo no regime alimentar constituído por peixes, crustáceos e algas, tão em moda hoje-em-dia.

No século passado, Fonssagrives aconselhou a água pura do Oceano como excelente tónico e medicamento interno, não esquecendo a balneoterapia, conhecida e praticada desde os tempos mais recuados.

As curas marítimas ou marinhas têm sido utilizadas no combate a variadíssimas afeições, de Verão e de Inverno, em particular nas enfermidades das vias respiratórias, nas bronquites (curas de desintoxicação do tabaco), bronqueasias, sinusites, doenças alérgicas, tais como asma, bronquite asmática, eczema crónico, traumático e profissional, neurodermites, febre dos feos, psoríase, acne e seborreias várias, distúrbios vegetativos e nas curas preventivas e tonificantes.

Existem contra-indicações: enfermidades que impedem a permanência e estadia à beira-mar: tuberculosos abertos e exsudativos; pleurísias; perturbações inflamatórias dos rins e vias urinárias; algumas doenças mentais e psíquicas; profundas alterações endócrinas; quase todas as doenças infecto-contagiosas no período agudo.

A água do mar quente, movimentada, está indicada nas artropatias dos reumatismos crónicos, raquitismo, tratamento das sequelas de traumatismos recentes (fracturas e luxações), dermatoses crónicas, afeições das veias, polinevrites e nas psicastenias com acentuada eliminação de fósforo, na debilidade congénita ou adquirida, na caquexia infantil, linfatismo, estados artríticos, anemia e clorose, obesidade e outras doenças da nutrição, angústia e insónia, nos deprimidos e dispépticos e ainda nas enxaquecas alérgicas.

Há, porém, mais de dois séculos que Russel (um nome hoje esquecido) advogou as curas marinhas nas tuberculosas ósseas, primeiros passos da talassoterapia.

Só mais tarde se aceitou, embora sem ênfase, a excelência das virtudes curativas do clima, das injeções de água do mar e ainda dos banhos quentes.

Na Alemanha existem já muitos estabelecimentos (ou estações balneares) onde se pratica, com método, a talassoterapia. Uma daquelas, e das mais importantes, fica situada no Mar do Norte, com oito mil e quinhentas camas, funcionando todo o ano.

Esse estabelecimento possui uma piscina com água do mar aquecida e vagas artificiais, além de um teatro, três cinemas, um casino, salão de música e de exposições, e outro para conferências e cursos. Dá-se especial atenção à música, considerada elementos psíquico de cura.

Os Alemães tiveram a preocupação de humanizar o ambiente, em nada recordando este o aspecto insospitaleiro, frio e técnico de um hospital.

A terapêutica ali ministrada consiste em combinar a acção do clima com a dos banhos de água do mar, aquecida e movimentada, banhos de lamas marinhas, aerossóis, ingestão de água com conta, peso e medida, e injeções.

As melhores curas, segundo a

opinião de Lassius, de Norderny, realizam-se com mar agitado e vento, condições estas que se encontram juntas, durante quase todo o ano, no Guincho, em Carcavelos e Cascais, isto é, em toda a Costa do Sol, a duas dúzias de quilómetros de Lisboa.

«O vento é o nosso Sol», asseveram os especialistas alemães, mestres da publicidade, e as curas de Inverno são preferíveis às de Verão.

As curas estivais provocam, em geral, crises violentas de asma e de distonias vegetativas.

Que se tem feito a favor da nossa Costa do Sol, destinada, por fatalidade geográfica, à talassoterapia?

Turismo não é só folclore, cortejos, paradas e cursos carnavalescos. Do ponto de vista médico e científico, é mais alguma coisa.

A nossa Costa do Sol mereceria, além do Congresso Internacional de Talassoterapia, que se efectuará este ano no Estoril, no mês de maio, mais alguma coisa: visão actualizada e europeia, critério discriminativo, conhecimento do clima que desfrutamos e do mar salgado e português — o grande cartão do nosso turismo.

A. d'E.

Vida musical

«The Masterplayers of Lugano»

Os concertos da Orquestra «The Masterplayers of Lugano», organizados pelo Círculo de Cultura Musical, anteriormente previstos para os dias 17 e 19, efectuar-se-ão em 24 e 25 do corrente, respectivamente no Teatro Nacional de S. Carlos e no Tivoli. Com a referida orquestra, cujos programas em Lisboa incluem obras de Vivaldi, Haendel, Bach, Haydn, Stamitz, e Genzmer, desloca-se ao nosso País o grande pianista Julian von Karolyi, laureado com o Prémio Chopin (Varsóvia, 1932) e com o Prémio Liszt (Budapeste, 1933), após o que iniciou a sua fulgurante carreira internacional. A orquestra, constituída por solistas de renome internacional, é dirigida por Richard Schumacher, que, com os «Masterplayers of Lugano», inaugurou brilhantemente as Semanas Internacionais de Ascona e apresentou, no famoso Festival de Baden-Baden, a «Aripiade», de Wladimir Vogel. Este notável conjunto, constituído por 20 excelentes músicos, vem a Portugal depois de fazer, nos Estados Unidos, uma «tournée» triunfal de cerca de 150 concertos, nas principais cidades.

Concerto Lopes Graça

No próximo dia 19, às 21 e 30, efectua-se na Sociedade Nacional de Belas-Artes, um concerto de obras de Fernando Lopes Graça, em primeira audição em Lisboa, por aquele ilustre compositor, com a colaboração do tenor Fernando Serafim.

A primeira parte é constituída por canto e piano, sendo preenchida por poesias de diversos autores musicadas por aquele maestro; a segunda da 2.ª série das «Melodias rústicas portuguesas», do autor; e a terceira pelo ciclo «As mãos e os frutos», de Eugénio de Andrade, para piano e canto.

Há bilhetes à venda nos estabelecimentos musicais e na noite do concerto, nas Belas-Artes.

PIANOS

Alugam-se

Verticais e de Cauda
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & O.
Rua do Carmo 11

O EXERCÍCIO

da indústria de tanoeiros

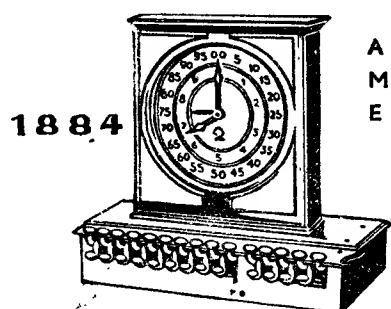
O «Diário do Governo» publicou hoje um decreto, do Ministério da Economia, que promulga o regulamento da indústria de tanoeiros.

REBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
SIMPLES OU COM SODA

COMEMORANDO 75 ANOS DE ACTIVIDADE

AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO

A *National* **OFERECE** *

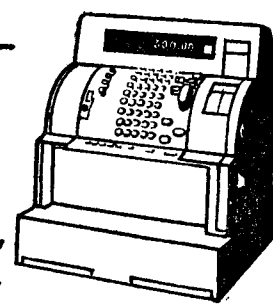


1884

AO POSSUIDOR DA REGISTADORA NATIONAL
MAIS ANTIGA EM PORTUGAL QUE SE ENCONTRE
EM FUNCIONAMENTO, UMA

NOVA E MODERNA REGISTADORA

National



1959

PARA TANTO, BASTARÁ DEVOLVER-NOS, ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1960, O CUPÃO DEVIDAMENTE
PREENCHIDO JUNTAMENTE COM UMA CARTA, DE PREFERÊNCIA DACTILOGRAFADA, DIZENDO
QUAIS AS VANTAGENS QUE A SUA REGISTADORA NATIONAL LHE TEM PROPORCIONADO.

A PRIMEIRA CAIXA REGISTADORA CONSTRUÍDA NO MUNDO FOI NATIONAL

CAIXAS REGISTADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE • SOMADORAS • SISTEMAS ELECTRÓNICOS



THE NATIONAL CASH
REGISTER COMPANY
OF PORTUGAL

RUA AUGUSTA, 146 • LISBOA
RUA GUEDES DE AZEVEDO, 117 • PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 79, 1.º-DTO. • COIMBRA

* RECORTE, PREENCHA E ENVIE-NOS ESTE CUPÃO



QUEM É O DONO DA MÁQUINA REGISTADORA
MAIS ANTIGA EM FUNCIONAMENTO?

NOME

MORADA

LOCALIDADE

MODELO N.º

TEM ANOS AO MEU SERVIÇO

Longa distancia
imagem e som "Hi-Fi"
AUTOMÁTICO

196420
IMEDIATAMENTE
em
sua casa

DISTRIBUIDORES
KORTING
RUA SA DA BANDEIRA, 592 — PORTO

Companhia Nacional de Electricidade

S. A. R. L.

SEDE: AVENIDA CASAL RIBEIRO, 50 — LISBOA

Capital: — 460.000.000\$00

AVISO

7.ª EMISSÃO DE CAPITAL — 2.ª SÉRIE

Em conformidade com os anúncios publicados oportunamente,
podem os Srs. Accionistas proceder, a partir de 18 do corrente
mês de Janeiro, à troca dos documentos provisórios da subscrição
pelas cautelas, na Sede da Companhia e por intermédio dos Es-
tabelecimentos de Crédito através dos quais efectuaram as subs-
crições.

Oportunamente será anunciada a entrega dos títulos defi-
nitivos.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Diário de Lisboa * PAGINA 12

BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts.
accionadas por motores PETTER



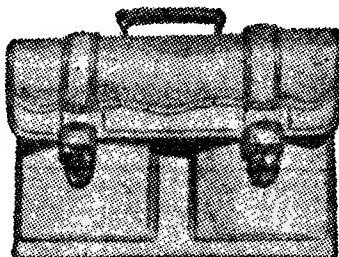
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 • Boqueirão do Duro, 38 • LISBOA
Praça D. João I, 25-1.º • Telef. 24771 • PORTO

Agradecimento

A família de Elísio Perreira da
Veiga, falecido em 13 do passa-
do mês de Dezembro, impossibi-
tada de agradecer a todas as
pessoas que os acompanharam
na sua dor, por desconhecimen-
to dos seus domicílios, vem dei-
xar expresso, por este meio, o
seu sincero e sentido reconheci-
mento.

PASTAS



30 anos de fabrico todos
os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

O «DIÁRIO DE LISBOA» é ven-
dido em ALMADA por JOSÉ ZE-
FERINO MATOSO.

*O EXPOENTE MAIS
ALTO EM CAIXAS
REGISTADORAS*

RIV
COM NOVOS APERFEIÇOAMENTOS

MODELO
958

O PRIMOR E ROBUSTEZ DA SUA CONSTRUÇÃO E A SUA EFICIÊNCIA
E INFALIBILIDADE, SÃO CAUSA DA ADMIRAÇÃO UNÂNIME DOS
ENTENDIDOS E JUSTO ORGULHO DOS SEUS POSSUIDORES!
Demonstrações sem compromisso e facilidades de pagamento

REPRESENTANTE
AGENCIA COMERCIAL SUECA, L. DA
Av. Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. P.P.C.A. 733111 (3 linhas) - LISBOA

Andares (aluguer)

Em prédio acabado de construir, de do Restelo, a 1.110\$00, com 2 casas de
rendas condicionadas, na Rua dos Je-
rónimos, 42, junto à Zona Residencial
banho, só interessando inquilinos selec-
cionados e não se autorizando subarrendamento de quartos ou de parte de casa.

16-1-960

(Continuação da 4.ª página)

lucionário, é irremediavelmente «boulevardier», com todo o seu pequeno fogo de artifício de palavras e de ideias. Mas, o mais das vezes, tudo se resume à equação de pequenos problemas da burguesia expostos com habilidade e facilmente resolvidos. Para o tipo de peças que Salacrou escreve, a ambigüa clarificação de «comédia-dramática» assenta-lhe que nem uma luva. Entre uma série de «jeux de mots», tanto ao gosto francês, umas quantas grandes respostas — das tais que são exigidas pelas grandes sentenças, como diria uma das personagens de «Un homme comme les autres» — também ao paladar de um certo panache, e, a terminar, uma forte cena dramática para aquecer os nervos. Este esquema, é, por exemplo, o de uma das suas mais famosas peças, «Un homme comme les autres». A acção, que se poderia resumir à última cena, é embalada e dispersa por três largos actos em que se sucedem as peripécias mais diversas, algumas de real humor, que se aglutinam para nos fazer passar duas horas de teatro em plena diversão, mas nada acrescentam ao que parecem ser os propósitos de Salacrou ao escrever a sua obra. Podemos mesmo dizer que, nesta peça, tirando o par Raoul Sivet-Yveline Sivet, todas as outras personagens são inúteis. O sr. Paul Sivet, esse, atravessa os três actos, entrando por uma porta e saindo por outra, apenas com a missão expressa, de no último acto, aproximar Yveline de Raoul. Em «Un homme comme les autres», Salacrou usa, para os seus «climaxes dramáticos», os elementares jogos das entradas e das saídas das personagens que, cada vez que aparecem, dão o seu empurrãozinho à acção e desaparecem, contentes com o seu trabalho.

Personagens brilhantes, oferecem aos actores excelentes oportunidades para criar personalidades sob falsas e vazias torrentes de palavras. E os actores que o conseguem fazer são, desde logo, dignos de todo o nosso aplauso. Por vezes, e para que estas «personalidades» não voltem a perder-se no seu palvreado, a dicção ganha uma velocidade vertiginosa que consegue tornar tudo coeso.

... e foi precisamente com a peça de Salacrou de que temos vindo a falar, que o S. Luís inaugurou, com a presença de uma plateia repleta de peles, a sua temporada de teatro parisiense. Até nós veio um grupo de virtuosísticos actores da «Comédie Française», tendo como estrela Jacques Dumecnil. Conforme se podia prever, defenderam com todo o brilho as suas personagens e mereceram totalmente os aplausos moderados de um público pouco entusiasta. Enumeremos os actores, por ordem de entrada em cena, Jacques Dumecnil, Jean Lamière, Giselle Touret, Roger Weber, Claudine Collas, Roger Pelletier, Suzet Mais e Régine Lovi.

Espectáculo desnecessário pelo tipo de teatro que nos apresentou, era-o, também, por definição, dadas as características da maior parte do público que pode correr a recebê-lo. — J. E. S.

Coliseu

Estreou-se ontem com êxito, no Coliseu, a 1.ª Companhia de Circo de 1960. Não nos é possível publicar hoje a crítica ao espectáculo, o que faremos amanhã.

Atrás do reposteiro

- Para a sua reposição no Teatro Variedades, foi remodelada a revista «Isto é a vida», que está a ser representada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.
- Os espectáculos da companhia do Teatro Maria Vitória, com a revista «Tudo na Lua», terminam na próxima terça-feira.
- Com a companhia do Teatro Maria Vitória não segue para o Porto, a artista Maria José da Guia, continuando porém a fazer parte do seu elenco.

Na Província

- * A companhia Rafael de Oliveira leva amanhã à cena, em Évora, a peça «As pupilas do sr. Reitor».
- * O actor João Villaret também participa no segundo espectáculo inaugural do novo Teatro Curvo Semedo, de Montemor-o-Novo.
- * Está assente que a inauguração do Teatro Luís de Camões, de Setúbal, seja por ocasião das festas centenárias, daquela cidade.

No Monumental

2.ª semana de «Eu seja cão...», de Walt Disney

Confirmando o sucesso obtido em todo o Mundo, a engraçadíssima comédia de Walt Disney «Eu seja cão...», exhibe-se com assinalável êxito, em 2.ª semana, no elegante cinema do Saldanha.

Repleto de situações imprevisíveis da maior comicidade «Eu seja cão...» proporciona hora e meia de constante gargalhada, de alegria e de permanente boa disposição.

No Variedades

O «Teatro Experimental do Porto» apresentará na próxima semana «O crime de Aldeia Velha», de Bernardo Santareno

Vai reabrir o «Variedades», nos primeiros dias da próxima semana, para uma curta série de representações da Companhia Profissional do Teatro Experimental do Porto.

Cientistas da Mobil descobriram um novo princípio no fabrico de gasolina

Os cientistas da Socony Mobil Oil Company descobriram um novo princípio no fabrico de gasolina que pode vir a desempenhar papel importante no abastecimento dos automóveis mais recentes. Os trabalhos que conduziram a esta descoberta tiveram origem num tipo de detonação persistente verificada nos cilindros de automóveis importados pelos Estados Unidos.

Apesar do índice de octana da gasolina utilizada ser suficientemente elevado em alguns cilindros havia detonação.

Os cientistas corrigiram este tipo de detonações incomodativas anti-detonante. Um dos aditivos, o chumbo tetrametilo revelou-se de grande eficiência, mostrando poder ser utilizado em gasolinas adequadas a todos os carros modernos.

A Mobil vai submeter a sua descoberta ao cirurgião geral dos Serviços de Saúde Pública dos Estados Unidos.

Marinha de Guerra

Exercícios de submersíveis

Os submarinos «Nautilo» e «Narval» devem sair para o mar na próxima segunda-feira, a fim de fazerem exercícios de adestramento das respectivas guarnições e cooperarem no treino anti-submarino das tripulações da Base Aérea n.º 6, do Montijo.

Os exercícios desenvolvem-se na costa de Sesimbra e Setúbal, devendo os submarinos regressar ao Tejo na tarde do dia 22.

Contratorpedeiro «Tejo»

Terminada a viagem de exame para segundos-tenentes, dos guardas-marinhas do curso «Pedro Nunes», regressa a Lisboa, onde deve chegar no dia 23, procedente da Madeira, ao contratorpedeiro «Tejo» do comando do capitão-de-fragata Sousa Pinto.

VIDA ARTISTICA

Artes plásticas

A exposição de pintura cerâmica e desenho, anteriormente anunciada neste jornal, encontra-se patente ao público no Ateneu Comercial de Lisboa, das 17 às 23 horas.

Quadros de Félix Rodrigues no Funchal

Vai efectuar-se nos salões do Teatro Municipal do Funchal, uma exposição de quadros a óleo do pintor Félix Rodrigues, constituída na sua índole poética e paisagística por mais de 50 trabalhos que estarão patentes ao público até ao fim do corrente mês.

CAIU A UM POÇO e morreu afogado

ÉVORA, 16. — Num poço dos arredores de Viana do Alentejo, foi encontrado morto o proprietário João Fernandes Viegas, de 76 anos, viúvo, natural daquela localidade e ali residente.

Verificou o óbito o sr. dr. Joaquim Tavares Pinheiro Junior. Não há suspeitas de crime.

dirigida criteriosamente por António Pedro.

O T. E. P. vai apresentar em Lisboa uma nova peça original de Bernardo Santareno, «O crime de Aldeia Velha», que terá como principais intérpretes Dalila Rocha, Fernanda de Sousa, Cecília Guimarães, Baptista Fernandes, Fernanda Gonçalves, Alda Rodrigues, Candida Maria, José Silva, Nita Mercedes, José Pina, Madalena Braga e Sande Filipe.

Primeiras exhibições

«Totó em Paris», no Condes

Totó é um grande cómico, quer seja em Roma, quer em Paris, na Patagónia ou... no Condes, onde ontem se estreou, com grande êxito de gargalhada, mais uma película daquele extraordinário actor italiano. Cada vez mais humanizado, Totó revela excepcionais qualidades histriónicas, encarnando a preceito a figura de um elegante marquês e de um andrajoso mendigo. O facto de ambos serem fisicamente semelhantes aproxima-os, unindo-lhes os destinos um imbróglio que reúne todas as condições para fazer rir.

O filme está bem orientado, sucedendo-se naturalmente as cenas cómicas, com uma regularidade que não permite ao espectador sequer pensar em aborrecer-se.

Com Totó, participam no filme Fernand Gravey, Sylvia Kascine e Philippe Clay.

Entre os complementos exibiu-se um documentário a cores, sobre a defesa da truta nos nossos rios, que se deve à magnífica equipa cinematográfica Filipe Solms e João Mendes. — Visor 25.

«Retirar... nunca!», no Politeama

Mais um filme de guerra produzido pelos Americanos estreou-se em Lisboa. Todavia, não se trata de uma vulgar película sobre o dramático conflito da Coreia. Sim, de uma obra, séria, digna, criteriosamente realizada por Joseph Lewis, que atrai pelo vigor narrativo e pela sua admirável simplicidade humana, pondo em foco a sacrificada tarefa de milhares de jovens, arrancados ao seio da família, dos amigos e da pátria, para uma tarefa de destruição, cumprindo, como fuzileiros, uma ordem de combate que os colocou perante a dolorosa alternativa de romper um cerco das forças comunistas ou a aceitar a sempre humilhante debandada, com as armas em seu poder.

«Retirar... Nunca!» é um filme de alta intensidade emocional, que merece ser visto, quanto mais não seja para reforço do horror e da repugnância que a humanidade boa deve ter pelas guerras que transformam os homens em animais.

Salientam-se no desempenho Frank Lovejoy, Richard Carlson e Lusty Taublyn.

Bons complementos. — Visor 14.

Coliseu

O êxito de que Lisboa

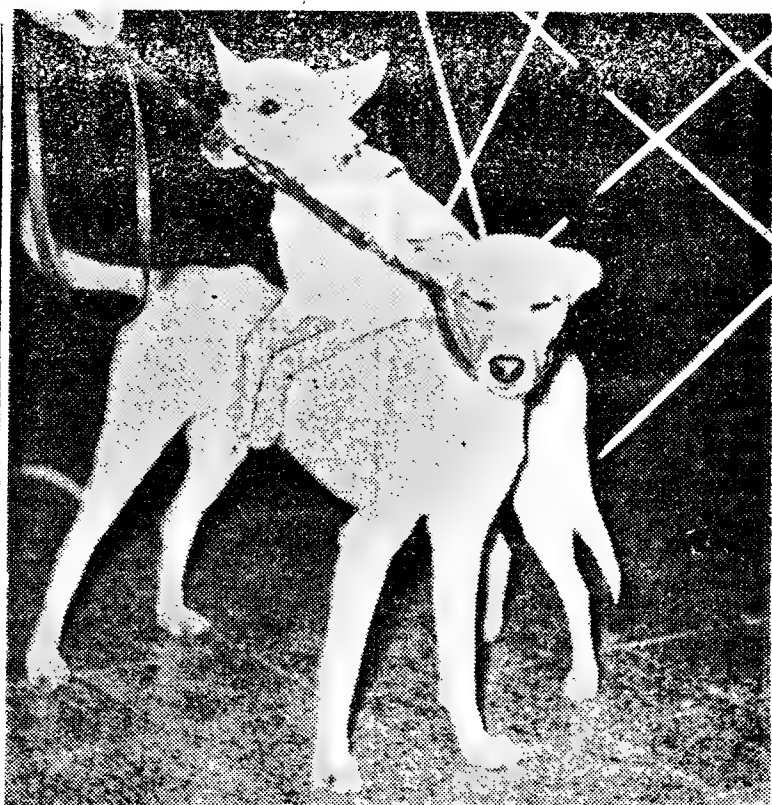
fala!

A Grande Companhia de Circo de 1960, no Coliseu. Hoje, espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos. Amanhã as maiores atracções da actualidade. Amanhã à tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos



Lisboa riu e vibrou de emoção ontem, no Coliseu, com a estreia apoteótica da Primeira Grande Companhia de Circo de 1960. Sucesso absoluto! Consagração sem precedentes.

Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos seis anos, elefantes, voadores, trapézistas, cães amestrados, perchistas e duas parelhas de palhaços, os famosos CHABRIS e Kinito, o Rei da gargalhada do bom humor e de fantasia. Amanhã, espectáculo à tarde com entrada gratuita às crianças até 10 anos.



Em familiar convivência, oferecendo-nos esta imagem plena de ternura e graciosidade, dois belos exemplares preparam-se para o concurso...

A próxima Exposição Canina Internacional

(Continuação da página central)

feita-se pelo conjunto de inscrições recebidas de vários países. Até agora, estão inscritos concorrentes dos Estados Unidos, Venezuela e Espanha, os quais fazem deslocar os seus animais a Lisboa, expressamente para participarem no concurso.

Não se pode, também, deixar de apontar as excelentes condições do moderno pavilhão da Junqueira para o festival canino, proporcionando a oportunidade de realizar em Portugal manifestações semelhantes aos «Salões de Inverno» promovidos em várias capitais europeias, por se tratar de um recinto de grande amplitude, coberto, aquecido, alegre, com longas galerias onde, beneficiando de serviços de restaurante e de chá, se pode assistir a todas as fases das provas, bancadas improvisadas na nave central, zonas de exposição

Movimento marítimo

Chegou o paquete «Angola»

No paquete «Angola», proveniente dos portos de África e do Funchal, com 440 passageiros, chegou hoje a Lisboa o sr. coronel António Augusto dos Santos, secretário da Província de Angola, que terminou a sua missão de serviço. No mesmo paquete viajou também o sr. Rogério Sequeira, deputado da Nação pelo Círculo de Luanda.

Do Funchal, veio o sr. dr. João de Lemos Gomes pintor de arte, que foi convidado pelo Município de Lisboa para expor uma centena de quadros no Palácio das Galvêas. Era aguardado pelo presidente da C. M. L., sr. originalíssimo Francisco Borges.

«Conte Grande»

Vindo dos portos do Mediterrâneo, a caminho da América do Norte, passou hoje em Lisboa o paquete «Conte Grande» com cerca de 500 passageiros, entre os quais muitos emigrantes italianos e espanhóis.

Impõe-se a criação

de uma escola

em Arga de S. João

CAMINHA, 16 — As crianças da freguesia de Arga de S. João, deste concelho, são obrigadas a frequentar a escola do lugar de Deus, cuja professora tem a seu cargo nada menos de 70 crianças. As de Arga de S. João têm de palmar diariamente uma hora de caminho para a escola e outra na volta, com frio, vento e neve. Vão em grupo porque isoladas têm medo dos lobos que infestam a região no Inverno.

Era, pois, tempo de se erguer uma escola primária em Arga de S. João, cuja população escolar é suficiente para justificar a medida.

de produtos relacionados com a canicultura e largo espaço para a instalação de «boxes» rigorosamente ordenados.

Valiosas taças e medalhas premiarão os melhores exemplares apresentados. Entre os principais troféus, contar-se-ão os oferecidos pelos Clube Português de Canicultura, «Diário de Lisboa», Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, Feira das Indústrias Portuguesas, Junta de Turismo da Costa do Sol, as taças «Alberto Maria Bravo» e «A. M. Silva», etc. O júri das raças estrangeiras será presidido pelo sr. capitão S. E. Bower, juiz «al-round» do «Kennel Club», de Londres.

O programa da Exposição é o seguinte:

Dia 30 — às 15 horas, entrada dos exemplares; 16, início da classificação; 20 às 21, intervalo; 21 e 30, continuação da classificação; 24, saída dos exemplares.

Dia 31 — às 15 horas, entrada dos exemplares; 16, continuação da classificação; 19, recepção das entidades oficiais; 20 às 21, intervalo; 21 e 30, desfile dos exemplares premiados e distribuição de prémios; e 21, encerramento da exposição.

Na secretaria do Clube Português de Canicultura (Praça D. João da Camara, 4, 3.ª, Lisboa — Telefone 21478), recebem-se as inscrições e prestam-se todos os esclarecimentos respeitantes ao importante certame canino, que deverá constituir uma excepcional manifestação desportiva e mundana.

CONFERÊNCIAS

Temas pedagógicos

É esperada hoje, vinda de Paris, pelo avião da «Air France», uma das mais distintas pedagogas da Europa actual, «Mme.» Hatinguais, inspectora-geral do Ensino Liceal Francês e directora do Centro Internacional de Estudos Pedagógicos de Sèvres que, a convite do Instituto Francês, vem fazer em Lisboa uma série de conferências.

A primeira far-se-á na 2.ª feira, dia 18, pelas 17 e 30, no Liceu Francês Charles Lepierre, na Avenida Duarte Pacheco, sobre o tema «Rôle de la documentation dans l'enseignement; utilisation du matériel pédagogique». No dia 20, pelas 21 e 30, «Mme.» Hatinguais, no Instituto Francês, na Rua de Santos-o-Velho, 11 falará de «Les aspects généraux de la réforme de l'enseignement en France». Estão também previstas uma palestra no dia 22, no Instituto de Odvelas, sobre «Enfants et éducateurs dans le monde moderne», e uma última lição, no dia 23, pelas 16 horas, no Liceu Normal de Pedro Nunes, sobre «L'emploi des méthodes actives dans l'enseignement du second degré».

— O professor Hernani Cidade proferirá, no dia 20 do corrente, às 18 e 30, no Instituto Britânico em Portugal, na Rua de Luís Fernandes, 3, uma conferência, intitulada «Filipa de Lencastre e a inclita geração».

O estado das culturas no começo do ano

Segundo a folha do Serviço de Estatística Agrícola da 3.ª Repartição do Instituto Nacional de Estatística, o estado das culturas, em 31 de Dezembro passado era o seguinte:

Em Dezembro, o tempo excepcionalmente chuvoso, sobretudo durante a primeira e a terceira décadas, contribuiu para dificultar os trabalhos agrícolas próprios da época. Em alguns locais a chuva provocou o aumento anormal do volume dos cursos de água que, inundando as margens, destruíram áreas de cultura apreciáveis.

As temperaturas do ar pouco se afastaram das normais, excepto durante a última década, em que foram sensivelmente superiores. Os ventos que se fizeram sentir com grande intensidade provocaram a queda de muita azeitona, e chegaram, por vezes, a causar danos nas próprias árvores.

Destas condições do tempo resultaram-se, principalmente, as searas de praganos, situadas em terrenos de drenagem deficiente, onde o encharcamento prolongado deu

origem a desenvolvimento irregular. Por outro lado, nos terrenos de declive mais acentuado, também se registaram prejuízos, devido ao arastamento de terras, provocado pelas chuvas torrenciais. Todavia, as searas não afectadas por encharcamento ou arastamento de terras, apresentavam bom desenvolvimento vegetativo. Algumas sementeiras efectuadas durante o mês decorreram em más condições, tendo ficado por semear áreas apreciáveis.

Os trabalhos de munda, indispensáveis, em face do acentuado desenvolvimento das ervas infestantes, não pudessem ser iniciados, devido às condições climáticas adversas.

As culturas forrageiras e pastagens espontâneas encontraram condições excepcionalmente favoráveis ao seu desenvolvimento, podendo considerar-se muito boas as condições de alimentação do gado em forragem verde.

Mantém-se a estimativa de produção de azeitona relativa a 30 de Novembro passado, continuando portanto a prever-se uma produção semelhante à média do último decénio, ou seja mais 43 % que a produção anterior. Os trabalhos de colheita de azeitona foram interrompidos com frequência, do que resultou uma acentuada irregularidade no ritmo de laboração dos lagares. De um modo geral, o azeite acusa acidez relativamente elevada.

A engorda do porco de montado decorreu em boas condições, podendo considerar-se a montanha prática, em consequência. Os montados, em consequência do elevado teor de humidade no solo, apresentam bom aspecto vegetativo.

Os mercados e feiras nem sempre puderam funcionar, devido ao mau tempo. No entanto, fizeram-se as transacções habituais desta época, a preços de um modo geral semelhante aos do mês anterior, com excepção da batata que se vendeu a preços superiores. No que diz respeito ao gado, destacaram-se as variações irregulares do preço dos suínos que desceu nas regiões do Sul e subiu nas do Norte.

A interrupção frequente dos trabalhos agrícolas, causada pela adversidade das condições climáticas, levou muitos trabalhadores rurais à inactividade temporária forçada. No Sul, onde esta época é habitualmente de reduzida actividade nos campos, o mau tempo contribuiu para agravar a crise de desemprego, que, em parte, foi debilitada pela utilização da mão-de-obra disponível em trabalhos públicos.

que, por escritura de 3 de Dezembro de 1959 deixou de fazer parte da firma Evaristo Domingues, Lda, informa que com seu filho e único sócio formou a firma Armazéns de Mercadorias Evaristo Domingues & Filho, Lda, situada na Rua do Poço dos Negros, n.º 155-157, nesta cidade, da qual ambos são gerentes.

EVARISTO DOMINGUES

Recauchutagem M nerva, Limitada

Comunica aos seus Ex.ºs CLIENTES e AMIGOS que mudou o seu estabelecimento fabril e escritórios, para INSTALAÇÕES PRÓPRIAS, na via Marechal Carmona (VIA RÁPIDA), no Porto, com o telef. 64521 APARTADO N.º 299.

Informa, também, que se encontra equipada com máquinas modernas termicamente controladas para recauchutagem, rechapagem e reconstrução total dos pneus, modalidade esta que apresenta pela primeira vez.

SECÇÃO DE VENDA DE PNEUS: Novos, Reconstruídos e Usados.

POSTO PARA ASSISTÊNCIA TÉCNICA DOTADO DE: Elevador hidráulico. Máquinas de desmontar pneus. Pesa ar de mercúrio para medição e equilíbrio de pressões em duas rodas simultaneamente. Máquinas especiais para equilibrar, dinamicamente, rodas de automóveis, furgonetes e camiões. Agradece e espera a continuação das vossas prezadas ordens.

Porto, 16 de Janeiro de 1960.

A GERÊNCIA

A visita do ministro da Presidência à Índia Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

um dos seus dias mais emotivos. E tudo contribuiu para o efeito: entusiasmo da população; a inauguração de um padrão comemorativo da visita, que responde «à ansiedade humana de não deixar esquecer» como afirmou o governador do distrito no seu discurso de boas-vindas; a extraordinária abundância de flores — «que o povo de Diu seria capaz de fazer brotar das próprias pedras» — e a voz das velhas peças, salvando ao ilustre visitante, numa evocação tão perfeita de todo o passado que decorreu entre os muros da Fortaleza de Diu, que se diria a própria voz da Índia de 500.

A entrada da cidade, junto à porta do Campo, o dr. Teotónio Pereira recebeu a chave simbólica e, pouco depois, na sessão de cumprimentos nos Paços do Concelho, declarou:

«A oferta desta chave quer dizer submissão, entrega total, lealdade sem fim. Pois bem, Diu está, como sempre esteve, em mãos honradas. Aqui a devolve, com a confiança total de Portugal, ao povo bom e leal de Diu».

As palmas e os «vivas» vieram a seguir. Mas no primeiro momento, no primeiro instante que se seguiu a esta frase, foi um silêncio rápido que lhe respondeu — o silêncio das emoções demasiado fundas.

No seu discurso, o ministro da Presidência evocou Mombaca.

O dia de ontem foi o mais vibrante de toda esta visita em que o entusiasmo das populações locais só pôde ser igualado pela emoção dos visitantes.

Finalmente — depois da visita a Brancavara, das aclamações dos moiros da casta Damal, dos marinheiros da casta Gogolá, dos hindus da escola de Pani Lai, da oferta dos colares de flores de muçulmanos e cristãos portugueses da Índia, do «sinal de lealdade e patriotismo» que é o «chando» — depois de um dia passado nas ruas de Diu, entre as pedras da velha fortaleza, foi necessário partir.

O avião ministerial aterrou em Goa às 19 horas e 30.

Enquanto, no Palácio do Cabo, se reunia um jantar íntimo, os representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão que vieram a

FICOU QUEIMADO
quando se aquecia junto do lume

COIMBRA, 16. — Para se aquecer, ajeitou-se junto do lume, mas tanto se aproximou das chamas, que estas se lhe pegaram ao vestuário, ficando muito queimado, em especial nas pernas, o proprietário Joaquim Rodrigues Caneiras, de 83 anos, viúvo, morador no Soto de Vila Cã (Pombal).

Transportado a Coimbra, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Pombal, recolheu aos Hospitais da Universidade.

Vaga de assistente
de oftalmologia dos H. C. L.

Continuaram esta manhã a prestar provas para provimento de uma vaga de assistente de oftalmologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa os srs. drs. Carlos da Maia, João Eurico Lisboa e Ribeiro da Silva.

O júri é presidido pelo sr. prof. dr. Lopes de Andrade.

Goa para a reportagem da visita do ministro da Presidência eram convidados pelo Governo-geral a permanecer no Estado da Índia até ao dia 21, em que seguem para Lisboa, a bordo de um dos aviões dos T. A. P.

O «Te Deum» na Sé de Goa

Foi por entre alas compactas de povo, que de todos os pontos da cidade acorria para saudar o ministro da Presidência, que ele, acompanhado do governador-geral e de toda a comitiva, seguiu, em automóvel, a caminho da velha Cidade.

Na Sé catedral, o patriarca das Índias, D. José Vieira Alvernaz, celebrou solene «Te Deum», de acção de graças pelo êxito da visita ministerial.

O dr. Pedro Teotónio Pereira era aguardado à entrada do monumental e histórico templo, pelo patriarca-arcebispo, pelo cabide, pelo vigário-geral da Arquidiocese, pelo comandante militar, brigadeiro Cirne Pacheco, pelo chefe do Estado-Maior, tenente-coronel Marques de Andrade, pelo secretário-geral, dr. Pamplona Corte Real, e por outras entidades.

Replicavam os sinos, quando o ministro entrou na Sé. Seguiu processionalmente para a capela do Santíssimo e em seguida para o altar-mor.

O ministro tomou assento no cadeiral do lado do Evangelho. O go-

Uma exposição de pintura de um estudante-artista em Coimbra

COIMBRA, 16. — No salão do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro» abre, ao fim da tarde uma exposição de trabalhos do estudante-artista Fernandes de Freitas, que apresenta cinquenta quadros (desenho, «gouache», caricatura) sobre motivos de Coimbra, Lisboa, Porto, Angola e Paris. Artista conhecido e muito apreciado pela sua técnica pessoal, a exposição é aguardada com invulgar interesse.

A viagem a França da Tuna Académica

Na reunião festiva do Rotary Clube de Coimbra, o regente da Tuna Académica, sr. eng. Alves Ferreira, fez uma larga e brilhante descrição da recente viagem daquele famoso agrupamento artístico universitário por terras da França, onde alcançou notáveis êxitos, renovando o prestígio e as grandes tradições da Universidade de Coimbra no estrangeiro.

Ordem dos Médicos

Na Faculdade de Medicina reuniram-se no dia 30, às 21 horas, a assembleia geral da Secção Regional de Coimbra, para discussão e votação do relatório e contas relativo a 1959; apreciação do orçamento ordinário, aprovado pelo Conselho Regional, para o ano de 1960; apreciação do relatório da Comissão de Estudo das Carreiras Médicas.

Centro de Estudos Cinematográficos

Um ciclo universitário de cinema, dedicado aos novos realizadores, foi organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica e cujos espectáculos, no Cinema Tivoli, têm o seguinte programa: segunda-feira, «Enamorado», realização de Mauro Bolognini; dia 21, «Este é o nosso filho», realização de John Fran Kemhelt; dia 25, «Calle Mayor (Rua Principal)», realização de Juan Antonio Bardem; dia 26, «Um dia de amor», realização de Giuseppe De Santis; dia 28, «Jocko de Paris», realização de Jack Garfein. Os espectáculos são às 17 horas.

Marcel Marceau

O grande artista francês de música, Marcel Marceau, visitou o Pavilhão de Turismo da Câmara Municipal, onde foi recebido pelo chefe dos respectivos Serviços, sr. dr. Chaves e Castro. Foram oferecidas várias publicações de propaganda de Coimbra, mostrando-se o grande artista encantado com o que tem observado aqui, em especial os aspectos típicos da paisagem e da vida académica.

vernador-geral, ficou instalado do lado da Epístola.

A Patriarcal oferecia um aspecto solene, pleno de fé religiosa, e da consciência dos grandes dias que uma parcela longínqua de uma grande nação tem estado a viver. A nave ocupada por numerosa assistência. O deputado Quenim, os directores dos organismos do Estado, os chefes de serviços e suas esposas ocupavam as primeiras filas. Numa das primeiras filas estavam as senhoras de Vassalo e Silva e de Pamplona Corte Real. Também presentes outras autoridades civis e militares.

Junto da nave encontrava-se o governador do Banco Nacional Ultramarino, dr. Francisco Vieira Machado.

O patriarca, D. José Alvernaz, leu depois uma alocução em que se referiu à memorável visita do ministro da Presidência ao Estado da Índia Portuguesa.

Aclamações nas ruas de Goa

Terminado o solene «Te Deum», o ministro e os membros da sua comitiva abandonaram o templo. Junto à porta da majestosa Patriarcal o padre Benedito Dias entregou ao dr. Pedro Teotónio Pereira alguns terços que, durante a exposição do corpo de São Francisco Xavier, realizada em 1952, foram tocados nos pés do Apóstolo. Um dos terços destinou-se a ser entregue ao sr. presidente do Conselho, dois ao sr. almirante Américo Tomás, que deverá dar um a sua esposa, e outro foi pessoalmente oferecido ao ministro da Presidência.

O padre Benedito Dias entregou também dois terços ao governador-geral do Estado da Índia Portuguesa, um deles destinado à esposa, outro ao secretário-geral, dr. Pamplona Corte Real, e outro ao dr. Francisco Vieira Machado.

A Cidade Velha de Goa apresentava o aspecto de desusado movimento e animação. Junto à urna de cristal em que está encerrado o corpo de São Francisco Xavier concentraram-se milhares de fiéis. A massa humana era de tal forma compacta que os fiéis não puderam romper até junto da urna de cristal.

Entre a multidão notavam-se numerosos hindus. Todos movidos pela mesma fé procuravam romper caminho até junto dos pés do Apóstolo que desejavam beijar. Centenas de mulheres e crianças encontravam-se entre a multidão.

A saída da Patriarcal, o dr. Pedro Teotónio Pereira foi delirantemente aclamado por muitos milhares de pessoas que se tinham reunido nas ruas próximas. O clamor dos «vivas» era ensurdecedor e o ambiente era de fervente entusiasmo patriótico. — (A. N. I.).

Isaac Wahnnon F A L E C E U

O seu irmão Leão Wahnnon e todos os familiares presentes e ausentes no Ultramar e Brasil participam que foi Deus servido chamar a Sua Divina Presença o seu muito querido ente e que o seu funeral se realiza no domingo, 17, pelas 11 horas, no Cemitério Israelita — na Av. Afonso III.

Júlia da Encarnação Oliveira F A L E C E U

Alda Maria, Joaquim, Gil e Rafael dos Santos Varela, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Rua de S. Domingos à Lapa, 40, 1.ª, para o cemitério de Benfica.

AGENCIA BARATA

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
É DITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, está patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal de Beja, em todos os dias úteis das nove às doze e das catorze às dezasseis horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento de uma modificação da linha aérea a 30 kV, com a montagem dum apoio e deslocação de outro, na freguesia de Balleizão, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 13 de Janeiro de 1960.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção
VASCO DA GAMA BRANDÃO

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
É DITOS

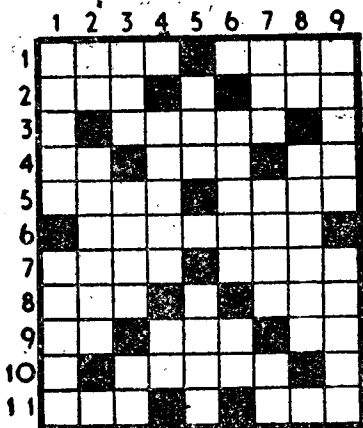
Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, está patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal de Serpa e Moura, em todos os dias úteis das nove às doze e das catorze às dezasseis horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento de uma linha aérea a 30 kV, com o comprimento total de 52.930 m. do posto de seccionamento de Serpa à subestação de Amareleja, nos referidos concelhos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 12 de Janeiro de 1960.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção
VASCO DA GAMA BRANDÃO

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1835



HORIZONTAIS: 1 — Mamífero desdentado, espécie de tatu. A que depois de morta foi rainha. 2 — Neção. 3 — Nome de um peixe. 4 — Preposição latina que designa movimento. Título dos bispos maronitas. 5 — Cabelo branco. 6 — Perca. 7 — Rio de Portugal. 8 — Faldas. 9 — Nome de mulher. 10 — Falsa. 11 — Cidade de Espanha. 12 — Desejo. 13 — Erceiros. 14 — Príncipes mongóis ou persas.

VERTICAIS: 1 — Vais. 2 — Limpar com água. 3 — Utensílio de trabalho. 4 — Tem duvida. 5 — Preposição e artigo (pl.). 6 — Acarilha. 7 — Abreviatura usada nas receitas com o significado de «quantum satis». 8 — Amarga. 9 — Pronome pessoal. 10 — Azáfama. 11 — Aquele que. 12 — Encolerizar. 13 — Ausentar-se. 14 — Recusa. 15 — Tem conhecimento. 16 — Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 17 — Preposição. 18 — Consorciara-se. 19 — Curas. 20 — Apelido.

Resolheu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passo, o PROVERBIO nele inscrito.

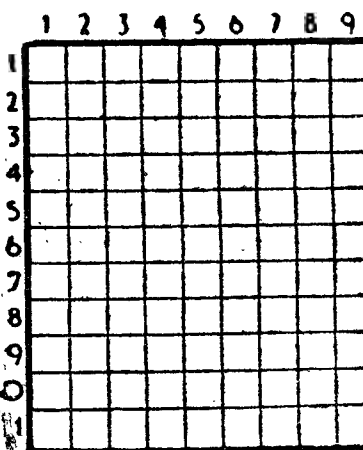
Solução do problema n.º 1834

HORIZONTAIS: 1 — Pard. 2 — Em. 3 — Ide. 4 — Rã. 5 — Don. 6 — Nas. 7 — Ases. 8 — Sert. 9 — Morem. 10 — Rim. 11 — Ama. 12 — Ala. 13 — MADRASTAS. 14 — Ara. 15 — Ira. 16 — Ga. 17 — Sr. 18 — Alar. 19 — Cabo.

VERTICAIS: 1 — Pedal. 2 — Emana. 3 — Amos. 4 — Amar. 5 — NEM. 6 — Adaga. 7 — Ai. 8 — Sor. 9 — Ar. 10 — DE. 11 — Rima. 12 — Se. 13 — Sem. 14 — Nem. 15 — Atira. 16 — Orar. 17 — Alar. 18 — PASTA. 19 — Asaro.

(Provérbio: MADRASTAS NEM DE PASTA).

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3883



HORIZONTAIS: 1 — Folgazã. 2 — Acrescentar. 3 — Agora. 4 — Estava. 5 — Mais grande. 6 — Pertences. 7 — Senhores. 8 — Rio de Itália. 9 — Tenho conhecimento. 10 — Porém. 11 — Dar brilho de prata. 12 — Caminho. 13 — Poção do conchelo de Condeixa. 14 — Em partes iguais. 15 — Sapo do Amazonas. 16 — Língua antigamente falada no Norte da França. 17 — Primeira das horas canônicas. 18 — Rema para trás. 19 — Pedras de amolar. 20 — Língua vernácula Indiana. 21 — Rente.

VERTICAIS: 1 — Apelido. 2 — Nome próprio de um grande navegador de outrora. 3 — Paralisia. 4 — Tinta extraída da siba. 5 — Comparecer. 6 — Seguiam. 7 — Cólera. 8 — Progenitor. 9 — Artigo definido. 10 — Viração. 11 — Vida de pirata. 12 — Artigo definido. 13 — Certo. 14 — Ofertar. 15 — Origem. 16 — Patroa. 17 — Freqüentar. 18 — Peixe esparado. 19 — Símbolo químico do ésmio. 20 — Domingo em que a Igreja festeja a entrada de Cristo em Jerusalém. 21 — Eventualidade.

Solução do problema n.º 3882

HORIZONTAIS: 1 — Riga. 2 — Soma. 3 — Noruega. 4 — Sr. 5 — Rã. 6 — Lato. 7 — Isis. 8 — Aral. 9 — Atam. 10 — Marrã. 11 — As. 12 — Ria. 13 — Ut. 14 — Rum. 15 — Cri. 16 — Ia. 17 — Oca. 18 — AC. 19 — Graça. 20 — Mera. 21 — Ores.

VERTICAIS: 1 — Clamariam. 2 — In. 3 — Ar. 4 — Sua. 5 — Gostam. 6 — Arrolar. 7 — Ora. 8 — Rista. 9 — Serlaria. 10 — Aço. 11 — Agasta. 12 — Ar. 13 — Má. 14 — Ura. 15 — Asmáticos.

BOIMUNDO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» ouvia no dia 16 de Janeiro de 1930 o Presidente da República, sr. general Carmona, que dizia: «Confiei o encargo de formar Governo ao sr. coronel Passos e Sousa, porque tenho absoluta confiança no seu patriotismo e na sua dedicação à ditadura».

A uma alusão ao facto de nem todos os antigos ministros e comandantes de unidades terem sido consultados, respondia:

— Nenhuma dessas entidades pode ficar magoada. A quase unanimidade da totalidade dos consultados foi tal que, para evitar o prolongamento da crise, resolvi seguir o caminho que as circunstâncias indicavam, e que era o que desejavam os que ouvi.

EFEMÉRIDES

No dia 16 de Janeiro de 1928 foram expulsos da Rússia vários chefes bolcheviques, entre os quais Trotzky.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18: Notícias e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Notícias; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Notícias, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 18: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de André Popp; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para soldados, organizado pela E. N. e realizado em Viseu. No intervalo, o conjunto de Waldyr Calmon; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — As 19: Temas portugueses; 19 e 10: «Cantata do Café», de Bach, pelo soprano Graf, baritone Herbert, tenor Rogers e a Orquestra de Camara Allegro Chamber Society, dirigidos por Arnold Black; 19 e 42: O violoncelista Ludwig Hoelscher: «O Cisne», de Saint-Saens e «Peça em Forma de Habanera», de Ravel; 19 e 50: Notícias regional; 20: 11.º programa do Festival Setembro Musical de Montreux: Concerto pela Orquestra Nacional de Paris, dirigida por Cluytens; «Carnaval Romano», abertura de Berlioz; «Morte e Transfiguração», poema sinfónico de R. Strauss; 20 e 35: «Trio em sol maior», de Beethoven, para flauta, fagote e piano, por Jean-Pierre Rampal, Paul Hongne e Veyron-Lacroix; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Concerto, pelo Coro Harmonia, sob a direcção do prof. Verner; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata n.º 2», de Chopin, por Robert Casadesus; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? «Carmina Burana», de Carl Orff, sob a direcção do maestro Jochum; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 18: Teatro de brincar; 18 e 45: Baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Aparentamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Nelson Eddy; 23 e 45: Notícias; 2: Fecho.

Estação de Miramar — As 19: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Notícias; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 15: Música seleccionada; 18 e 30: Terço e benção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e leitura do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o «jazz»; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 45: Notícias; 23: A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

TELEVISÃO

As 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 45, «Portugal de Além Mar»; 22 e 5, «T. V. rural»; 22 e 20, «Uma estrela e uma história» («A Irredutível»); 22 e 45, «Teledesperto» (programa semanal); 23 e 5, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 20, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

PREIA-MAR

Dia 16 — 4 e 39 (3,95 m.); 17 e 10 (3,73 m.).

Dia 17 — 5 e 17 (3,95 m.); 17 e 40 (3,72 m.).

BAIXA-MAR

Dia 16 — 9 e 49 (0,93 m.); 21 e 57 (0,95 m.).

Dia 17 — 11 e 8 (0,88 m.); 23 e 18 (0,95 m.).

ESTUDOS ASTRONÁUTICOS

Após breve interrupção, durante as férias, recomeçam hoje, às 18 e 30, no Palácio da Independência, as actividades do Centro Astronáutico da Mocidade Portuguesa, podendo assistir todos os elementos pertencentes ao Centro. Depois haverá reuniões diárias, das 18 e 30 às 19 e 30, com o seguinte programa: 2.ª feiras, curso de iniciação; 3.ª feiras, grupo de trabalho em direito do espaço e curso básico de rádio; 4.ª, grupo de trabalho em sistemas electrónicos; 5.ª, grupo de trabalhos em sistemas de propulsão; 6.ª, grupo de trabalho em medicina e curso básico de rádio.

JANTAR DE HOMENAGEM

Sob a presidência do Secretário Nacional da Informação, com a presença do embaixador do Brasil e de altas individualidades representativas de actividades turísticas do continente, das ilhas adjacentes e do ultramar, efectua-se hoje, no Hotel Ritz, pelas 20 horas, a anunciada homenagem ao dr. Jorge Felner da Costa.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e vários atractivos, entre outras nas seguintes agremiações, esta noite: Clube Estefania, incluindo distribuição de prémios; Casa Pia Atlético Clube, Liga de Melhoramentos de Pescaneco (Pampilhosa da Serra), Casas do Minho, do Distrito de Coimbra e da Comarca de Arganil.



A pele tem «sede»...

quando começa a enrugar e a perder a sua elasticidade

Só a EUCERIT contida no Creme NIVEA apagará essa «sede» de juventude evitando que a pele se torne seca e áspera.

Para um tratamento ainda mais eficaz aconselhamos, como coadjuvante, o Leite de Beleza NIVEA



Estrela Azul P. C. Amanhã à tarde: Casas do Algarve e das Beiras, Centro Espanhol, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Casa Pia A. C. Academia 1.ª de Setembro de 1867.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO L — Marques — E. de Benfca, 648, T. 780096; Sousa — Estrada de Benfca, 429-431, T. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, T. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, T. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B — junto à Avenida Brasil — Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade) — Pote de Agua Tel. 710131; Universitária — Rua 0, 29-D — Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, T. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, T. 726462; **FATI-MA** — Av. de Berna, 24-B (junto à igreja de Fátima) T. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel — Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45573; Contemporânea — Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira) — Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araújo 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C — T. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infancia, 29-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazu, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D.

Jerónimo Osório, JPM, 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Leal da — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André, 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A — Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.

CARTAZ DO DIA

TEATROS
NACIONAL — As 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».
MARIA VITORIA — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
AVENIDA — As 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
TRINDADE — As 21 e 45 — «12 homens fechados».
CAPITOLIO — As 21 e 45 — «Moral em concordata».
COLISEU — As 21 e 30 — «Circo».

CINEMAS
S. LUIZ — «A rapariga daquela noite».
TIVOLI — «A amada infiel».
S. JORGE — «Vidas separadas».
IMPERIO — «Anatomia de um crime».
EDEN — «Duas mulheres... Dois destinos».
POLITEAMA — «Retirar... nunca».
MONUMENTAL — «Eu seja cão!...».
ODEON — «Garotos de Londres».
ALVALADE — «A rapariga daquela noite».
CONDES — «Totó em Paris».
ROMA — «Europa de noite».
AVIS — «Julia... a ruiva».
RESTELO — «Homens das terras bravas».
JARDIM — «Homens e tubarões».
IDEAL — «Sem tempo para morrer».
PROMOTORA — «A volta ao Mundo em 80 dias».
OLIMPIA — «Lobo do mar».
CAMPOLIDE — «Tambores ao longe».
CINE CHABY (Algueirão) — «Rumo, Tóquio».

As obras de reparação da Rua de Santa Marta

A propósito da local publicada no nosso jornal, em 15 de Dezembro, intitulada «Tudo como dantes...», em que se lastimava terem parado as obras de reparação do pavimento da Rua de Santa Marta, após um curto período de actividade, comunicamos o presidente da Camara Municipal de Lisboa o seguinte:

«A interrupção das obras referidas, realmente verificada, com início no troço da Rua Barata Salgueiro e Rua Manuel Jesus Coelho, foi motivada pelas chuvas. O excesso de águas pluviais dificultou o andamento de obras de tomada de juntas de betuminoso. Esse o motivo da paragem assinalada. Assim que o tempo ofereça condições favoráveis, os trabalhos recomeçarão».

Encontro de contabilistas da Força Aérea

No Subsecretariado de Estado da Aeronáutica efectuou-se esta manhã mais um encontro — o XIII — de Formação Profissional da Intendência e Contabilidade da Força Aérea, cujos trabalhos têm por objectivo a simplificação e coordenação dos serviços administrativos e de contabilidade daquela Intendência.

TAUROMAQUIA

No «Sector 1»
Na próxima segunda-feira, dia 18, pelas 21 e 30, o conhecido crítico tauromáquico Fernando Baptista, «Zé Sincero», iniciará um novo ciclo dos colóquios que semanalmente se realizam na sede desta colectividade, na Rua 1.ª de Dezembro, 85, 2.ª.

PEIXE ESTRAGADO

apreendido em Portimão

Em Portimão, foram inutilizados 125 quilos de peixe-espada que se encontrava impróprio para consumo, e se destinava a ser negociado para fornecimento ao publico. Foram levantados os competentes processos.

Helicópteros da R. A. F. salvaram automobilistas bloqueados pela neve nas estradas inglesas

LONDRES, 16 — Os nevoes que caíram nos condados de Berkshire e Wiltshire foram tão fortes, que helicópteros da R. A. F. tiveram de ser utilizados para prestar auxílio ao grande numero de automobilistas que se encontravam isolados e completamente bloqueados na estrada que liga Londres a Bath e Bristol.

Brigadas de socorros, organizadas por militares, trabalharam longas horas para abrir caminho através da neve que, em alguns pontos, tinha mais de um metro de altura, salvando assim mulheres e crianças isoladas e ameaçadas pelo frio. — (F. P.).

200 mortos na Europa

PARIS, 16. — A Europa e a África do Norte continuam a ser flageladas pelo frio. O numero das vítimas aumenta constantemente. Perto de duzentas pessoas, pelo que se calcula, sucumbiram ao frio, na Europa, desde que começou a ofensiva do Inverno, no domingo passado.

Segundo as previsões meteorológicas, a Europa setentrional, central e ocidental continuará a bater o queixo nos dias mais próximos, fustigada pelos ventos frios que vêm da Rússia e a neve trazida da Escandinávia.

A chuva sucede ao frio

Contudo, na Europa meridional, e nomeadamente no sul da Itália, a temperatura abandonou de rigor. Mas o frio limitou-se a ceder a vez às grandes chuvas, que alagam principalmente o centro da península e a Sicília e a Sardenha. No litoral do Tirreno, o mar está bravíssimo e desencadeou-se violento temporal, a noite passada, no estreito de Messina. Oito passageiros sofreram ferimentos num dos barcos de carreira entre a península e a Sicília.

O mau tempo persiste igualmente em Marrocos e na Argélia. Assinala-se uma inundação generalizada da velha cidade marroquina de Fez, em virtude da cheia do Ziz, cujas águas destruíram, nomeadamente, cinco pontes. Em Tisa, cinco pessoas ficaram gravemente feridas, também devido à cheia. Na mesma região marroquina, aldeias cercadas pelas águas foram evacuadas.

Se o bom tempo regressou à Argélia nas regiões do litoral, no interior continua a nevar, com grande transtorno da circulação. A estrada que desce da costa oranesa para o Sul continua cortada pela neve no monte Ben Chicão, onde chega a atingir dois metros de espessura. Um temporal de areia, seguido de nevoes, varreu a vila saharana de Laghuat.

Em França, o frio mantém-se. Na região de Clermont-Ferrand, no centro do país, a noite passada foi a mais fria da estação (— 15,2° às 7 horas de hoje). A temperatura mais baixa foi a registada em Vichy, com 16°.

O canal do Ródano ao Reno, no Leste, está gelado na maior parte do seu percurso na Baixa Alsácia, contando-se 25 fragatas imobilizadas em Mulhouse.

Em dois sítios, o frio foi alternadamente aliado e inimigo do fogo: em Etival nos Vosges, o gelo não permitiu que os bombeiros acedissem ao fogo de uma serração de madeiras. Em contrapartida, em Laval, a neve apagou as chamas projectadas nos telhados vizinhos pelo fogo que se declarou numa oficina de aparelhagem eléctrica. — (F. P.).

Inundações graves no México

CIDADE DO MÉXICO, 16—Mais de 40.000 pessoas encontram-se sem abrigo em virtude das inundações destes ultimos dias que devastaram as provincias de Sonora e Sinaloa.

Os prejuizos causados pelas águas estão avaliados em 100 milhões de pesos (8 milhões de dólares). — (F. P.).

41,4 graus no Uruguai

BUENOS AIRES, 16 — A população de Buenos Aires e arredores passou ontem um dos dias mais sufocantes de que há memória. Cerca das 17 horas, não corria a mínima brisa e o termómetro marcava 54 graus e 2 décimos.

Em várias cidades do país, verificaram-se temperaturas entre 33 e 39,5 graus à sombra. Em Montevideo, capital do Uruguai, o termómetro atingiu, à tarde, a altura «record» de 41,4 graus. — (F. P.).

Furacão de areia

ARGEL, 16 — Um furacão de areia varreu Laghuat, na Sahara, a uns 300 kms. ao Sul de Argel e causou estragos importantes. Ielhados de casas foram pelo ar, automoveis voltaram-se, prédios em construção abateram. A cidade está privada de energia eléctrica e de aquecimento.

Quando o furacão começou a amainar, apareceu a neve, baixando a temperatura para zero graus. — (F. P.).

PASSOU

por bombista e perdeu o avião

TAMPA (Flórida), 16. — «Tic-tac, tic-tac... bomba», lia-se em letras vermelhas e gordas num caixote de laranjas que fazia parte da bagagem de Emil G. Switzer, engenheiro, que ia para Nova York, de avião. No extremo oposto do caixote, lia-se: «Sou o bombista louco».

Intrigado, para não dizer inquieto, o bagageiro preveniu o capitão de bordo, minutos antes de o avião partir. O aparelho foi evacuado, enquanto se passava revista à bagagem de Switzer já então entregue à Polícia. No entanto, o caixote suspeito estava realmente cheio de laranjas e os outros volumes do passageiro nada continham de anormal.

Switzer explicou: «Foram os meus colegas da fábrica que me pregaram uma partida...» O interrogatório levou duas horas. O engenheiro foi mandado seguir viagem em paz, mas, entretanto, o avião tinha partido. — (F. P.).

RESERVAS DA A. F. L.

Resultados normais na penúltima jornada do Campeonato de Lisboa

Benfica, 5-Torriense, 0

Jogo no Campo Grande, com razoável assistência. Os grupos alinharam:

BENFICA — Barroca; Sidónio e Zezinho; Neto, Alfredo e Inácio; Vieira Dias, Mendes, Torres, Peres e Espírito Santo.

TORRIENSE — Adelino; Gilberto e Portas; Carlos António, Narciso II e Margaça; Cecílio, Jerónimo, Vítor, Mário e Narciso.

Árbitro — Alípio Louro. O primeiro quarto de hora foi de jogo equilibrado. Depois, os «encarnados» entraram a dominar e quando se atingiu a meia hora ganhavam já por 2-0 — tentos de Mendes, aos 23 e aos 26 minutos.

A beira do intervalo, aos 44 minutos, Flávio que entrara a substituir Vieira Dias (na altura em que Quintino entrou para o lugar de Margaça) fez o terceiro gol do Benfica, fixando o resultado da 1.ª parte em 3-0.

Na segunda parte o Benfica continuou a dominar mas, apenas, obteve mais dois golos, aos 2 minutos por Flávio e, aos 40 minutos, por Mendes.

Ao fim: Benfica, 5-Torriense, 0.

Oriental, 1-Sporting, 4

Jogo no campo «Eng. Carlos Salazar», com reduzida assistência. Os grupos alinharam:

ORIENTAL — Arnaldo; Carvalho e Siborro; Cordeiro, Alfredo (depois Carapinha) e M. Ferreira; Libório, Pipas, Jacques, Raposo e Roque.

SPORTING — Viriato; Valente e Peyroteo; Pêrides, Galaz e França; Moraes, Carlos Manuel, Monteiro, Oscar e Quim.

ÁRBITRO — José Rodrigues.

O Sporting começou o encontro a dominar, mas tardou em concretizar a supremacia. E foi o Oriental que aos 33 minutos, abriu o activo, sendo Valente o autor do tento na própria baliza.

Essa vantagem durou pouco, pois aos 39 minutos, o Sporting

A VISITA

de Eisenhower ao Brasil

RIO DE JANEIRO, 16. — James Hagerty, secretário de Imprensa da Casa Branca, e o major Eisenhower, filho do presidente dos Estados Unidos, chegaram ao Rio, a fim de preparar a próxima viagem de Eisenhower.

O filho do presidente dos Estados Unidos foi recebido por Horácio Lafer, ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, e James Hagerty dá hoje uma conferência de Imprensa no Hotel Copacabana. Depois de amanhã, seguem os dois para Montevideo e Buenos Aires. — (F. P.).

VA TODOS OS DIAS AO

Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Enfado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

Nehru rejeita a cooperação defensiva dos países ameaçados pela China Continental

BANGALORE, 16 — Jawaharlal Nehru falou esta manhã, na reunião do directório do Partido do Congresso, a propósito de uma resolução que diz respeito às fronteiras.

O primeiro-ministro rejeitou a proposta de um delegado, no sentido da união dos países ameaçados pela China numa espécie de «sistema cooperativo de defesa», embora evitando as alianças militares. Nehru declarou, nomeadamente, que é impossível agir como «irmão mais velho», porque os países em geral não gostam que se lhes diga o que é que devem fazer.

Por outro lado, Sanjiva Reddy, novo presidente do Partido do Congresso, eleito em substituição de

Indira Gandhi, declarou: «É pena que a China não se cinja aos cinco princípios de coexistência pacífica que tão frequentemente proclama...».

Num discurso de política geral, o novo presidente do Partido afirmou: «Pela nossa parte, devemos ser fiéis à nossa política. Mas esta deve necessariamente adaptar-se às condições novas. Se houver uma agressão ao território indiano, deveríamos opor-lhe resistência. Devemos tomar todas as precauções para defender o nosso país».

Sanjiva Reddy admitiu, finalmente, que o Partido do Congresso sofre de vários males e acima de tudo da existência de elementos religiosos fanáticos e indisciplinados. Mas está convencido de que acabará por triunfar destas dificuldades. — (F. P.).

O discurso de Nehru

BANGALORE, 16 — «Um conflito com a China poderia transformar-se em conflito generalizado que duraria uma geração» — declarou, nomeadamente, o primeiro-ministro. Prosseguiu: «A China, como nós um país grande e brioso, não se submeterá. Por isso, é preferível não utilizar uma linguagem ameaçadora, e considerar o problema no contexto mundial actual, caracterizado pela procura da paz. Se queremos ser fortes, não devemos esquecer que a força reside, sobretudo, na potência e no desenvolvimento económicos. Contudo, o problema da defesa das nossas fronteiras é um problema importante, e temos de fazer o necessário para estarmos prontos, hoje e no futuro».

«Os Chineses não virão a Nova Delhi e nós não iremos a Pequim» — disse ainda Nehru.

A importância da África

Referiu-se depois à importância internacional que a África vai assumir: «Os anos de 1960 a 1970 podem muito bem ser a «Década da África». e o Mundo será provavelmente influenciado pelos acontecimentos africanos. Consideramos as futuras mudanças com simpatia. Muitos países africanos ascenderão à independência. Nenhum outro sofreu tanto como eles no passado».

Quanto aos problemas internos da Índia, o primeiro-ministro anunciou que o Governo tenciona tornar legal a publicidade fiscal, que permite o conhecimento dos rendimentos e das contribuições e impostos de cada um, a fim de lutar contra a corrupção. Indicou também que um «comité» supremo do Partido do Congresso pensa em pedir a todos os ministros, reputados e eleitos do partido que deem indicações voluntárias dos seus haveres e dos seus ganhos, a fim de que o povo possa ajuizar da sua integridade. Em contrapartida, rejeitou a ideia de um tribunal especial para estudar as acusações de corrupção, embora a questão da corrupção preocupe os espíritos há certo tempo a esta parte, porque, notou, a existência de tribunais especiais poderia criar uma atmosfera de «caçada às bruxas» e de incitamento à delação. — (F. P.).

empatou na conversão de uma grande penalidade, um tanto foradamente, sendo Monteiro o autor do gol. Ao intervalo, 1-1.

Na segunda parte o Sporting dominou com certa insistência e chegou a 4-1, com três golos da autoria de Monteiro, aos 3 minutos, Carlos Manuel, aos 17, e Quim, aos 25.

No fim: Oriental, 1-Sporting, 4.

Belenenses, 10-Arroios, 0

Jogo no Restelo, com razoável assistência. Os grupos formaram: BELENENSES — Nascimento; João e Bento; Carlos Silva 2.º, Figueiredo e Cravo; Alemãozinho, Mendes, Martinho, Miguel e Cunha Velho.

ARROIOS — Soares; Matos Cordeiro e Mendes; Peres, Nuno e Baptista, Costa, Patrício, José Luís, Borges e Augusto.

Árbitro — Libertário Moreira. A primeira parte foi de superioridade absoluta dos «azuis», cor-

22 EQUIPAS desistiram do «Rallye» de Monte Carlo devido ao tempo

MONTE CARLO, 16 — Os organizadores do «Rallye» de Monte Carlo informaram que entre os participantes inicialmente inscritos, vinte e duas equipas anunciaram já que não entrarão em prova em consequência dos boletins meteorológicos preverem condições de tempo desfavoráveis. Entre as desistências contam-se a do britânico Alford — um dos antigos vencedores do «Rallye» e a do espanhol Salvador Fabregas.

As previsões meteorológicas são francamente más. Os organizadores declaram que o melhor que se poderia esperar seria que o tempo não piorasse. Neste momento, com neve, gelo e um frio glacial, as condições estão muito longe de serem ideais para a realização da prova.

Os Governos dos países cujas estradas são percorridas pelos concorrentes tomarão as providências necessárias, preparando ambulâncias e equipas médicas a fim de que possa ser prestada pronta assistência médica a qualquer concorrente. Dois concorrentes que deveriam partir de Lisboa desistiram, e René Grossot, da França. — (A. N. I.).

UMA FAMÍLIA

morreu carbonizada

LONDRES, 16. — Cinco membros de uma família: pai, mãe, avó e duas crianças de 6 e 11 anos, morreram carbonizados num incêndio que destruiu na noite passada uma casa do bairro Camberwell, em Londres. — (F. P.).



Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!

LEVANTANDO 50% DO VALOR DA SUA PROPRIEDADE JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA
ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

A GRANDE "BRONCA"

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 79

Diário de Lisboa

DO "FERRAMENTA"!



Shakespeare nunca esteve

tão vivo na tradição
dramática europeia

— diz-nos o dr. Luís de Sousa Rebelo

Uma notícia de jornal, em que se informava de uma tradução das obras completas de Shakespeare, na nossa língua, fez com que tomássemos contacto o dr. Luís de Sousa Rebelo, apontado como director literário deste louvável empreendimento, antes da partida deste professor da Universidade de Londres, para Inglaterra.

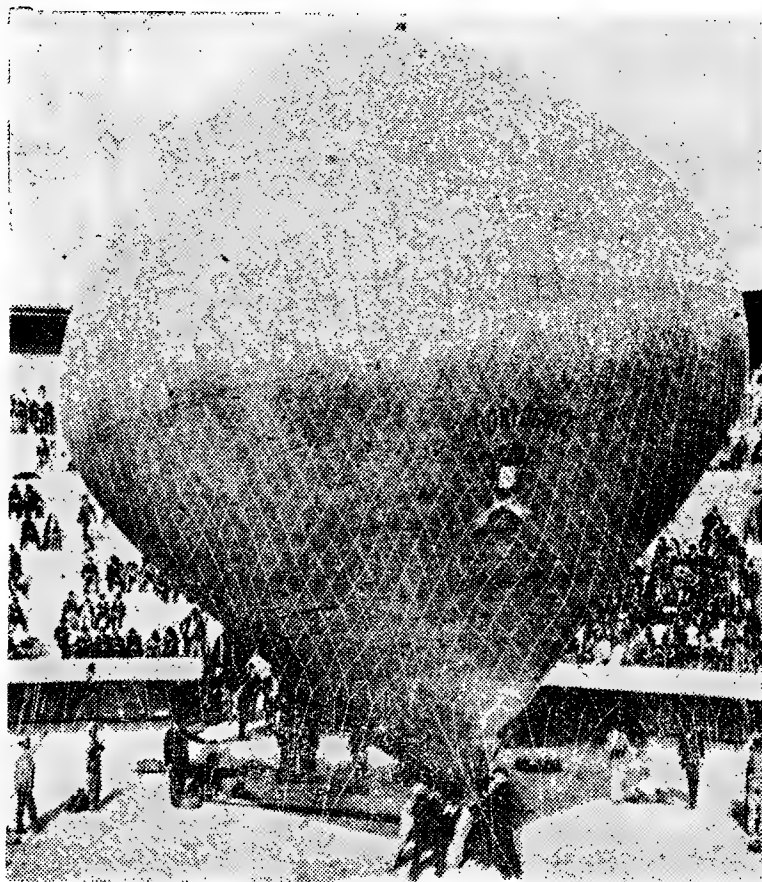
Havendo algumas versões portuguesas de Shakespeare, a primeira pergunta a fazer, no intuito de travar discussão com o escritor, seria o indagar da actualidade duma nova tradução das obras do grande poeta Isabelino.

Luís de Sousa Rebelo preferiu dada a responsabilidade da obra, um questionário. Tinha de ponderar... E de Londres recebemos agora as suas respostas:

—Porque entende que é actual uma nova tradução das obras de Shakespeare?

—Entre os vários aspectos da vida

(Continua na 7.ª página)



O século XX nasceu, sem dúvida, sob o signo da marcha dos homens para as estrelas. Desde o seu início que o homem se lança às mais aventureiras tentativas para vencer a servidão atractiva da Terra que o prende ao solo, forçando-o à triste condição de animal rastejante.

Antes dos foguetes lunares, antes do avião supersónico, perfurando os espaços a velocidades loucas, os nossos avós acompanharam a subida dos frágeis balões de papel ou de pano com a mesma ansiedade e o mesmo orgulho que

(Continua na página seguinte)

SAMARCANDA | ESPLENDOR DA TERRA

Samarcanda é verdadeiramente, um mundo diferente do nosso. O deserto está muito próximo, as montanhas, áridas, perfilam-se no horizonte;

portam do campo os mesmos frutos que se acumulam todos os dias, para que os mesmos clientes, vestidos da mesma maneira os olhem e os com-

melho purpureo da beringela, as melancias, os tomates, os pimentos e as uvas douradas ou negras se apresentem aos nossos olhos dum colorido

zonte; céu e montanhas são envolvidos numa luz de conto de fadas.

A cidade nova é formada por belas avenidas rectilíneas, casas modernas, fábricas, e uma importante Universidade. Mas ao centro, em pleno coração da cidade lá se encontram as esplêndidas construções erguidas pelos Timourides — a dinastia de Tamerlão: mausoléus, mesquitas, etc. O Bazar ou Grande Mercado ocupa o seu lugar de sempre. As mesmas pequenas carroças baixas, as «arabas» de vivas cores, puxadas por pequenos jumentos, trans-

prem sob os mesmos olhares. Minúsculos gerios trotam nos caminhos, resignados com a albarda, com os pesados fardos que lhe põem em cima, ou com os magotes de crian-

resplandecente. Dir-se-ia a gigantesca paleta dum pintor extraordinário.

As mulheres mais jovens de Samarcanda já se não apresentam veladas mas as velhas não é tão facilmente que abandonam os seus antigos hábitos, e aparecem ainda com os seus espessos veus de crina que apenas surgem pudicamente. Outras, cobrem-se com grandes veus brancos que fazem lembrar os que são ainda usados na África do Nor-

(Continua na 3.ª página)



NO PAIS

dos antigos romanos

por LLOYD THOMAS

Em 1907 um desses pequenos «homens-rãs» gregos que devassam longe e profundamente as águas do Mediterraneo, descobriu, ao largo de Mahdia, quando procurava esponjas, algumas filas de enormes cilindros meio enterrados na areia, a cerca de quarenta metros de profundidade.

Estes vestígios observados no fundo do mar da Tunisia não davam motivo a grandes dúvidas: Tratava-se, decerto, da célebre Galera de Mahdia, cargueiro da antiguidade clássica sobre o qual tanto se tem escrito. Neste caso o termo «Galera» é errado porque o barco não tinha banco de remadores: tratava-se, sim, de um veleiro construído para servir de transporte de cargas diversas com uma deslocação de 400 toneladas de mercadorias o que para a época, é quase inacreditável.

O navio de Mahdia tinha sido usado pelos romanos da época imperial no transporte de tesouros artísticos provenientes de pilhagens na Grécia.

Para recuperar este célebre barco houve que decifrar um verdadeiro romance policial arqueológico.

Avisadas do achado, as autoridades marítimas de Bizerta mandaram fazer um reconhecimento pelos «homens-rãs» da marinha. Os tais «canos» eram em numero de sessenta e sete e formavam no fundo do mar uma mancha oval sobre

a areia cinzenta. Os cilindros e alguns blocos rectangulares estavam recobertos de uma espessa teia de

(Continua na página seguinte)



No país dos museus submersos

(Continuação da página anterior)

«rãs» conseguiram recolher uma amostra que pesava três toneladas. Depois de lhe retirarem a camada de algas e de moluscos viu-se que os ditos «canos» não eram outra coisa sendo admiráveis colunas jónicas gregas, em mármore pentélico.

M. Alfredo Merlin, director das Antiguidades da Tunísia, comunicou a notícia a Salomon Reinach, célebre arqueólogo helenista. Reinach soube interessar dois mecenas americanos num projecto de recuperação: o duque de Loubat e James Hazen Hyde que subscreveram cada um 20.000 dólares. A expedição foi organizada e dirigida pelo comandante Tavera, que contratou «homens-rãs» profissionais italianos e gregos.

A profundidade de quarenta metros representava para a época uma dificuldade técnica. E, coisa curiosa, esse foi precisamente o ano que a Armada Real deu a conhecer as primeiras tabelas de decomposição, válidas para mergulhos de mais de cinquenta metros; mas Tavera não teve, então, conhecimento disso. Alguns dos seus «homens-rãs» foram tão severamente castigados pelo «bends» que tiveram de abandonar a profissão. Mas graças á obstinação de M. Merlin, os trabalhos, extremamente penosos, prosseguiram durante cinco anos.

O navio de Mahdia continha não apenas colunas, capitéis e vasos de ordem jónica, mas também vasos de jardim, esculpidos no tamanho de um homem. Os «homens-rãs» encontraram estátuas de mármore ou de bronze espalhadas no fundo, como se, carregadas no convés, tivessem sido projectadas quando o navio se afundava, planando para um lado e para outro, como uma folha morta.

Merlin, Reinach e outros peritos atribuíram estes trabalhos ao pri-

metro século antes da nossa era. O cargueiro teria naufragado pelo ano 80 A. C. quando transportava espólio sistematicamente reunido por Sila a seguir ao saque de Atenas no ano 88 A. C.

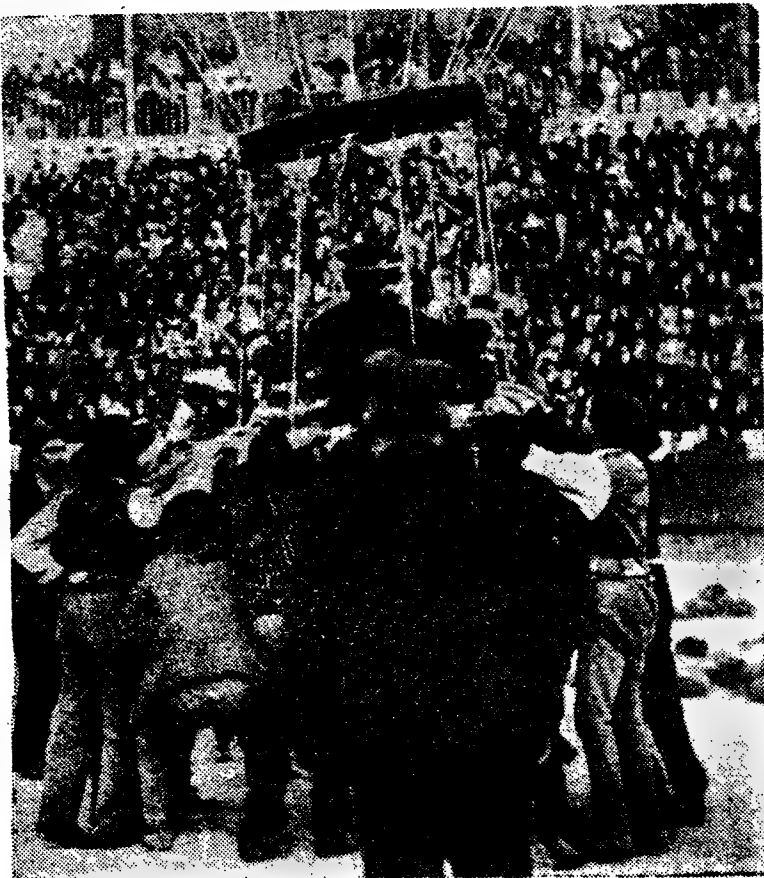
Os elementos de arquitectura naufragados representavam ou uma vivenda sumptuosa, demolida pelos comissários de Sila, na Grécia, para ser reconstruída na Itália, ou qualquer espécie de templo pré-fabricado, encomendado aos «ate-lers» de Atenas. O navio tinha-se afastado da sua rota, mas isso era frequente acontecer aos veleiros da época. De bordo e á volta do navio afundado foram retirados objectos de arte suficientes para encher, completamente cinco salas do Museu Alaoui, de Tunes, onde ainda hoje podem ser admirados. Em 1913, as operações de salvamento foram interrompidas por falta de meios financeiros.

Trinta e cinco anos passaram sobre o acontecimento, mas em 1948, quando uma expedição arqueológica tentou localizar junto ás costas da Tunísia, o antigo porto de comércio de Cartago, ouviu-se de novo falar na «Galera» de Mahdia.

Depois de baldadamente tentarem encontrar as ruínas do antigo porto, esse grupo de investigadores submarinos tomou conhecimento nos arquivos tunisianos e no Museu Alaoui da história fascinante da Galera de Mahdia. Tanto das nonagrafiadas de Merlin como do relatório de Tavera se concluiu que no velho cargueiro afundado havia ainda numerosos tesouros arqueológicos que desafiavam quem quisesse arriscar-se a conquistá-los ao fundo do mar.

Mas esses homens que conseguiram penetrar no mundo do Silêncio e lhe desvendaram os maiores segredos não se quedariam perante as dificuldades.

Essa extraordinária aventura submarina que nos propomos contar no próximo artigo.



(Continuação da pág anterior)

nós hoje perante a chegada de uma aeronave espacial ás planícies brancas da Lua.

Subir de balão, não saber para onde o levaria a grande aventura, ver a Terra lá de cima, de um ângulo nunca visto, eis a grande

atração da época. Não admira também que fosse esse um dos grandes espectáculos que atraía grande publico, ávido de emoções fortes e que os empresários souberam explorar até ao esgotamento.

Quem não se lembra — aqueles que já dobraram o cabo dos 70 — da grande «bronca» que foi a ten-

tativa da ascensão do célebre «Ferramenta» na praça de touros de Algés nos primeiros anos deste século de aventura?

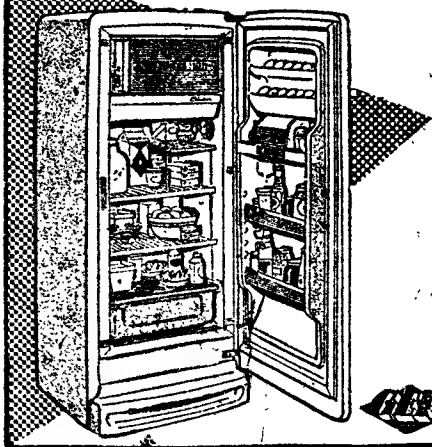
Era um domingo festivo que levou a Algés grande multidão. Nem todos entraram (o preço dos bilhetes já nessa altura também tinham a tendência para as ascensões), mas ficaram aos magotes nas proximidades, como se pode observar nas fotos. Os corajosos aeronautas eram, além do «Ferramenta», um tal Magalhães Costa, contratados pelo empresário da praça de touros. Soprava um vento forte e desfavorável á subida, pelo que o administrador de Oeiras resolveu proibir a ascensão. O povo protestou ruidosamente, mas o balão, «O Português», ostentando orgulhoso e patrioticamente o escudo real, ia-se enchendo, mas oscilava, perigosamente, e arrastava consigo os sacos de areia que não eram bastantes para o fixar. Os dois aventureiros, sob os aplausos populares, chegaram a estar dentro da barquinha, mas um golpe de vento mais forte fez com que o aerostato escapasse da rede, indo pelos ares, deixando em terra a barquinha e os navegantes. A multidão riu a bandeiras despregadas, mas depois, dando-se talvez conta de que houve aldrabice, protestou e amotinou-se, sendo contida a custo pela Guarda Municipal. Os dois aventureiros retiraram-se no dia seguinte para o Porto a construir outro balão. O «Português», que se dizia ter custado «um conto de réis», esse, caiu próximo de Sesimbra e ficou em lamentável estado.



O aspecto exterior da Praça de Algés no domingo 17 de Abril em que devia realizar-se a subida no balão do «Ferramenta»

GEIado começa por GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Conto Fergusson no seu livro sobre o «culto da árvore e da serpente» que um dia na Índia ao dirigir-se para o seu trabalho viu passar uma enorme multidão. Ao princípio não ligou grande importância ao caso julgando que aquela gente ia para alguma feira; mas a multidão aumentava sempre todos os dias e compreendeu finalmente que se tratava de qualquer coisa religiosa. Perguntou e disseram-lhe que a certa distancia da fábrica tinha aparecido um deus numa árvore. Foi lá no dia seguinte. Era uma pequena aldeia bem sua conhecida. Tinham terraplanado uma grande praça no meio da qual se encontrava uma velha palmeira, meio apodrecida, coberta de grinaldas e de oferendas. Brahmanes tinham já construído á sua volta casas e fazia-se muito negócio em ofertas. Indagando como é que o deus se manifestava responderam-lhe que pouco tempo depois de nascer o Sol a árvore erguia os ramos para o saudar, baixando-os novamente quando se aproximava a noite. Como não era difícil comprovar o milagre voltou lá ao meio-dia e viu com surpresa que não o tinham enganado. Reflectindo um pouco, e procurando a origem do facto, não tardou em compreender o mistério. A árvore estava antigamente a meio da rua principal da aldeia, e acabou por vergar tanto, atravessando-se na rua que, para se poder passar por debaixo dela, a tinham torcido para o lado e atado paralelamente ao caminho.

Durante esta operação as fibras que compunham o tronco tinham-se retorcido como se fossem os fios de uma corda. Quando o sol da manhã incidia sobre a superfície superior dessas fibras, o calor fazia-as contrair, e daí uma tendência a destorcerem-se que dava como resultado erguer-se a copa da árvore. A cacimba da noite afrouxava as fibras, e a «copa» tornava a baixar. Era esse o «milagre» que arrastava toda aquela multidão; e aqueles, que garantiam a Fergusson que aparecia um deus na árvore

eram os mais ilustres de toda aquela gente. Os restantes aceitavam a árvore como sendo ela própria um deus autêntico.

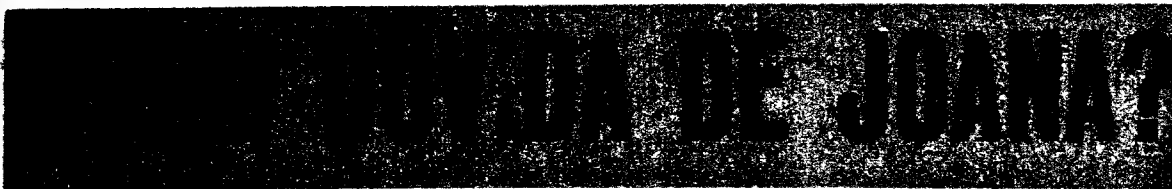
O dr. Mannhardt cita no seu livro «O culto das árvores entre os Romanos» num curioso conto alemão:

Certo pastor sobe um dia a uma formosa árvore cujos ramos formam os degraus de uma escada ao fim da qual toca as nuvens. Sobe durante nove dias, e chega por fim a uma planície onde vê um palácio, um bosque e uma fonte de bronze. Nessa altura as mãos do corajoso pastor tomam a cor desse metal. Quebra um ramo e sobe por espaço de mais nove dias, ao fim dos quais vê outra planície onde há palácios, bosques e fontes cor de prata. Parte outro ramo, e continua na sua ascensão, até chegar ao fim de outros nove dias, a um país de ouro: palácios, bosques e fontes de ouro; e de ouro também se tornou ele próprio. Quebra um terceiro ramo e, disfarçado em moço de cozinha, entra num régio alcaçar, cavalga por três vezes em volta da montanha de cristal e toca com os três ramos no seio da filha do rei, que vem a acabar por ser sua esposa. Qual a lição a tirar?

Que o pastor é o Sol; a montanha de cristal, o Inverno; e a princesa, a Primavera.

Entre os habitantes de Bengala corre uma engraçada lenda sobre a constituição das estrelas:

Segundo essa boa gente teria havido uma altura em que os homens e as mulheres quiseram atingir o céu subindo ás árvores. Parece que o conseguiram por seus próprios meios mas Deus castigou-os serrando o tronco dessas árvores e deixando-os pendurados no ar. Assim, esses atrevidos seres humanos nos aparecem agora em forma de astros.



Vimos na semana passada o ambiente que a lembrança de Joana deixara no povo de França. Admirar! O povo de qualquer pátria pode esquecer o aliado passageiro que apenas assomou ao limiar da sua porta; nunca esquecerá, porém, o que a franqueou de mãos abertas, para ficar, ou que nunca por ela saiu. Que Joana sempre lhes pertencera, eis o de que jamais duvidaram. Os de Domremy, que a viram nascer e criar-se e depois partir em defesa da terra comum que lhes servia de sustento e de último repouso — esses não necessitavam de inquirições para saber que Joana era inocente. E os demais?

Os demais — de Ruão, de Orléans, de Remis e de toda a parte onde florira a fama do seu nome — também não tinham dúvidas, já o vimos. No processo de reabilitação da Donzela lá estarão eles com todo o peso do seu amor e do seu testemunho honesto.

Então? Quem duvidava de Joana? Os que se interrogavam: quem nos diz a nós que esta mulher, vestida hereticamente de homem, não é uma intrujona, filha do demônio? Os historiadores ainda hoje tomam muito a sério estes escrúpulos de consciência. Pois não é verdade que quem corre por gosto não cansa? Vale bem a pena verter caradas de dialética para demonstrar que a dúvida metódica não nasceu de Descartes, mas da nobreza feudal. Chama-se a este malabarismo, «objectividades». Pois não é uma tentação o argumento de que os que duvidavam de Joana «se recusavam a seguir cegamente o instinto popular»?

A «dúvida metódica» tinha, além disso, outras razões ponderosas. A dúvida — esclarece a historiadora Régine Pernoud — «juntava-se um certo escândalo: este virago, trazendo de homem, que cavalgava no meio de soldados, de forma alguma correspondia à ideia que se pode corretamente fazer duma jovem cristã».

Eis o caso: Joana não vestia nos guarda-roupas do Dior medieval. Ao pé de tal atrevimento que importava a terra da pátria esventu-

vernação inglesa e a gratidão é uma enorme virtude. «E que havia de justo — prossegue a nossa autora — «nas querelas dinásticas que dividiam os príncipes? Carlos (o Carlos VII

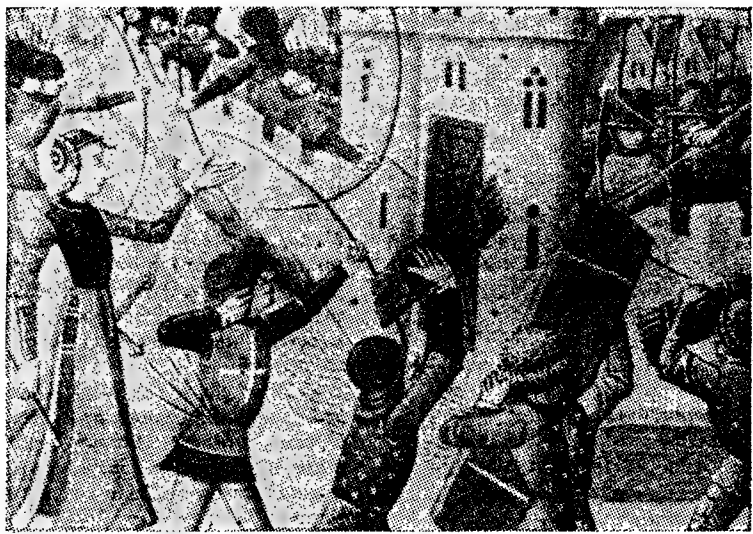
lágrimas de Fougères e Vernueil. Quem é agora o vencedor? Dunois, companheiro de Joana. Quando veio depor no processo de reabilitação, o general testemunhou: «E quando o rei (Carlos VII)

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

que Joana sagrada em Remis), renegado pela própria mãe, seria bem aquele que tinha o direito de reinar na flor de lis? Mil fábulas contraditórias circulam no povo a este respeito. Ele não fora marca-

veio a La Ferté e a Crépy-en-Vallois, o povo vinha á frente do rei, exultando e gritando: «Natal!».

Então a Donzela, cavalcando entre o arcebispo de Remis e eu, disse estas palavras: «Eis um povo bom;



do no peito, ao nascer, com a flor de lis, como sempre o tinham sido os herdeiros do trono.

Eis uma data de razões de muito peso. Se há querelas entre príncipes e sobretudo quando um é do país e outro de fora, o melhor está em cada um subir para as bandeiras e assistir ao espectáculo até ver para que lado cai o fruto maduro.

nunca vi outro povo que tanto folgasse com a chegada de tão nobre rei; possa eu ser feliz bastante quando acabar meus dias, para poder ser sepultado nesta terra.

A terra que ela e Dunois amavam. Em 1450 sopravam, na verdade, outros ventos. Três anos depois deixam o solo francês as últimas tropas invasoras. Custara. Mas cum-

POSSA EU SER FELIZ BASTANTE...

da e crestada pelos invasores ingleses ou pelos cavaleiros de Borgonha?

Mas havia mais, contam os sábios nestas ciências: as predições da Menina de Orléans não se cumpriram «em por cento». Pelo menos ao fim de uma eternidade de dois anos — coisa, na verdade, de enervar. Os senhores do tempo eram fortes em estatística e bem contavam pelos dedos, a falta de tabuada, que havia por cumprir três profecias de Joana. A primeira sobre Paris, de que o inimigo voltaria a apoderar-se em 1346, cinco anos depois da morte da Donzela. A segunda dizia respeito ao duque de Orléans, só libertado quatro anos depois daquela data. Finalmente os ingleses não tinham ainda sido expulsos de França, como a rapariguinha prometera. Para quem é espectador e não actor em carne viva — estas coisas caem fundo na alma e inflamam-na como a brotoeira da dúvida metódica. Ver para crer. Tanto mais que havia ainda um «stock» de dúvidas que alcançavam aquelas boas gentes.

Por exemplo? Ai temos a historiadora Régine Pernoud para nos esclarecer no seu livro «Vie et mort de Jeanne d'Arc (Les témoignages du procès de réhabilitation)». Diziam pois os cépticos:

«Onde estava a justiça das lutas fratricidas que despedaçavam dois reinos tradicionalmente unidos?» O amor quer-se varejado, não há dúvida. Por isso aquela «guerra de cem anos» entre Franceses e Ingleses. Não podia, na verdade, haver dois reinos mais unidos. E perguntavam os desinteressados, olhando as quatro esquinas cardeais:

«Onde está o bom direito? Onde está a justiça? Não fora a Normandia, durante dois séculos e até mais, um feudo dos reis de Inglaterra? E' verdade que estes reconheciam nos ditos territórios (do Sena aos Pirenéus) a soberania do rei de França e por tal lhe prestavam homenagem; mas os seus vassallos só tinham que lhe louvar a administração».

Isto defende Régine Pernoud. E com razão: sol bem alto e barba bem cheia. Tinha que agradecer-se a fatura colida a sombra da q-

Depois, bater as palmas. Mesmo não sendo marcado a fogo com a flor de lis (como convinha) em caso de vitória ao delfim não faltariam as palmas e os louros.

Mas a vitória sempre tivera a cor do outro lado da Mancha. Henrique V de Inglaterra fizera a sua entrada fulgurante pelas terras de França e ainda mais fulgurantemente esmagara os seus adversários em Azincourt. «Tal vitória — perguntava-se — não fora permitida pelo céu?» «E depois o filho do vencedor não casara, em legítimo, com uma princesa das Gálias? E que fizera nessa ocorrência o sogro, rei de França (Carlos VI)? Não lhe reconhecerá o título de seu sucessor?»

E assim condeeminando, concluíam:

«Não viera Joana contrariar uma história cujo curso a sentença de Deus estabelecera para sempre?»

Esta era a maior, a suprema dúvida. Por isso se tornava indispensável uma larga inquirição. Lá, porém, nos esconços do seu íntimo, Carlos VII, rei por graça de Joana, sentia (ou não sentia?) que a história da pobre menina que lhe trouxera um trono em nome do Rei dos Céus estava associada à sua própria. Os Ingleses tinham-no sabido primeiro e foram eles que lhe ensinaram o caminho. Daí aquele seu encarniçamento em destruir o efeito moral das vitórias de Joana. Se pudessem, na hora em que a tinham nas mãos, provar que não passava de uma herética, relapsa, rebelde aos mandamentos divinos — o soberano francês, obra de um inesgotável amor de camponesa, ficaria para todo o sempre desacreditado. Comprometer Joana era comprometer a causa de França; e como até ao minuto final das chamas da fogueira ela não olhara para trás, para onde morava a traição, o seu destino era sofrer, até ao fim, a pena infamante.

Mas em 1450, data em que se inicia o processo de reabilitação, os ventos sopram doutra banda. Henrique VI de Inglaterra vê cair, como castelos de cartas, as suas praças fortes da Normandia. Seus frecheiros deparam com um novo espírito de luta e despedem-se da vida, aos milhares, neste vale dela

pria-se finalmente o anseio profético de Joana:

«Do amor ou do ódio que Deus tem pelos Ingleses, não sei nada; mas, que sei que, fora os que nele morrerem, todos serão expulsos de França».

Estava maduro o tempo para a sua reabilitação. No próximo artigo veremos os factos surpreendentes que o processo trouxe á luz.

Sabe que o sal pode conter bactérias?

Era crença generalizada entre os homens de ciência que os micróbios só vivem e se desenvolvem na matéria orgânica, vegetal ou animal, e nunca em substâncias minerais. Está agora provado que o sal pode conter bactérias e que há mesmo um grupo delas — as bactérias halófilas chamadas — que só podem viver num meio muito salino.

Schoop fez em 1934 um estudo muito completo das bactérias halófilas e dividiu-as em três grupos: as bactérias obrigatoriamente halófilas, quer dizer, as que só podem viver num meio muito salino; o segundo das bactérias facultativamente halófilas, isto é, que podem viver num meio muito salino ou num meio sal; e o terceiro grande grupo de bactérias não halófilas.

O sal pode conter bactérias e uma vez posto em contacto com os alimentos pode dar origem a profundas alterações.

As indústrias pesqueiras conhecem, aliás, o prejuízo que as bactérias causam às conservas de pescado. O chamado «mal vermelho» do bacalhau é produzido pelo «halococcus litoralis», bactéria halófila obrigatória. Não se sabe ao cer-

(Continuação da 1.ª página)

te por algumas mulheres. O rosto está descoberto mas — força do hábito, sem dúvida — um dedo fortuito aconchega o veu dissimulando-lhe uma parte da cara. Os turbantes sem serem pesados como antigamente, são numerosos. Entre os homens e mulheres muitos são já camponeses livres que vieram ao Bazar oferecer os produtos das suas hortas. Mas por muito evoluídos que sejam, continuam semelhantes aos seus antepassados sob muitos aspectos, porque os velhos hábitos são ainda muito fortes.

Vemos também artesãos, cesteiros, oleiros; vendem-se sapatos e vários outros artigos de fabrico caseiro. Mas o que impressiona é que nada aqui é artificial, nada é feito para atrair o visitante e chamar a sua atenção. Não se vendem «souvenires» como nas chamadas cidades turísticas. Tudo é simples, verdadeiro, au-

te inclinados. Podemos imaginar a felicidade dos estudantes, sob as arcadas das suas células, inclinados sobre as douças obras, aprendendo os feitos ilustres do seu soberano. Não se distrairão eles, retendo mal as palavras dos mestres, estasiados na admiração dos adornos únicos desses monumentos, verdadeiros palácios onde a beleza das linhas se combina com uma enorme profusão de cerâmicas, mármore e ouro?

Um terramoto sacudiu há anos os alicerces destes edifícios, abrindo-lhes fendas inquietantes que obrigaram a uma escrupulosa restauração. Assim um velho escultor executou, muitos séculos mais tarde, os mesmos gestos dos seus antepassados. Com os mesmos instrumentos rudimentares, a mesma segurança de mão, esculpe o mármore branco que irá substituir as partes destruídas. Mais adiante um outro, ainda jovem, amassa a terra e com as suas próprias mãos fabrica os azulejos,

Samarcanda

tético. O povo vive a sua vida, diante dos visitantes vindos de toda a parte do Mundo, atraídos pelo nome mágico de Samarcanda. Oxalá eu tenha bastantes olhos para ver e a minha memória seja suficientemente fiel para vos fazer partilhar do meu entusiasmo.

Sim, porque ainda nada disse do que vi de mais importante. O terrível Tamerlão, que destruiu, no século XIV, cidades inteiras, na Runia, na Ásia Menor e nas Índias quis fazer desta cidade a sua capital e ao mesmo tempo o centro do Universo. E' a ele que devemos Samarcanda, o esplendor da Terra, segundo um velho provérbio local; a ele e ao seu neto Ouloung-Bek.

Esse sinistro Tamerlão é o responsável por um dos mais belos, mais delicados e mais harmoniosos monumentos existentes na cidade: o mau-soléu Gour-i-mir. Encomendou-o aos maiores artistas do seu tempo porque a tinha destinado ao seu querido neto Mohammed-Sultão. Mas a audaciosa cúpula cancelada que se ergue muito alta no céu, as cerâmicas de desenhos tão puros, de azuis tão profundos não chegaram a ser contemplados por Mohammed-Sultão porque, vítima da sua própria fúria guerreira, Tamerlão e enfiou a morte numa das suas aventuras assassinas. O corpo de Mohammed-Sultão, assim como o de Tamerlão, de Ouloung-Bek e de outras tantas personagens, nele repousam, não nos sumptuosos túmulos que admiramos debaixo da cúpula, mas exactamente em cima, na sua cripta, assinalados por uma simples lage.

Como exprimir a emoção que sentimos perante o conjunto, concebido por Ouloung-Bek, das três construções do Reguistão? Impressiona a amplitude, magestosa destas obras magníficas que se estendem dum e doutro lado do imenso «forum» dominado pelos minaretes ligeiramen-

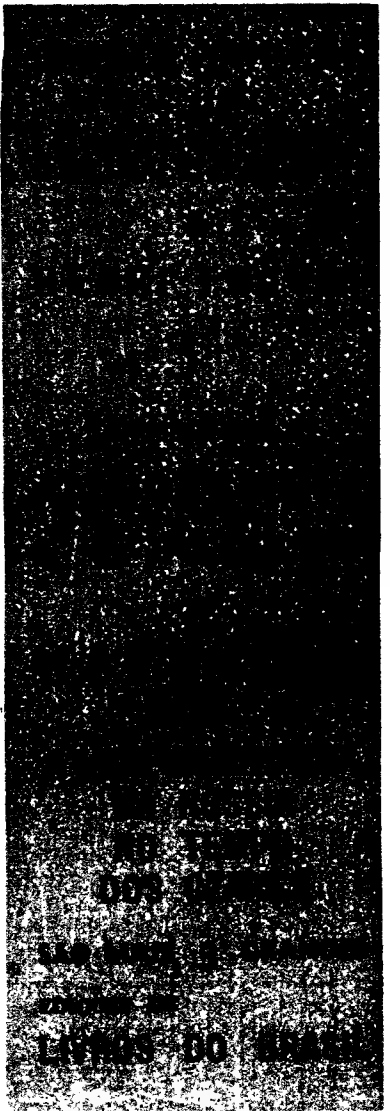
te envernizados e recozidos, para que o olhar mais experiente não possa distinguir entre o trabalho primitivo e o de hoje.

Ouloung-Bek pretendeu dar aos estudantes um estudo, sobretudo científico:

«As crenças esfumam-se como a bruma ao Sol e os reinos desaparecem; mas a obra dos sábios dura eternamente» — disse ele.

Escavações permitiram encontrar restos do seu observatório no cimo duma colina, um pouco isolada. Desfrutava dali uma vista admirável sobre a cidade e seus monumentos de um lado, do outro são as montanhas que nos rodeiam com seus recortes puros.

Entre duas paredes talhadas na rocha, vê-se ainda, em azulejos cobertos de mármore, um gigantesco sextante concebido para observação do Sol, dos planetas e da Lua. Não podemos deixar de ficar impressionados pelas geniais descobertas deste precursor, na altura em que, cinco séculos depois, outros pioneiros da ciência, estabelecem pela primeira vez contacto com a Lua. Neste país a ciência astronómica, sempre cultivada, encontra a sua disposição os instrumentos mais perfectos e os sábios mais competentes. Quando digo isto penso sobretudo no esplêndido observatório que tive a honra de visitar em Tachkent, com os seus pavilhões perdidos na verdade, na calorosa recepção que me fizeram o director, sua família e os seus eminentes colaboradores, simples e honestos como são os homens de ciência.



Diário de Lisboa

também, daqueles muito aguçados...

E assim esteve e deu voltas e mais voltas, até que por fim adormeceu.

Sonhou. Ia a correr, a correr pela rua fora atrás de um daqueles homens que concertavam os fios telefónicos e que ele já tinha visto da janela. Chegaram ao pé de um

e uma pena. Sim, minha senhora, E voltou para o lugar, muito teso. Até lhe dava a impressão de que ia debaixo de um daqueles arcos com bandeirinhas e flores que costumava ver lá na rua, quando havia as festas da cidade.

Mas quando se sentou na carteira, ora! quem é que diz que ele podia estar quieto?

Caramba. Se a sineta não tocas-se tão depressa tinha que sair fosse lá como fosse, senão ainda ouvia alguma rabecada da senhora, que estragava tudo.

A classe dele era sempre a primeira a aparecer no corredor. Naquele dia, mais depressa ainda do que o costume, ele saiu afrente.

Mal se apanhou fora da porta, pôs as mãos «ao volante», baixou a cabeça e larga a correr pelo corredor a toda a velocidade, de escape aberto: trrrr...

Chegado ao fundo, sempre de cabeça baixa e «na brasa», dá a curva e enfia pela sala de labores, exactamente no momento em que a Fina vinha a sair.

O choque era inevitável. Lançado como vinha, não pôde parar a tempo. E zaz! Bateu com a cabeça na barriga da Fina!

Nem olhou para cima. Acto contínuo, «agarrar» na alavanca das mudanças, puxa para trás, trrran... depois para a frente, trrran... dá meia volta... e aí vai ele outra vez a correr, agora em sentido contrário...

A Fina ficou suspensa, sem um gesto, sem uma palavra. Ao fim de alguns instantes, houve quem a visse muito vermelha, escondendo a boca com a mão, a rir, a rir, a rir...

Mais tarde, disse à irmã mais velha que nunca na sua longa vida de professora tinha visto um espectáculo daqueles e que perante tão desassombrado expediente, era impossível castigá-lo. Havia de falar-lhe.

O choque tinha-lhe estragado a festa. Passados os primeiros momentos, então é que foram elas. Escondido no corredorito que dava voltas e mais voltas á cabeça e ia sempre dar ao mesmo: «E agora? E agora o que é que ela vai fazer...? Uma cabeçada na barriga e ainda por cima de automóvel...! Chatice de pouca sorte...»

E as lágrimas vinham-lhe aos olhos. E não sabia o que havia de fazer. Ia almoçar? Se não fosse vinham á procura dele e então ainda era pior, podia vir «Ela» própria. Que aflição! E por onde ia? Ti-

Naquela noite deitou-se, e ao contrário do que costumava sempre fazer — voltava-se logo de lado, todo encolhido, com os joelhos quase ao pé da boca — deixou-se ficar de costas, ás escuras. A pensar, a imaginar, a ver mesmo como aquilo iria ser...

De entrada, como nos outros dias, chegava á aula, cumprimentava a senhora e ia sentar-se. Ficava um bocado á espera. Era melhor pou-sar a lousa e experimentar fazer ainda umas letras para ver se sabia todas sem se esquecer dos nomes. E repetia: «a, e, i, o, u, b, c, d... Não se havia de esquecer de indicar — antes de ela dizer! — quais eram as primeiras letras do seu nome, como a mamã tinha ensinado.

Bem; depois apagava. E depois, como seria? Assim que se levantasse, olhariam logo todos para ela? Era aborrecido, podia atrapalhar-se, sobretudo se as se-

AVENTURAS DO «FADO VELHO» — (9)

gostava mais de saborear, de prolongar...

E que estava mesmo a ver que ela trómente não acreditava. E ia

pau, o homem pôs-se a subir com as mãos e com os pés e ele, de um salto, agarrou-se ao pau e começou a subir também. Quando chegou

UM CADERNO • UM LIVRO • UMA PENA

nizgazinhas comessem a bichanar... Tinha que esperar uma altura em que estivessem todos com a cabeça para baixo.

E como é que começava? Podia ser: «Minha senhora, eu já sei fazer muitas letras». Não, era melhor não dizer «muitas». Podia esquecer-se de algumas. Dizia só: «Minha senhora, eu sei fazer letras». E ficava á espera que ela o mandasse escrever.

E repetia: «nada de trapalhices...» — a mamã tinha-o dito muitas vezes.

Nesta altura, uma dúvida que ainda não tinha previsto, franzi-lhe as sobrancelhas. E se ela, quando ele dissesse aquilo, não lhe ligava nenhuma e respondia como ás vezes fazia aos outros meninos: «E o que tenho eu com isso?»

Não, não; não valia a pena pensar nessa resposta. Ela isso não diria. E continuava.

Em seguida, com certeza, mandava-o experimentar. Ele fazia-as. E ia desenhando com o dedo, no ar, ás escuras: «a... perninha em baixo; o... perninha em cima; Começaria pelo a...

Aqui voltava atrás várias vezes. Era o momento cuja expectativa

pensar: «pode lá ser, sem eu o ter ensinado»

Ria-se. «Quando ela visse que era mesmo... a cara dela...» E dava um estalito com o dedo.

POR HENRIQUE PINHEIRO

Então imaginava que naquela altura já com certeza estavam todos a olhar para ele e os da frente até se levantavam. Talvez viessem mesmo ver... Mas não, ela isso não deixava.

E ria-se a fazer as letras todas e sem cuspir no dedo para apagar. Chegava ao fim. Tudo muito calado...

Nesta altura parava a cena. Aquela era a parte mais importante. A seguir... não sabia como iria ser. Passava a diante.

Começava então a ver a saída, quando tocasse para o almoço. Então é que eles vinham todos. Eia! Aquilo é que ia ser.

«E pá, foi bestial! Queres trocar um berlinde? «E alguns — o Faria! — esse até era capaz de querer dar-lhe mesmo um berlinde... e botões... talvez até um apar-

ao cimo, o homem já lá não estava. Atrapalhou-se, escorregou... e ficou pendurado nos fios pela perninha de um a!.

Deu um grito, levantou-se a cor-

rer e foi acender a luz da mesinha de cabeceira.

O irmão mais velho, que dormia na cama ao lado, acordou em sobressalto:

«Que é? Que é isso? Que foi?» «Nada, não é nada... foi... era eu... era eu que fui acender a luz p'ra ver se era dia p'ra ir p'ro colégio...»

«Acender a luz para ver se era dia? Salte já para a cama, seu «Fado Velho» de uma figa, se não quer apanhar um valentíssimo pu-zão de orelhas! Ora esta!»

E no outro dia, mais coisa menos coisa, saiu-se bem. A senhora não fez discursos, mas no fim disse que ele agora já precisava de um caderno, de um livro e de uma pena.

Repetiu alto de modo que todos ouvissem: «Um caderno, um livro

nha que evitar o corredor. Como a sala dos lanches tinha uma porta para este e outra para o recreio, lá foi, rentinho á parede para não ser visto das janelas e entrou, de cabeça baixa, encolhido, infeliz... e sem pensar, pôs-se a pensar nos gatos que, á mesma hora, costumavam entrar por aquela porta, a medo, a medo sempre á espera de uma má recepção...



**A MELHOR
MANEIRA
DE PROLONGAR
A NOITE**



O AMOR CÂNDIDO:
MADAME RIVIERE. Ing



O AMOR ANGUSTIOSO:
GRECA. Delacroix



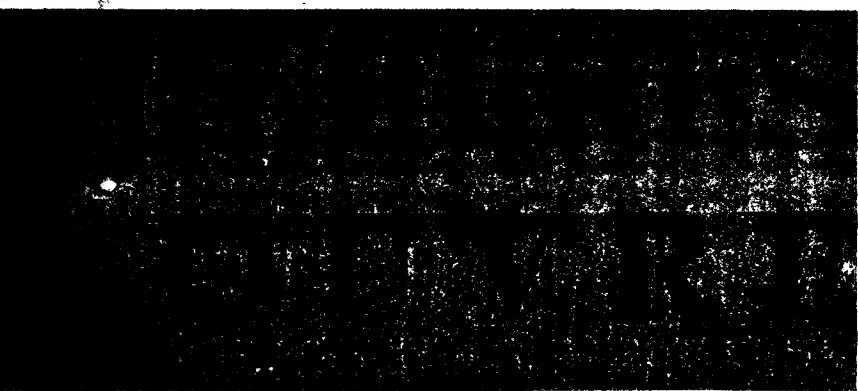
O AMOR TRANQUILO:
ODALISCAS. Ingr

O AMOR CONT

O conhecido cineasta francês Maurice Van Moppes realizou, há tempo, em colaboração com Pierre Kast, um filme deveras curioso. Trata-se de um filme de amor interpretado unicamente pelas mulheres representadas nos quadros célebres do Museu do Louvre.

O tema desta obra extraordinária é o amor em todas as suas formas: ideal, nobre, passional,

misterioso. são a Glor-tantas outras veis damas tristes. Falando s-De Van M-«O nosso vida amoros sua infância tural para, tas vezes



AME RIVIERE. Ingres

O AMOR PURO:
VIRGEM. Melnard



TIOSO:
CA. Delacroix

O AMOR DESABROCHANTE:
DIANA. Bouche



QUILLO:
LISCA. Ingres

O AMOR DOLOROSO:
VIRGEM DO SEculo XV

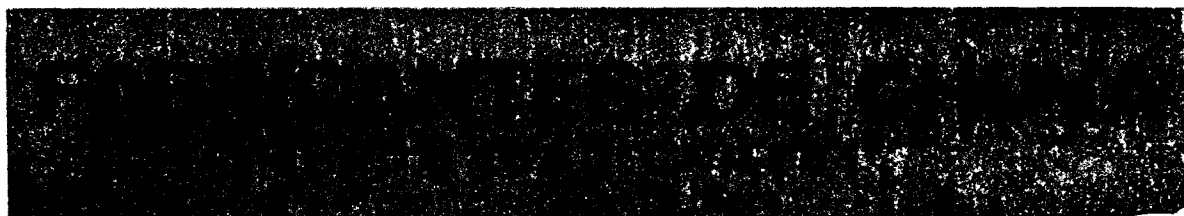
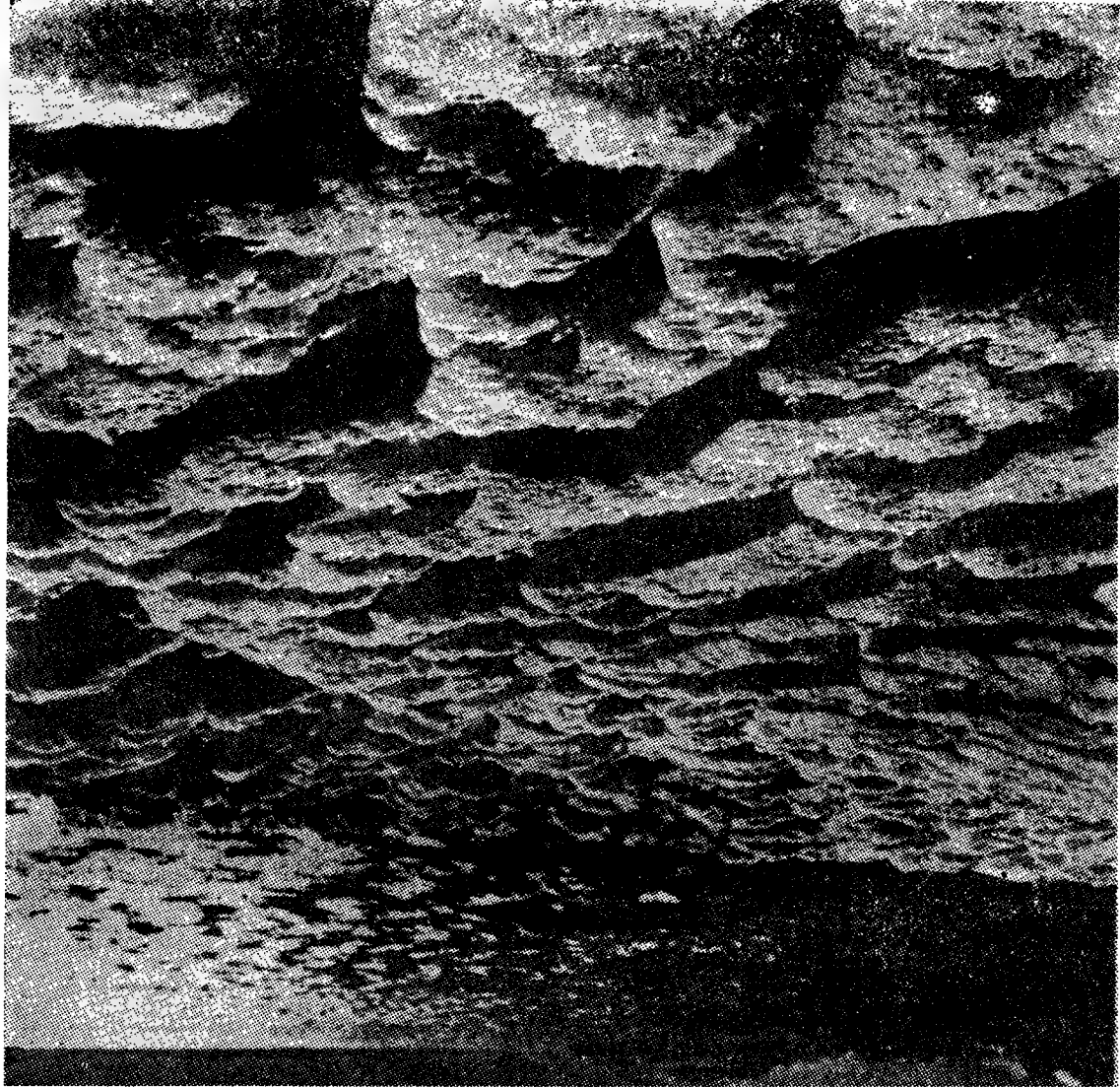
R CONTADO NUM FILME

francês misterioso. As principais vedetas são a Gioconda, Laura Dianti e tantas outras, desde as respeitáveis damas flamengas às virgens tristes.

Falando sobre a sua obra Maurice Van Moppés disse:

«O nosso objectivo foi focar a vida amorosa da mulher desde a sua infancia, a sua tendência natural para amar, da qual é tantas vezes vítima. A mulher tem

simbolizado sempre todas as aspirações do ideal: desde as «Odaliscas» d'Ingres até às «Sultanas Supliciadas», de Delacroix; verificamos que foi sempre no Mito da Virgem ou na mãe feliz ou sofredora que os homens simbolizaram toda a pureza e todo o ideal de que foram capazes. E foi também numa mulher que encarnaram o mais belo de todos — a liberdade.



Sempre que se fala de «fabricantes de chuva» ocorre-nos á ideia aqueles patescos aventureiros que apareciam nas herdades americanas nos tempos heróicos da colonização do Oeste a vender chuva a quem dela precisasse. O truque era simples: Sempre que a seca ia adiantada e as searas corriam perigo de se perder o «fabricante de chuva» aparecia a oferecer os seus serviços. Acor-dava então receber apenas depois do «serviço» feito e só tinha a esperar que a chuva caísse. Instalava, entretanto, a sua complicada «fábrica», constituída de toscas barracas de rodas puxadas por cavalos, e de estranhos instrumentos de aparência científica de onde saíam fios eléctricos e punham os fazendeiros de nariz no ar durante dias fazendo sair dum tubo de folha á laia de chaminé um fiozinho de fumo branco que se desfazia ao vento.

Quando a chuva tardava não era raro ter o nosso homem que dar ás de «Vila Diogo», a toque de caixa se não a toque de tiro. Mas se, pelo contrário, acontecia chover nesses dias, então não era milagre da natureza mas ciência certa do «fabricante de chuva» que via assim aumentados, prestígio e capital.

Por vezes a coisa ia mesmo a mais. Conta-se que um tal Hattfield após ter aberto em 1916 as cataratas celestes sobre as herdades da Califórnia teve de se confessar incapaz de as fechar, de tal modo que, depois de terem sido vítimas da seca os camponeses foram-nos da inundação!

Foram estes curiosos aventureiros os precursores do Dr. Vincent Schaefer, o jovem cientista americano que ao Serviço da General Electric Company conseguiu pela primeira vez extrair neve de uma nuvem, artificialmente «fecundada» para esse fim. Desde então os meteorologistas sentiram novas esperanças de que poderiam um dia orientar, a seu belo prazer, o estado do tempo.

Sabe-se que para chover é preciso que haja água no ar. E se as nuvens são água em vapor, logo basta haver nuvens para que se possa produzir chuva. Mais rigorosamente: as nuvens são uma

acumulação de água em pequenas gotas.

Porque não caem elas então e ficam no ar? Apenas porque são leves demais. Para que caiam é preciso arrefecê-las, de modo a que se condensem umas nas outras e ganhem peso bastante para cair em chuva.

Os trabalhos de Irving Langmuir, Vincent Schaefer e Bernard Vonnegut demonstraram que a chuva, a neve e mesmo as nuvens podem ser obtidas «fecundando» artificialmente a atmosfera pulverizando-a com pedaços de gelo seco ou com iodeto de prata. Misturando gotinhas frias com gotinhas quentes, ou com as partículas de gelo, obtém-se a chuva artificial que há muito era procurada.

Já nas áreas dos Estados Unidos batidas pelas secas, principalmente no Oeste, campo de acção permanente para os «fabricantes de chuva» alguns agricultores mais optimistas, assinaram con-

tratos com companhias que se dedicam exclusivamente ao fabrico de chuva. Algumas cidades, também, já manifestaram interesse pela experiência, mas teme-se entrar pelo caminho do «fabrico em larga escala» por receio de que um erro de cálculo na «fecundação» possa provocar um novo dilúvio nas áreas da experiência...

Tanto o iodeto de prata como pedaços de gelo têm sido utilizados para provocar quedas de neve. Schaefer em 1946 fez um voo de avião com o fim de «fecundar» nuvens e observou «rios de neve» caindo da nuvem da qual espalhara pedaços de gelo. Estes e outros êxitos deram novos elementos aos orientadores do tempo. A mais importante das empresas fabricantes de chuva que em consequência destes êxitos se constituiu na América do Norte foi a Corporação de Desenvolvimento dos Recursos Aquáticos dirigida pelo dr. Krick, famoso meteorologista. Um dos seus clientes mais fieis, um agricultor que possui um rancho de 10.000-hectares declarou:

«Estávamos a passar uma fase de grande seca esta Primavera. Todavia, quando os geradores de iodeto de prata começaram a trabalhar, quase um ano de chuva caiu na propriedade durante o mês de Maio e o de Junho».

Estavam bem longe de pensar, aqueles simpáticos aldrabões do mar que em menos de 50 anos os verdadeiros cientistas haviam de encontrar fundamento sério para os seus truques grosseiros. Quem os convenceria que estavam a falar verdade quando garantiam aos seus «clientes» ser possível produzir chuva quando se quer?

A verdade é que o grande Langmuir recolhendo sábiamente as experiências observadas num depósito de geadas nas asas dos aviões e numa pequena câmara frigorífica arrefecida a -25°, confirmou cientificamente, as suas afirmações provocando uma autêntica chuva de neve quando introduziu na câmara frigorífica uma pequena quantidade de neve carbónica — a ultima palavra no arrefecimento.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 982.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — ás 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — ás 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — ás 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — ás 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — ás 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — ás 18 horas.
Dr. Mario Jacquet — Fisioterapia — ás 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — ás 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — ás 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — ás 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — ás terças, quintas e sábados, das 14 ás 16 e 30 horas.
Prof. dr. Alen Saldanha — Ralos X — ás 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 h.

RECEITAS DE URGÊNCIA

OMELETA ESPANHOLA

Dourar finas fatias de toucinho, juntar um tomate descascado e sem sementes, uma cebola pequena, e alguns cogumelos grosseiramente picados. Mexer no lume durante 15 minutos. Partir os ovos, separar as gemas das claras que baterá em

te quente, mexendo sempre. Deitar um pouco de pimenta. Se o puré não ficar muito espesso, sirva a sopa com quadrinhos de pão torrado.

SOBREMESA RAPIDA

Alguns palitos La Reine (tantos quantos quiser). Um pudim «Boca doce». Algumas bananas (ou outra fruta qualquer). Amêndoas ou pinhões para decorar.

Faça o pudim como manda a receita. Numa travessa ou prato de vidro vá colocando camadas de palitos, bocadinhos de fruta, uma camada de pudim. Assim sucessivamente, até acabar os palitos ficando com o pudim suficiente para



castelo. Bater as gemas, salgar, apimentar, juntar meia colher de farinha, três colheres de leite e deitar as claras. Derreter um pouco de manteiga ou margarina numa frigideira. Deitar a mistura. Fazer a omeleta, como é usual. Servir com salada verde.



PURÉ DE FAVAS

Depois de descascadas, cozer em água salgada, passar pelo passador e deitar um pouco de manteiga no puré obtido. Juntar um copo de leite

cobrir tudo. Decore ao gosto com amêndoas peladas e torradas, ou frutas cristalizadas ou mesmo pinhões torrados e partidos.

disco da semana

POR CAUSA DE VOCE
SUCEDEU ASSIM
TUBE EU

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCE

SILVIA TELLES

Orquestras:

LEO PERACCHI e ANTÓNIO CARLOS JOBIM.

Este L. P. apresenta SILVIA TELLES a jovem intérprete que iniciou uma nova fase da música popular Brasileira, com o seu estilo romântico-moderno. Em cada faixa deste disco encontramos um ambiente diferente, uma sensação nova, com a voz de SILVIA transmitindo-nos toda a intimidade do seu calor, da ternura e da sua sensibilidade.

DISCOS «A VOZ DO DONO»

publicados pelos

Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Lda.

BAIBA COME

Os produtos açucarados e a saúde

Toda a contracção muscular contém açúcar.

Por isso, os produtos açucarados aparecem de preferência, como alimentos de esforço, fazendo parte indispensável da alimentação dos desportistas e de todos os trabalhadores.

Contudo, o açúcar em excesso e não utilizado pelo esforço físico facilmente se transforma em gorduras de reserva. Favorece, cada vez mais, o desenvolvimento de certas dermatoses como a furunculose e o acne.

Nunca esquecer, porém, que os produtos açucarados merecem um lugar de escolha na nossa alimentação. Graças ao açúcar, rações insuficientes em calorias, podem ser reforçadas.

AS GORDURAS E A SAÚDE

De tudo o que comemos, as gorduras são os produtos mais «alimentares». Um grama de gordura contém nove calorias, enquanto a mesma porção de hidratos de carbono apenas contém quatro!

As matérias gordas são preciosas no Inverno, pois permitem lutar contra o frio. Além disso contribuem para o fornecimento de vitaminas: A, D, E e F.

Todas as gorduras são, essencialmente, constituídas por ácidos gordos, de estrutura química muito variada; e tanto assim que algumas contribuem para a arteriosclerose, enquanto que outras a combatem.

OS CEREAIS E A SAÚDE

Muitos povos se alimentam, quase exclusivamente, de cereais: arroz, trigo, cevada, etc.

Estes alimentos fornecem muitas

calorias, graças ao hidrato de carbono que contém. São igualmente ricos em vitamina B, na medida em que não sejam extremamente purificados. Quanto mais branca é a farinha, menos vitamina contém. O mesmo acontece ao arroz descortinado.

Os cereais, como alimentos energéticos, contribuem para compensar os esforços musculares. Por isso, em caso de vida sedentária, estes elementos correm o risco de provocar a obesidade.

OS FRUTOS ACIDOS

A parte os operados e os dispépticos ácidos, não há verdadeira contra-indicação para as frutas ácidas — laranja, limão, tangerina, etc. Claro que, como já dissemos, os operados têm mais vantagem no consumo dos caldos do que em sumos de frutas. Mas isto, de breve duração.

Os diabéticos, esses podem consumir estas frutas pois cada 100 gramas equivalem, apenas, a 10 de açúcar. Mas nunca, pelo contrário, esquecer esta proporção, a fim de calcular o seu consumo.

Os ácidos são particularmente preciosos nos casos de doenças febris — gripe, febres eruptivas ou septicémicas — tanto pelas calorias que fornecem como pelo seu poder alcalinizante.

A presença simultânea da vitamina C e do factor P, tónico dos vasos, indica estes frutos como especialmente benéficos para as perturbações circulatórias. Quanto ao limão, usado nas ostras antes de consumidas, protege contra uma infecção típica eventual.

Salvo certos casos precisos, não se podem considerar os limões e as laranjas como nefastos ao organismo.

OS OVOS

São, sem duvida alguma, o elemento precioso para as refeições rápidas. Mas também fazem parte das melhores receitas, dos melhores pitús, tanto em culinária como em dogária.

Mas, não há bela sem senão: por isso, nada mais perigoso que um ovo estragado. Também a alimentação das galinhas tem muita importância no sabor dos ovos — o que é extremamente de considerar nos ovos crus ou estrelados e até mesmo mexidos, onde se nota mais o sabor. Que horrível não é um ovo que sabe a peixe... ou pior ainda, a palha, a baratas, etc. Por isso, há toda a vantagem em comer ovos de aviário.

O ovo é um alimento são e completo, concedendo ao organismo umas 80 calorias, a maior parte na gema.

São variadíssimas as formas de fazer os ovos. Contudo, também numa coisa tão simples há preceitos. Um ovo escalfado não deve ser deixado em água fria, mas fervente e apenas deve estar ao lume três minutos; o ovo cozido não deve ultrapassar os dez minutos e deve ser comido não muito após a cozedura. O ovo mexido é um estado intermédio entre ambos — a clara deve cozer e a gema conservar-se crua.

Os ovos mexidos ficarão mais macios e renderão mais, se se misturar um pouco de leite no momento de os bater.

Também para a omeleta há que cumprir certos preceitos, um dos quais é não usar mais que cinco ovos. Esta é a quantidade ideal, para se poder enrolar.

Quando ela pensa em malhas...



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

Porque não conseguiu a Alemanha fabricar a bomba atômica

Na Noruega meridional, em plena coração das montanhas Telemark, encontra-se uma típica cidadezinha escandinava, tranquila, um tanto sombria, com pequenas casas de madeira. De notável, somente vinte condutas que, descendo pelo flanco setentrional da montanha, levam a água de um lago para uma importante estação hidroelétrica, e um grande edifício de cimento armado, com seis andares, onde está instalada uma importante fábrica de adubos. No rés-do-chão desse mesmo edifício, numa pequena sala, pode ver-se uma série de tubos de metal, brilhantes e limpos como instrumentos de laboratório.

A cidadezinha chama-se Rjukan e a pequena sala da fábrica de adubos teve o condão de mobilizar durante longo tempo o interesse dos chefes das grandes potências em guerra. Houve mesmo um momento em que o destino da nossa civilização esteve suspenso das lentas reacções operadas no interior desses tubos. E' que dentro deles, com efeito, destilava-se o mais precioso filtro desse agitado tempo: a água pesada, que era então uma das insubstituíveis matérias-primas da fabricação da bomba atômica.

Foi um americano, o professor Harold Urey, quem descobriu a água pesada (óxido de deutério) em 1933. Ele apercebeu-se, ao estu-

dar as águas da electrólise, que a água ordinária, considerada até essa altura como uma combinação química simples, continha na realidade, mas em quantidade ínfima aquilo a que se chama «água pesada». Porquê este nome de água pesada? A molécula de água ordinária é, como todos sabem, composta de dois átomos de hidrogénio e um átomo de oxigénio; o átomo de hidrogénio compõe-se, por sua vez, de um núcleo (protão), ou partícula eléctrica positiva, e de uma partícula eléctrica carregada negativamente (electrão) que gira em volta do núcleo como a Terra em volta do Sol. Na água pesada, porém, há dois componentes no núcleo do átomo de hidrogénio: um protão e uma partícula neutra (neutrão), e assim o núcleo do hidrogénio pesado pesa o dobro do núcleo do hidrogénio ordinário. Ora, a fábrica de Rjukan era a mais importante do Mundo no seu género e achava-se em condições de obter, como subproduto da electrólise de água, apreciáveis quantidades de água pesada, e esta tinha começado a despertar um apaixonado interesse desde que se descobrira que ela

serviria para a desintegração atômica.

O urânio é uma fabulosa fonte de energia, mas para que ela se liberte é necessário «bombardear» esse metal. Os neutrões são os projectéis que lançados sobre o urânio penetram no seu núcleo atômico e o fazem explodir. A acção dos neutrões é extremamente rápida e sob a acção das suas radiações uma parte dos átomos de urânio desintegra-se produzindo um forte calor e dando origem a novos neutrões. Estes, por sua vez, produzem novas explosões de átomos, de tal modo que, finalmente, toda a massa se desintegra com uma rapidez crescente e libertando um enorme calor: é a chamada «reacção em cadeia».

Está claro que cada encontro do neutrão com um núcleo atômico de urânio sómente produz uma ínfima quantidade de energia. Mas numa pequeníssima massa de urânio existem milhões de átomos e é assim que desintegrando os núcleos atômicos de um quilo desse metal se obtém uma quantidade de calor igual à produzida pela combustão de 2 milhões de quilos de carvão.

Mas se essa reacção em cadeia não for refreada, a libertação de energia e de calor produz-se a uma ínfima fracção de segundo e todo o sistema terá voado em estilhaes sem que grande parte dos átomos de urânio se tenha desintegrado. E' pois indispensável, para que a reacção em cadeia seja totalmente eficaz, que uma proporção suficiente de neutrões tenha tempo de atingir os núcleos de urânio e para isso é necessário obter neutrões relativamente lentos. Ora, a água pesada é o melhor desses refreadores e por isso se pode calcular o interesse que os chefes das grandes nações em guerra manifestavam pelos tubos metálicos existentes na sala do rés-do-chão da fábrica norueguesa.

Em Janeiro de 1940, a fábrica de Rjukan recebeu quase simultaneamente a visita do adido comercial francês e do representante da famosa sociedade alemã I. G. Farben Industrie. Ambos inquiriam sobre as possibilidades de aprovisionamento em água pesada. A produção era por essa altura de 300 gramas por dia e o «stock» existente elevava-se a cerca de 200 quilos. O Governo de Paris conhecedor da simpatia que os Noruegueses nutriam pela França e pela causa dos Aliados, tinha-lhes pedido para se absterem de fazer qualquer venda à Alemanha. Mas já o director da fábrica tomara a iniciativa de recusar o pedido da Farben Industrie. Esta, dando assim a medida bem terrificante das necessidades e dos projectos do Reich, tinha-se declarado pronta a comprar 2.000 quilos de água pesada, garantindo um futuro consumo de 110 quilos por mês.

O perigo, no entanto, subsistia. Aos gabinetes dos chefes dos serviços secretos franco-ingleses chegavam mensagens cifradas dando conta de que a Alemanha intensificava as suas investigações no domínio da energia atômica e considerava o misterioso produto da fábrica de Rjukan como um elemento essencial dos seus trabalhos e das suas experiências. A hipótese de invasão da Noruega pelas forças do Reich estava também a ser encarada.

Era necessário agir com a maior rapidez.

Numa manhã do fim de Fevereiro de 1940, um oficial do exército francês entrava no gabinete do sr. Raoul Dantry, ministro do Armamento. Já ali se encontrava, junto

ção, e alguns instantes mais tarde está sentado em face do director da fábrica de Rjukan. O oficial aborda de frente o assunto, revela ao norueguês a importância das investigações de Joliot-Curie no domínio da guerra. O director res-

por ALFREDO BRAZ

do ministro, o sábio Joliot-Curie. Sobre essa histórica entrevista, sómente se sabe que o oficial acabou por aceitar a difícil missão de ir buscar a Rjukan o «stock» de água pesada e transportá-la para Paris através da Europa em guerra.

O audacioso oficial francês, levando consigo uma carta de crédito de 1 milhão e 500.000 coroas norueguesas, partiu de comboio para Amesterdão, no dia 28 de Fevereiro. Um avião, voando ao largo das costas da Alemanha, colocou-o depois em Malmoe, na Suécia. Em Paris, entretanto, o serviço de contra-espionagem capta e decifra uma mensagem da rádio alemã que diz: «Interceptar a todo o custo um suspeito francês de nome A...».

O agente secreto francês, chega do a Oslo no dia 4 de Março, transmite as suas instruções ao ministro da França, pedindo-lhe que ponha à sua disposição um pavilhão discreto construído no jardim da lega-

ponde: «Deveis dizer ao vosso governo que nós não queremos receber um centimo, até à vitória da França, pelo produto que vamos entregar-vos. Desejo que as investigações tenham o maior êxito e estou convencido de que se a França perder a guerra será fustigado por ter tomado esta resolução. Mas é por fidelidade a mim mesmo que resolvo correr esse risco».

Começa então a viagem da água pesada. O próprio director da fábrica transporta no seu automóvel os «bidons» com 185 quilos do precioso produto. Toda a noite o auto rola através da montanha e, na madrugada do dia 10 de Março, vendida a primeira etapa, a carga é armazenada no pequeno pavilhão da legação da França em Oslo.

A maneira como a água pesada foi transportada de Oslo para Paris e depois, após a derrota da França, para Inglaterra, será assunto para um próximo artigo.

Shakespeare

(Continuação da 1.ª página)

cultural do nosso tempo, um deles parece ser o interesse cada vez maior que se tem dedicado à releitura e interpretação dos grandes mestres do passado. Multiplica-se um pouco por toda a parte o numero de versões existentes e procura-se apreender o sentido autêntico do pensamento do autor. Shakespeare, como é natural, tem polarizado a atenção de escritores eminentes, que têm tentado reproduzir na lingua própria as belezas do texto original. Para citar um exemplo, basta dizer que na França não passa quase um ano sem que não apareça uma nova versão de uma qualquer das obras de Shakespeare.

Ainda muito recentemente o «Clube do Livro», organização editorial de alto prestígio, deu a lume uma nova tradução dos «Sonetos» de Shakespeare, em que colaboraram alguns dos mais notáveis poetas franceses.

Por outro lado Shakespeare nunca esteve tão vivo na tradição dramática europeia, como agora. Em Inglaterra representam-no o ano inteiro, não só em Londres, como nas cidades de província. E durante seis meses, na sua cidade natal, em Stratford-on-Avon, há um festival anual em que uma companhia especialmente escolhida repõe algumas das suas peças. Porém este amor pelo poeta não se confina unicamente ao país em que nasceu. Na França, na Itália, na Alemanha, na Suécia, nos países das democracias populares, na Rússia, onde são famosas as traduções de Pasternak, Shakespeare é um dos autores mais representados.

Ora, como responde Portugal a este entusiasmo que encontramos lá por fora? A apresentação de Shakespeare nos nossos palcos é uma excepção. Além das tentativas do Teatro Nacional e do Grupo de Teatro Experimental do Porto, dirigido por António Pedro, pouco mais houve que valha a pena registar, e esse mesmo em quantidade insuficiente para iniciar uma tradição. Quanto a mim esta indiferença, que faz de Shakespeare ainda um grande desconhecido do publico português, apesar das informativas monografias do prof. Luis Cardim, provém principalmente da falta de uma boa versão em lingua portuguesa. Por grandes que sejam as dificuldades do nosso teatro no momento presente, a falta de um texto de confiança, um texto que respeite o pensamento do poeta e procure dar uma ideia da beleza do original, é para mim a razão fundamental deste desinteresse.

A maioria das edições portuguesas, que se encontram no mercado, salvo um numero diminuto e, mesmo assim, não integrado numa colecção das obras completas, é francamente má. Não só a literalidade do texto não foi respeitada, pelo menos tanto quanto é possível num texto poético desta natureza, como se procuraram criar efeitos retóricos de mau gosto na tradução portuguesa, o que denota já uma concepção própria e datada do que deve ser um texto dramático. Daí a oratória pomposa com que se exprimem as personagens e a grandiloquência declamatória, que tão mal impressionam o nosso leitor.

Ao mesmo tempo desprezaram-se os trocadilhos, os «quibbles» ou «puns» shakespearianos, que dão uma cor muito particular ao diálogo das suas personagens, assim como se renunciou a tentar qualquer aproximação com as associações mais frequentes, no original. Creio que o que acabo de dizer bastava só por si para impor a necessidade de

uma nova tradução. No entanto se ainda lhe lembrar que as Hermenêuticas shakespearianas têm feito progressos notáveis nos últimos vinte anos, poderá compreender que o aparecimento de uma nova tradução não é uma necessidade, mas, sim, uma obrigação. E note que nem sequer podemos fazer um confronto com a Espanha, onde há excelentes versões das obras completas em castelhano e castelhano!

Conhecidas as razões que levaram à realização deste trabalho quisemos saber que respectivo plano de edição.

Um empreendimento editorial tão vasto como este levantou inúmeras dificuldades, que levaram o seu tempo a resolver. Uma vez das obras de Shakespeare só pode ser feita por uma equipa de tradutores, e em Portugal não é fácil organizar um largo quadro de colaboradores, que estejam familiarizados com o original inglês e que possuam, ao mesmo tempo, uma certa experiência literária. Depois de várias tentativas, nem sempre coroadas de êxito, conseguiu-se encontrar um grupo de tradutores competentes e experimentados. E' com eles que vamos iniciar a primeira parte das «Obras de Shakespeare». Porém, como sabemos que o publico já está um tanto escarmentado das publicações em fascículos e um empreendimento editorial desta envergadura não poderia ser feito doutro modo), resolvemos publicar num só volume uma selecção das peças mais conhecidas do grande dramaturgo. Assim, dentro de um prazo determinado, o máximo dois anos, o leitor terá um volume, que compreenderá o texto completo do que se chama em Inglaterra «Essential Shakespeare». Em seguida, e na medida em que o publico corresponder à nossa iniciativa, começaremos a publicação das peças restantes, completando, assim, num segundo volume, o plano inicial da nossa edição. Estou certo de que o publico saberá compreender o alcance da iniciativa e nos dará o melhor acolhimento.

A orientação que preside à execução da obra cuja direcção me foi confiada, já ficou mais ou menos enunciada, quando lhe fiz sentir a necessidade de uma nova versão portuguesa do texto shakespeariano. O primeiro volume abrirá com a minha tradução de «Romeu e Julieta», a que se seguirá o «Sonho de Uma Noite de Verão», pela dr.ª Maria da Saudade Cortesão Mendes, mais conhecida no Brasil do que em Portugal pelas suas versões de T. S. Eliot. Seguir-se-ão, depois, Martinho Afonso de Melo em «Hamlet» e o dr. Palma Ferreira com o «Macbeth».

—E o segundo volume?

—Para ele estão destinados o «Rei Lear», «Othello» e «António e Cleopatra», traduções por dr. António de Figueiredo Leitão e dr.ª Laura Costa Dias de Figueiredo e um ensaio sobre a obra do Poeta escrito especialmente para o publico português por um dos maiores shakespearianos ingleses, o professor John Dover Wilson.

Finalmente, dá-nos Luis de Sousa Rebelo algumas características da obra.

O aspecto gráfico da edição foi entregue a Manuel Lapa, nome que dispensa quaisquer elogios. A obra incluirá ainda grande numero de reproduções fotográficas de encenações célebres, portadas das primeiras edições conhecidas e gravuras da época isabelina, que estejam relacionadas com a vida do teatro do tempo. Como vê, não nos pouparamos a esforços para oferecer ao publico português uma obra séria e digna do Poeta.

Paulo e... Choé



Por um lamentável engano de que os nossos leitores, decerto se deram conta, não publicámos no numero anterior as romanticas fotos de Paulo e Choé de quem contámos a história.

Estes jovens rinocerontes brancos, agora em exposição no Zoo belga continuam no exílio e na prisão, uma paixão amorosa, que teve o seu inicio nas selvas bravias do Sudão, onde ainda é possível encontrar e caçar estas raras espécies de sobreviventes pré-históricos.



Pequena antologia do fantástico e da ficção científica



Assim, quando o hipertelescópio do Monte Palomar, nos Estados Unidos, assinalou no planeta vermelho uma série de manchas brilhantes que se elevavam, rapidamente, compreendemos que, mais uma vez, nos íamos ter que haver com esses bandalhos do espaço. Mas, dessa vez, estávamos preparados. Mobilizámos imediatamente a Real Força Aérea, a Marinha, e até a Guarda Territorial. Informámos dos nossos preparativos a União Europeia, a União Soviética e os Estados Unidos da América. Propusemos mesmo em prestar-lhes alguns almirante de reserva que, felizmente, não nos faltam. Mas tivemos um grande desapontamento: os continentais aproveitaram a ocasião para tentar mais uma vez, em vão, naturalmente, atrair-nos para a sua União; os soviéticos descobriram na nossa oferta não sabemos que conspiração capitalista, e os Estados Unidos propuseram-nos reconstituir o Alto Comando da última guerra mundial, sob direcção americana, é claro. Esses coloniais são de um atrevimento!

Esperámos, calmamente, a queda dos cilindros e, deve dizer-se para glória da Guarda Territorial, que os seus membros não interromperam nunca a sua vigilância mais do que dez minutos, para tomar o chá. Infelizmente, se nós tínhamos progredido desde os começos do século, os Marcianos tinham feito o mesmo e um deles descobriu a famosa fórmula $E = mc^2$, pois chegaram mais depressa do que tínhamos esperado, a bordo de uma enorme quantidade de astronaves atómicas.

Deve existir entre esses polvos marcianos qualquer coisa que lembre, embora de longe, o nosso glorioso tradicionalismo, pois a sua primeira astronave pousou nas terras de Horsell, exactamente onde caíra, cerca de cem anos mais cedo, o seu primeiro cilindro. Era uma enorme coisa de metal brilhante, um fuso esguio que se conservava direito como a flecha de uma igreja. Podia ser visto de muito longe, erguendo a ponta por cima dos pinheiros, na luz da manhã.

As nossas esquadilhas subiram imediatamente. Assim que os radares localizaram o ponto aproxima-

do da chegada, todos os habitantes, num raio de 30 milhas, foram evacuados. Não queríamos repetir o nosso erro anterior e, apesar dos discursos de um francês fala-bato que queria que se tentasse mais uma vez entrar em contacto com eles, estávamos absolutamente decididos a ser os primeiros a atacar, usando bombas atómicas.

Mas, assim que pousou, a astronave rodeou-se de um espesso nevoeiro que, embora não se aproximando do «fog» londrino, essa especialidade britânica que São Francisco tenta em vão imitar, fez desaparecer tudo aos olhos dos observadores. Os Marcianos também conheciam, assim parecia, o método de neutralizar o radar, e as nossas valentes tripulações viram-se obrigadas a largar ao acaso as suas bombas atómicas tácticas.

Cheios de esperança, esperámos que o nevoeiro e os fumos radioactivos se dissipassem! Durante a manhã descobrimos que, em toda a Terra, mais astronaves tinham aterrado e sofrido ataques análogos.

Finalmente, o nevoeiro desapareceu. O aparelho marciano estava intacto, mas Horsell, Ottershaw e Woking tinham desaparecido! No entanto, no raio de uma milha em torno da astronave, a vegetação estava intacta. Aqueles danados possuíam um ecran de força! A cena repetia-se por todo o Mundo e até mesmo uma bomba de hidrogénio que os russos tinham empregado, na taiga siberiana, não dera melhores resultados.

Durante os dias que se seguiram os Marcianos trabalharam infatigavelmente em torno das suas astronaves. Só na Grã-Bretanha havia mais de cinquenta! Os pontos invadidos, em toda a Terra, foram rodeados por cordões de tropas, enterradas em trincheiras rapidamente abertas por escavadeiras mecânicas. No sexto dia, vastas escotilhas se abriram nos flancos dos aparelhos marcianos e delas saíram os já nossos conhecidos tripodes, apenas um pouco maiores que os da primeira invasão, e que podem ser admirados no Museu Britânico. Imediatamente todos os canhões, atómicos ou outros, foram apontados, os mísseis teleguiados colocados

nas rampas de lançamento e as esquadilhas descolaram. Os tanques couraçados de amianto, com dupla blindagem separada por uma zona de vácuo — as «garrafas termos», segundo o seu nome de código — avançaram. E todos, com as cabeças metidas em capacetes de oxigénio, esperaram o silvo do raio ardente e as descargas de fumo negro.

Mas, como já disse, também os Marcianos tinham progredido e, tal como vulgares franceses, nós estávamos em atraso de uma guerra. Não foi o raio ardente da primeira invasão o que saiu dos tripodes, mas outra coisa, uma irradiação que abateu todos os homens à sua frente, não mortos mas num profundo estado cataléptico. Sistemáticamente, os Marcianos percorreram a Terra, tanto em tripodes como em aparelhos voadores, lembrando os discos de triste memória e, um após outro, os Estados caíram e os homens perderam a consciência. Essa catalépsia durou uns bons quinze dias.

O que se passou durante esses quinze dias, não o sabemos. Ninguém foi testemunha. Quando, quinze dias depois do primeiro ataque, os primeiros atingidos recobram consciência, tudo parecia normal, solo... E os Marcianos tinham-se excepto os corpos que juncavam o ido embora.

Houve muitas conjecturas acerca de tal desaparecimento. Apareceu a hipótese de que se tratava apenas de um aviso e que os Marcianos, tendo conquistado Vénus, já não estavam interessados na Terra, tendo querido apenas demonstrar a sua força, convidando-nos assim a contentar-nos com a Lua e não ir mais longe. Com efeito, nada parecia faltar, as perdas em vidas humanas eram quase nulas e nem sequer tinham, como ao princípio se receara, roubado ou inutilizado os «stocks» de matérias fósseis.

No entanto, um facto inquietante apareceu, pouco a pouco: já não havia doentes. Sem dúvida que se continuava a morrer de acidentes, de velhice, de ataques cardíacos e de certos cancros. Mas já não havia doenças infecciosas. Desaparecidas, a tifoide, a peste, a cólera, a vario-

la e até a vulgar constipação! Febrilmente, os laboratórios médicos fizeram análises sobre análises. Recolheram-se amostras em toda a parte, até no fundo dos oceanos. A verdade era esta: não restava na terra, no mar ou no ar um único micróbio patogénico!

Os bandalhos! O seu móbil era claro agora! Tinham vindo vingar-se, não de nós, mas dos nossos mais poderosos aliados que os tinham já obrigado uma vez a abandonar o nosso planeta, os nossos bons e velhos micróbios.

Mas não hão-de ficar a rir-se! Um dos seus aparelhos capotou à partida e encontrámos nele o sistema que nos abrirá o caminho do espaço. Dispomos de fundos ilimitados e, em breve, uma armada poderosa — e terrestre, desta vez — aparecerá nos céus de Marte e Vénus.

Então será a nossa vez de nos vingarmos. O homem dirá a última palavra. Isto é tão verdadeiro como eu me chamar W. M. McIntosh, secretário-geral do Trust Internacional de Produtos Farmacêuticos!

F. M.

Quando as pessoas célebres dizem besteiras

O errar é humano. Na verdade, todas as pessoas podem enganar-se, sobretudo quando se trata de prever o futuro. Conhecem-se mesmo alguns erros que ficaram conhecidos na História e de tal modo grandes que o menos que deves se pode dizer é que são besteiras tão grandes como as personalidades que as cometeram.

A célebre «madame» de Sevigne por exemplo, decretou um belo dia que o grande Racine passaria tão despercebido como o vulgaríssimo café que se bebe todos os dias. Sabe-se como se enganou.

Quando na Academia das Ciências de França o físico Moruel apresentou o primeiro fonógrafo de Edison, o mais ilustre dos seus membros não se conteve e gritou: — Miserável! Não podemos, meus senhores, continuar a ser cúmplices de um simples ventríloquo!

Sabe-se também que o maior volante da época heróica do automobilismo, ao descer do carro em que conseguiu ultrapassar a marca dos 50 quilómetros à hora, aconselhou seriamente que ninguém devia arriscar-se a ultrapassar aquela marca, pois se arriscaria a morrer asfixiado.

Também os caminhos de ferro provocaram opiniões curiosas:

Em 1834, Thiers avisava solenemente os seus contemporâneos que não deviam acreditar na possibilidade de serem transportados nessas viaturas de Paris a Versailles, pois se tratava de infantilidades e brincadeiras de mau gosto.

Mas quatro anos mais tarde, o grande físico Arago ainda se atrevia a dizer:

Entra-se num túnel a uma temperatura de 8°, para se passar rapidamente a 40° ou 45°. Afirmando, sem hesitar, que nestas passagens subitas do frio para o quente e do quente para o frio as pessoas ficam sujeitas a transpiração, ocasionando-lhe catarrhos, pleurísias e outras doenças graves.

Sem comentários.

Jacques Bergier e Francis Carsac são os autores desta pequena novela. O primeiro é um conhecido crítico literário francês e o segundo um engenheiro e autor de dois romances de ficção científica, ambos já publicados em Portugal: «Os Robinsons dos Cosmos» e «União dos Universos». Parafraseando a famosa invasão dos Marcianos de Wells que tem dado pano para mangas por esse mundo fora, satirizam as organizações deste mundo em que vivemos e divertem-se à custa dos grandes clássicos da F. C.

NÃO hão-de ficar a rir-se! Quem? Os Marcianos, quem havia de ser! Já no princípio deste século — a menos que, não tivesse sido nos fins do século passado, não me lembro muito bem, mas podem encontrar todos os detalhes nos livros de história, e, especialmente, na «Guerra dos Mundos», de H. G. Wells — já, portanto, nessa altura, eles tinham invadido a Terra uma primeira vez. Não satisfeitos em semear por toda a parte a morte e o terror com os seus tripodes, espezinharam tudo o que faz o encanto da nossa velha Inglaterra, indo mesmo, os bárbaros, até perturbar a paz do Domingo e a desfigurar, com as suas horrendas máquinas, a relva dos campos de «golf». Sem falar da infeliz raposa, que uma testemunha, absolutamente digna de crédito, o respeitável senhor W. S. R. F. Weatherpoon, M. P., F. R. A. S., encontrou carbonizada pelo raio ardente. Uma vergonha!

VINGANÇA DOS MARCIANOS

POR
JACQUES BERZIER
E
FRANCIS CARSAC
TRADUÇÃO
DE MÁRIO HENRIQUES LEIRIA

A' memória de H. G. Wells, com as nossas desculpas

De uma semana para a outra

REVISTA HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 9

EM PORTUGAL — O ministro da Presidência chegou a Goa em visita oficial ao Estado da Índia. * O Presidente da República seguiu para Espanha para tomar parte numa caçada na Estremadura espanhola. * Em frente a Fuzeta encalhou um arrastão espanhol, sendo salvos os tripulantes. * O ministro das Obras Públicas encontra-se no Algarve em estudo de vários melhoramentos locais. * Foi condecorado com a medalha de mérito o adido militar alemão. * Morreu o capitão António Cardoso, chefe de repartição da Direcção-Geral de Desportos.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Nasser inaugurou as obras da barragem da Assuão, no Nilo. * Em Paris apresenta-se provável a demissão de Antoine Pinay, ministro das Finanças que poderá arrastar outros moderados. * No Iraque foram mortos, em atentado à bomba, cinco oficiais soviéticos. * Faleceu o editor Michel Gallimand, vítima do desastre em que pereceu também o escritor Albert Camus. * Anuncia-se que os Franceses irão fazer explodir a primeira bomba atómica, no Sahará.

DIA 10

EM PORTUGAL — O almirante Américo Tomás participou numa caçada, em Espanha, com o generalíssimo Franco. * O ministro da Presidência assistiu em Goa a uma parada militar. * Na Figueira da Foz foi homenageado o prof. Bissala Barreto. * O ministro das Obras Públicas tratou em Sagres, do programa das comemorações henriquinas. * Em Lisboa morreu, devido a intoxicação, o catédrico brasileiro dr. Décio Darcie. * No campeonato nacional de futebol o Belenenses ganhou na Covilhã por 1-0; o Porto venceu a Académica por 3-1; e o Benfica venceu em Setúbal por 3-2.

NO ESTRANGEIRO — O senador americano Mike Mansfield disse que Eisenhower deve reconsiderar a sua decisão de assistir à conferência de alto nível. * Chegou a Taipé o secretário do Exército dos Estados Unidos. * O Papa falou aos jovens da Acção Católica, que não esqueçam a obediência que devem aos bispos e aos párocos.

DIA 11

EM PORTUGAL — O ministro da Defesa da Alemanha Ocidental foi recebido pela Presidente da República e pelo Presidente do Conselho. * O ministro da Presidência inaugurou em Pangim um busto de Salazar. * O prof. Sousa da Camara foi nomeado Presidente da Junta de Investigações Agronómicas. * Em Lisboa as câmaras de comércio estrangeiras inauguraram uma reunião de carácter técnico. * Tomou posse a comissão administrativa da Federação de Futebol. * Faleceu o escultor José Neto que foi um dos fundadores do Benfica. * Entrou em execução o novo horário das repartições públicas.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris começaram duas reuniões discutindo o futuro e a prosperidade da Comunidade do Atlântico. * Em Berlim o dr. Adenauer declarou que os dirigentes ocidentais são demasiado tolerantes para com a Rússia. * A actriz Brigitte Bardot teve o seu primeiro filho. * O Supremo Tribunal dos Estados Unidos negou a revisão do processo de Caryl Chessman que será executado em 19 de Fevereiro. * Diz-se estar iminente o lançamento de novo míssil soviético.

DIA 12

EM PORTUGAL — O ministro da Presidência visitou as minas de ferro do distrito de Goa. * O novo horário das repartições públicas é extensivo aos organismos dependentes da Comissão de Coordenação Económica. * A Academia Militar comemorou o 1230 aniversário. * Na Assembleia Nacional foi discutida a proposta de lei de abastecimento de água às populações rurais. * Morreu o comerciante Manuel Joaquim Alves Diniz. * Os ministros da Defesa da Alemanha Ocidental e de Portugal iniciaram conferências oficiais.

NO ESTRANGEIRO — O ministro das Finanças do Governo francês, Antoine Pinay, apresentou a sua demissão, iniciando uma crise no Governo francês. * O arcebispo Makários de Chipre chegou a Londres para tratar de problemas referentes à ilha. * Morreu em Melbourne o romancista Nevil Shute. * Diz-se que a romancista Françoise Sagan se divorciará do editor Guy Schoeller. * Em Nancy desbaratou um comboio, havendo 4 mortos e vinte feridos. * No Congo Belga continua, embora reduzida, a luta de tribos.

DIA 13

EM PORTUGAL — No banquete em sua honra o ministro da Defesa da Alemanha

Ocidental salientou o valor estratégico da posição de Portugal. * O ministro da Presidência prestou, em Damão, homenagem aos mortos de Dadrá. * O projecto Severo Portela foi aprovado para padrão comemorativo do V centenário da morte de D. Henrique, no Ultramar. * Morreu o dr. Matos Romão, professor aposentado da Faculdade de Letras de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Foi nomeado ministro das Finanças do Governo francês, Baumgartner. * No Peru Mountbatten, Pamela, casou 38 mortos e mais de 200 feridos. * A filha de Lord Mountbatten, Pamela, casou com um decorador. * Foi substituído na embaixada soviética em Londres, o dr. Jacob Malik. * Os Estados Unidos não protestarão contra o lançamento de mísseis russos no Pacífico. * No Jura francês há neve de dois metros e a temperatura al-

DIA 14

EM PORTUGAL — O ministro da Presidência visitou o porto de Murguão. * Na Academia das Ciências o prof. Reinaldo dos Santos fez o elogio do seu predecessor na presidência dr. Julio Dantas. * Terminou a reunião do episcopado português, no Seminário dos Olivais. * O prof. Sousa da Camara tomou posse do cargo de presidente da Junta de Investigações Agronómicas. * O ministro da Defesa da Alemanha Oci-

dental depôs flores no túmulo do Soldado Desconhecido. * Foi comemorado o 60.º aniversário do Instituto de Odi-velas.

NO ESTRANGEIRO — Completou 85 anos o dr. Albert Schweitzer, prémio Nobel da Paz, que se encontra na leprosaria de África que fundou há meio século. * Nikita Kruchchev disse no Soviete Supremo que a União Soviética conta quatro milhões de homens em armas. * Um dique do Mar do Norte abriu uma fenda inundando-se um bairro de Amsterdã. * Consta que os ministros independentes e cristãos-democratas do Governo francês vão apresentar a demissão.

DIA 15

EM PORTUGAL — Em Lisboa e em todo o País fez-se sentir um frio intenso. * O ministro da Defesa da Alemanha visitou a Siderurgia Nacional. * Tomou posse o novo governador-geral de Angola, dr. Alvaro Rodrigues da Silva Tavares.

NO ESTRANGEIRO — Ao largo do Japão afundou-se um barco panamiano. * O rei Moamé V de Marrocos visitou o emir Abdul Krim, no Egipto. * Em toda a Europa o frio tem sido intenso. * Onze aldeias italianas foram evacuadas pelos habitantes na área abalada pelos sismos. * Os Estados Unidos anunciam que vão apressar o programa espacial «Saturno».

Comentário internacional

A crise francesa revelou a hostilidade a de Gaulle dos partidos da direita

Por detrás da crise francesa que tomou, inesperadamente, relevo durante a semana corrente, não é difícil discernir um obstáculo mais difícil de vencer do que as divergências técnicas que opunham o ministro Pinay ao chefe do Governo Debré e aos seus colegas Michelet e Jeanneney. O primeiro acusava o segundo de não imprimir disciplina e autoridade à barca governamental, de forma a impedir os seus tripulantes de perderem cada um para seu lado. Quanto ao sr. Michelet, responsabilizava-o abertamente por uma tentativa de sovietação, a frio, das empresas particulares. O último era, aos olhos do sr. Pinay, um simples teórico socializante, perdido nas hostes do degaullismo. Se apenas se tratasse de pormenores dessa natureza, por mais importantes que alguns pareçam, a anunciada crise ministerial não poderia, em caso algum, equiparar-se a uma

crise do regime, fundado pelo general de Gaulle, com a designação de V República.

A verdade é que estão em causa o regime e o seu fundador e, embora o não declarem abertamente, é contra eles que se erguem os amigos do sr. Pinay, empenhados em beneficiar da sua influência pessoal para fazerem triunfar a causa do conservantismo francês. O órgão do grupo dos Independentes, a que pertence o sr. Pinay, não tentou disfarçar essa realidade e num dos seus últimos números escrevia sem reboço: «Se hoje desaparecesse, o general de Gaulle deixaria atrás de si apenas desastres e ruínas».

Além desses motivos, que se relacionam com a política interna francesa, outros mais ponderosos existem para justificar este erguer de escudos dos agrupamentos da direita francesa contra o general de Gaulle. No fundo o que esses agrupamentos combatem é a sua política externa e a maneira como a tem orientado. Acusam-no de fazer perigar a aliança atlântica e agravar, incessantemente, as relações franco-americanas que são, para os seus dirigentes, a pedra de toque da acção diplomática de qualquer chefe de Estado ou de qualquer regime em França.

As divergências entre o general de Gaulle e alguns dos seus ministros, à volta desse assunto, eram há meses conhecidas e a sua significação não iludia ninguém sobre a gravidade de que se revestem. Desde que subiu ao Poder, o presidente da V República sistematicamente se tem empenhado em procurar uma posição de independência no seio da aliança e, ao mesmo tempo, em aceitar a amizade americana apenas na medida em que esta corresponde aos interesses e às aspirações da França, tal como ele entende uns e outras. Que esta atitude suscite protestos clamorosos entre os seus partidários não deve estranhar-se.

Essa política é, de facto, a dos partidos da esquerda e até da extrema esquerda francesa que vêm na amizade americana um princípio de tutela contra a qual, mais de uma vez, se insurgiram no passado. O convite do general de Gaulle a Kruchchev suscitou um debate apaixonado entre os Franceses que, à volta dele, se dividiram. Os dirigentes da direita acusam o general de fazer, assim, o jogo dos comunistas, os quais estavam em declínio demonstrado pela crise da sua influência eleitoral. Estes, por sua vez, proclamam que só o restabelecimento de relações estreitas com a União Soviética permitirá à França, no tabuleiro internacional, equilibrar o peso da amizade americana e da aliança atlântica com as suas obrigações imperativas. Esse é o fundo do debate de que as il-vergências técnicas são a aparência que não ilude ninguém.

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

História das alcunhas

O uso de alcunhas remonta à mais alta antiguidade. Diz-nos já a Bíblia que Isau era mais conhecido pelo apelido de «Edom» (o ruivo). Nem as personalidades de grande jerarquia escapavam a esse hábito. Assim, Antíoco VII recebeu o sobrenome de Grypus (nariz adunco); e, na Idade Média, os condes de Champagne são chamados «Pied de Loup» (Pé de Lobo). «Queue de Vache» (Rabo de vaca), etc. E', sobretudo, entre os indivíduos e as raças jovens que a alcunha representa uma necessidade, assim como entre os homens de baixo nível cultural ou de educação rudimentar. Nota-se tal tendência, sobretudo entre crianças, selvagens, camponeses, operários... e pessoas da chamada alta sociedade. Nos patronímicos portugueses sobreviveram inúmeras antigas alcunhas, tais como Coelho, Lobo, Raposo, Lavado, Limpo, Pintado, Mar-

chante, Pulido, Pilão, Pintassilgo, Canário, Vácondeus, Boa Alma, Feio, Bonito, Barbuda, Barriga e Barrigana, Barreto, Balela, Cabeça, Maneta, Má Cara, Mal Feito, Cara d'Anjo, etc.

Valor estilístico do artigo indefinido

E' na imprecisão que dá áquilo que representa indeterminadamente que reside a mais rica virtualidade estilística do artigo indefinido. A impressão e o mistério implicam movimentos da sensibilidade: daí o artigo indefinido traduzir por vezes a obscura força dos sentimentos. Desde o Romantismo e o Impressionismo, o artigo indefinido é muito mais empregado do que antes pelos clássicos. Exemplo: Expressando a superlatividade: «foi um encantamento». Expressando a indecisão ou imprecisão: «Era um lento caminhar pela estrada, uma sucessão de voltas».

Notícias ainda não publicadas

Os senadores democráticos protestaram contra a afirmação do presidente Eisenhower de que já se fizeram 15 experiências com projecteis de grande alcance do «Atlas», os quais alcançaram os objectivos visados a distancias superiores a cinco mil milhas. A conclusão de que estão a ser fabricados esses projecteis em série, com a qual o presidente se propunha tranquilizar os seus compatriotas, segundo os referidos senadores não corresponde à realidade.

São cada vez mais insistentes os boatos que circulam em Londres sobre o próximo afastamento do secretário dos Negócios Estrangeiros britânico, Selwyn Lloyd, o que há cinco anos ocupa aquele posto. Entre os candidatos à sua sucessão contam-se alguns membros do gabinete conservador — Butler, Duncan Sandys, Ian Macleod. O mais certo é reconhecer que o verdadeiro secretário dos Negócios Estrangeiros continuará a ser o primeiro-ministro, Mac Millan.

Segundo uma notícia de Moscovo, os marechais da União Soviética que fizeram a ultima guerra e nela se distinguiram vão escrever as suas «Memórias» a exemplo do que fizeram os chefes militares do Ocidente, franceses, ingleses, americanos e alemães. Apesar das limitações que provavelmente lhes serão impostas, trata-se de um valioso subsídio para a história de um acontecimento decisivo deste século.

Que viragem se registará na guerra da Argélia perante o má logro das tentativas feitas para pôr termo às hostilidades pelo general de Gaulle? Os rebeldes argelinos encontram-se numa fase de grande actividade não lhes faltando o auxílio estrangeiro para prosseguirem na luta. A dificuldade está na escolha, pois quer se trate do Egipto ou da China, esse auxílio traduzir-se-á por uma pesada hipoteca para o futuro da Argélia caso esta se torne autónoma ou como os Argelinos desejam, independente.

Kruchchev enviou uma mensagem particular ao presidente dos Estados Unidos. O documento está redigido num tom particularmente afectuoso e com ele o chefe do Governo soviético propõe-se manter viva a chama acesa em Camp David. Segundo declaração do embaixador russo em Washington, a mensagem não há uma palavra sobre as anunciadas experiências com projecteis soviéticos no Pacífico, as quais tão grande emoção suscitam entre o povo americano.

A prolongada doença do chefe trabalhista Bevan agravou a situação nas fileiras do seu partido onde se espera que o congresso anual de Blackpool seja o prólogo dum cisão há muito latente e até agora evitada por sucessivos adiamentos. A posição do chefe do partido, Hugh Gaitskell, é contestada cada vez com maior veemência pelos seus adversários da ala esquerdista e por muitos dos que, até há pouco, o acompanharam e apoiaram na luta travada com esses elementos.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias

Lampreia com arroz à moda da casa

Filetes à Marisqueira

Lombo de Porco no Espeto

Frango de Caril à Coruja

Bifes de Vaca na Capola

Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Já viu a EXPOSIÇÃO da R. DO TELHAL, 74-D LISBOA

«Quem casa... quer casa»

«Quem casa quer casa», diz o rí-fão popular. Pois é esse, também o desejo de Maria Deolinda Ramos Andrade, que nos escreveu a contar que, dentro em breve, tencionava casar. Acrescenta, também, que desejava ter uma casita, uma casita pequena, onde ela e o Américo pudessem viver, prosseguir enleados. Ela, todavia, acentua, que os «altu-

gueres» são demasiado altos para o seu Américo, mecânico de profissão e que ganha 42\$00 por dia. Lembra ainda que não pode viver longe do centro da cidade, pois o noivo trabalha numa oficina sita numa das mais movimentadas artérias. E, escreve: «para irmos para um local tão distante que implicasse deslocar-se de camioneta, ou longas caminhadas a pé, mais nos valia suportar os encargos de uma renda mensal mais elevada, o que temos de evitar, para vivermos em conformidade com as nossas possibilidades». «Agora que consegui reunir um pecúlio suficiente para a boda», termina, «que tenho o enxoval quase pronto e que posso contar a já prometida ajuda dos meus pais, onde sirvo há sete anos, penso, apenas, conseguir uma casa pequena, velha ou nova não importa, mas uma casita onde eu possa, com o Américo, esperar pelos nossos descendentes».

O seu desejo, Maria Deolinda, justo e humano, tenha a certeza que há-de ser satisfeito. Tem, contudo, de esperar até um dia...

(«Correio do Minho», de Braga)

Assistência técnica à Lavoura

Comunica-nos a Brigada Técnica da V Região, com sede em Lamego, que nos dias e concessões que indica estará na Sede do Grémio da Lavoura respectivo um técnico à disposição dos lavradores, que a ele deverão dirigir-se para efeito de consultas e resolução de assuntos de carácter agrícola.

Aguarda-se que esta medida venha a ter a melhor compreensão dos lavradores que não seu próprio interesse, de ver colaborar neste esforço que visa à actualização e progresso da lavoura nacional.

«Correio Beirão», congratulando-se com esta medida que marca em bases mais estáveis o início de uma melhor assistência à agricultura, dirige a Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Agricultura um apelo no sentido de num futuro próximo Moimenta da Beira passar a ser centro de uma zona agrícola que beneficiaria da permanência nesta vila de um engenheiro-agrônomo. Pela situação e aspecto idêntico das culturas, por um lado, e pelas melhores condições de vida que oferece a estadia de um técnico, estaria indicada para ser o centro dessa zona que tanto necessita de uma assistência técnica exercida com regularidade, o que só com a permanência efectiva de um engenheiro-agrônomo se pode conseguir. E' este o anseio e o sentir da população do concelho de Moimenta e dos concelhos vizinhos, de que nos permitimos ser intérpretes junto de Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Agricultura.

(«Correio Beirão», de Moimenta da Beira)

Colónias balneares para as crianças de Lourenço Marques

Lourenço Marques, como todas as cidades que crescem e se desenvolvem, vai, naturalmente, ganhando novos hábitos e perdendo outros. Ganhando alguns melhores dos que os que tinha, é certo, mas também, por vezes, perdendo outros que, sinceramente, jamais deveria perder.

Ora vem tudo isto a propósito desta coisa aparentemente insignificante mas que, quanto a nós, reputamos de verdadeira importância. Há longos anos, já, Lourenço Marques tinha o hábito de realizar, sempre que as férias de Verão chegavam, colónias balneares infantis dedicadas às crianças necessitadas desta cidade.

Para a realização de tais colónias de férias, existia — lembram-se? — o Pavilhão «D. Mariana Nunes de Oliveira», ali, na Polana, junto ao Palmar, logo a seguir ao Pavilhão do Chá, que ainda hoje se conserva de pé. O outro, porém, o que era destinado à realização das colónias balneares de férias, esse desapareceu. Desapareceu o velho pavilhão onde a pequenada passava, alegre, feliz, o mês de Janeiro e, com ele, desapareceram as colónias balneares.

Há quantos anos? Três? Quatro anos?... A cidade já nem sabe ao certo. A cidade esquece sempre, depressa, envolta no turbilhão do dia a dia, olhos presos no agigantar de novos prédios, no rodar de novos carros, no despejar de novas levas de colonos.

Mas elas, as crianças necessitadas de Lourenço Marques — e quantas leitoras, quantas julga que por aí existem, perdidas para lá da fachada garrida, polícroma, que se oferece como cartaz aos olhos do turista? — elas, as crianças necessitadas, continuam à espera de quem se lembre delas, de quem as reúna e as leve a viver quinze dias de Sol e vento, mar e areia, com mesa farta, convívio alegre, quinze dias que lhes restaurem as débeis forças e lhes deixem, na alma, a certeza de que são algo mais do que pobres folhas arrastadas a esmo, na corrente da vida.

E, entretanto, um novo Janeiro chegou e escorreu, vazio, silencioso, apagado...

(«Notícias», de Lourenço Marques)

As manhãs de nevoeiro

Os transportes fluviais do Tejo não pioraram de há uns anos a esta parte, mas como não evoluíram a acompanhar o aumento da população que se fixou na margem de cá, é caso para dizer que estamos cada vez pior, porque cada vez se notam mais deficiências. Então, nas manhãs de nevoeiro, como algumas da semana finda, o espectáculo é deveras confrangedor. A multidão, uma multidão compacta de pessoas ansiosas de chegar aos seus empregos, amalgama-se, comprime-se, acotovelase e sofre os rigores do frio húmido que enregelos os corpos. Bem sabemos que a navegação tem que ser feita com todas as cautelas e o radar — o prometido radar — é absolutamente indispensável, mas talvez que, com um pouco do boa vontade das autoridades competentes, o problema se resolvesse em

parte, pondo os barcos «cacilheiros» a fazer carreiras para o Cais do Sodré. Como o percurso do embarcadouro do Ginjal ao Cais do Sodré é curto e em linha recta, não oferece grandes perigos. Porque não se experimenta? Os «cacilheiros» utilizados desta forma, ajudariam a escoar a multidão que assim esperaria menos tempo nas intermináveis bichas. As vezes até chegamos a pensar que haja qualquer surda má vontade contra estes barcos, pois na passada terça-feira, às 8,30 da manhã o nevoeiro tinha levantado de forma a ser visível a outra margem e ainda não havia ordem para os «cacilheiros» saírem. Porquê? É esta pergunta que deixamos em suspenso, aguardando que nos esclareçam a fim de podermos, como é nosso dever, esclarecer os nossos leitores.

(Jornal de Almada)

Os erros pagam-se caros

Um conhecido dirigente da política distrital, infelizmente já falecido, consultado um dia por um diligente concelheiro, sobre incidentes de política pessoal, ripostou deste modo: «Meu caro amigo, os erros em política pagam-se caros». O consultante ficou perplexo.

O caso que expusera não fora erro próprio, mas directriz superiormente aconselhada na escolha de colaboradores.

Aturdido, mas não convencido, só ganhou com a lição sofisticada da frase, que lhe ficou de memória, para a poder parafrasear a todo o momento, consoante as circunstâncias. E, assim, se em política os erros se pagam caros, em política administrativa pagam-se caríssimos. Um destes erros, de gestão Municipal (não pertence à Câmara cessante mas á antecedente e ao Conselho Municipal da época), foi a anulação do anteprojeto de urbanização concluído em fins de 1952, quando proposto para aprovação.

Desta errónea medida, desta precária política, surgiram maiores dispêndios, perdas de tempo e prejuízos incalculáveis.

Se se tem aprovado aquele estudo nós tínhamos sabido logo onde nele se implantavam os principais edifícios públicos de que Moura carece: Escola Técnica, Construções Escolares de E. Primário, Hospital Sub-regional, Tribunal da Comarca e Pagos do Concelho.

Agora, por tal erro de visão administrativa, andamos á deriva, implantando ao acaso, neste ou naquele largo, alguns edifícios públicos, para não perdermos a oportunidade da sua concessão oficial, e a frase do falecido político, por nós parafraseada, ecoa triste e pesadamente aos nossos ouvidos: «Os erros pagam-se caros e são caríssimos em política administrativa», quer no aspecto material como no moral.

(Jornal de Moura)

Os perfis de D. Pedro V e do Duque da Terceira

Há um século representava a Espanha em Lisboa um ex-ministro da Instrução Pública e ex-reitor da Universidade de Madrid, o senador Nicomedes Pastor Diaz — recorda Gamallo Fierros no diário «Arriba». Apresentara credenciais em 27 de Setembro de 1859 a sua majestade fidelíssima o rei D. Pedro V «um jovem de vinte e um anos prematuramente enlutado, pois, apenas dois meses atrás enviuvava da princesa Estefania de Hohenzollern Sigmaringen». Era secretário da Embaixada de Espanha em Lisboa o conde de Casa Valência, escritor bem mediano, primo doutro ministro em Portugal, o grande escritor Juan Valera, e autor de um livro de memórias intitulado «Em Inglaterra, Portugal e Espanha de 1856 a 1866», que tem algumas passagens relativas ao nosso País: «No dia 2 de Janeiro houve beija-mão no palácio das Necessidades, que parece uma casa particular e não muito boa. Não se verificou no dia 1, como sempre se faz, porque tinha sido de eleições. O rei, que recebeu o corpo diplomático num salão antes do beija-mão, era de regular estatura, mais alto que baixo, louro, olhos claros, mas sem expressão como o resto da fisionomia, boca grande e fronte estreita. Falava-lhe a vontade de maneiras. Tinha ar triste e cansado. Inclina a cabeça para a frente. Falava de vagar e sem energia. As vezes, conversando, um gesto como se quisesse rir, mas lhe faltassem as forças para abandonar a sua habitual indiferença e serenidade. Tinha antipatia ou receio por tudo o que fosse espanhol e não se dava ao trabalho de ocultá-lo. Neste beija-mão, disse a Pastor Diaz: — Ont peut dire que l'expédition

1 v' t' a' M' n' b' (30)

Arábia Saudita

SUPERFÍCIE — 1 600 000 quilómetros.

HABITANTES — 8 000 000 de habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Meca, capital (150 000 habitantes), Riad (120 000); Jidda (250 000), Hufuf (100 000), Medina (50 000), Baraida (50 000).

CLIMA — A Arábia Saudita, de enorme extensão, tem um clima difícil de extremos, nitidamente continental e desértico. A atmosfera é seca.

MONTANHAS — A península da Arábia é um planalto com bordos montanhosos e inclinação NE paralela ao Mar Vermelho, com altitudes que vão acima de 3 000 metros.

RIOS — Fraca a hidrografia da península. Os cursos de água chamados «waddis» perdem-se nos areais, sem chegarem ao mar. A acumulação de águas, nalguns locais, cria oásis, numerosos em An Nafud.

GOVERNO — O Governo da Arábia Saudita é a monarquia absoluta, havendo diferenças entre os reinos do Hedjaz e Néyed.

O rei é Sand Ibn Abd al Aziz al Saud.

O primeiro-ministro é o Emir Faisal.

EDUCAÇÃO — E' livre o ensino tanto primário como secundário. Um só instituto superior — o Colégio Maometano de Leis.

AGRICULTURA, INDUSTRIAS — O país é pobre. O deserto torna difícil a vida. A maioria da população é nómada, por isso. As principais culturas são os cereais, as tamaras de que exporta 180 mil toneladas. Os gados são uma das riquezas, aproveitando os oásis. Hoje em dia as explorações de petróleo são uma das grandes fontes orçamentais do país.

RELIGIAO — A religião oficial é a islamica. Há todavia 6 000 católicos.

LINGUA — A língua falada é o árabe.

MOEDA — A unidade monetária é o rial.



A FIGURA DA SEMANA

Antoine Pinay

Duas experiências financeiras realizadas com êxito fizeram a sua reputação. Burguês cauto e industrial considerado, antes de entrar na política activa distinguuiu-se pela sua acção na vida local e na administração municipal. Já então o seu conceito de dirigir os organismos de interesse público e gerir os dinheiros da Nação era o mesmo de hoje. O município e o Estado são, no seu conceito, prolongamentos das actividades particulares e como estas devem ser tratadas. O seu barrior por todas as tentativas de socialização, a quente ou a frio, resulta de opiniões firmemente asentadas e de conceitos inalteráveis e rígidos.

Os seus amigos não têm duvida em compará-lo a Poincaré e á sua intervenção salvadora de 1926 que resgatou a moeda e o crédito da França, depois das devastações da primeira guerra e das vicissitudes do Cartel das esquerdas, preludio das frentes populares que floresceram entre as duas conflagrações. Este horror talvez excessivo e os adversários de Pinay empenham-se em demolir os fundamentos em que querem assentá-lo os seus panegiristas. A controversia é de importância secundária, sendo ponto assente que, á margem das condições em que agiu, o êxito por ele alcançado justifica a reputação de que goza.

Apesar de, como subsecretário de Estado, ter feito parte do governo de Vichy, colaborou com os arautos da Resistência e, depois da libertação, firmou uma posição de relevo nos meios conservadores de que é um dos mais autorizados e o mais acreditado intérprete. Embora a sua autoridade não seja unanimemente acatada pelos elementos do grupo parlamentar em que se filiou — o dos Independentes — o qual corresponde á direita clássica da França, goza entre eles de indiscutível prestígio, o mesmo acontecendo nos meios económicos e financeiros do seu país que vêem nele um defensor dos seus interesses, das suas aspirações e dos seus objectivos. Por isso se justifica a repercussão da crise provocada á volta do seu nome.

HIPOTECAS
QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO
Sobre automóveis
RUICAR
RUA SANTA MARTA, 27-G. 1.
Telefone: 53884

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
25 Rua Nova do Almada 95
LISBOA

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

O ROUBO DO COLAR

«A polícia local suspeita de Harold, o filho único de Clive Collins», disse Blacker a Sanders, enquanto iam a caminho do campo.

Mas Collins, interrogado pelos polícias, disse:

«Não posso acreditar na culpabilidade do meu rapaz, embora ele recuse defender-se da acusação; só posso concluir que ele está a encobrir alguém.»

«Diz o sephor que o viu de pé ao lado do cofre aberto, e que o colar, embora já desaparecido, não foi encontrado com ele?»

«Sim, Mandei revistá-lo porque ele próprio assim o pediu.»

«Quem mais está cá em casa?»

«Sou eu, os criados e a minha pupila, Miss Ethel Lomas.»

«Compreende», disse Blacker.

«Posso vê-la?»

«Decerto. Vou mandá-la chamar.»

Blacker levantou os olhos quando uma rapariga alta e morena entrou na sala. Pareceu surpreendida por encontrar o seu tutor com uma visita, mas respondeu com franqueza às primeiras perguntas de Blacker.

«Já esteve noiva do sr. Harold?»

A rapariga surpreendeu-se. «Esteve», disse ela. «Mas nós... ele desfez o noivado.»

«Ainda o ama?»

«Não», disse Miss Lomas com firmeza. «Estou noiva do capitão Fisk. Vive perto daqui — na Vivenda das Roseiras.»

«Compreendo», disse Blacker.

Blacker descobriu que Harold estava muito endividado. Soube também que o rapaz já há algum tempo se que encurrava em segredo com a filha de um lavrador das vizinhanças que era rendeiro de seu pai.

«Já começo a ver a luz», disse Blacker, enquanto ele e Sanders davam a volta ao local. «Que é isto? Pegadas de um homem e de uma mulher. Caminharam ao lado um do outro. E isto aqui? Outra pista — com um feitiço de sapatos muito diferente — também de homem. Todas as três pistas se dirigem para aquela vivenda — será a tal Vivenda das Roseiras, onde mora o capitão Fisk? Repara, Sanders, que mal se vêem as pegadas do homem que tem sapatos mais estreitos? Perdem-se, espezinhadas pelos sapatos mais largos.»

Tirou uma forma em gesso das três pegadas, e depois voltou à casa e examinou vários pares de botas que lhe apresentaram. «Eis o sapato...»

550 milhões de discos

vendidos em 1957

no mundo ocidental

A indústria do disco fonográfico tem registado nos últimos anos um desenvolvimento excepcional, em todo o Mundo. Em 1920 foi apresentado no mercado o primeiro disco que ultrapassou um milhão de exemplares vendidos: o da canção popular «Whispering», executada por Paul Whiteman e a sua orquestra. Em 1957 houve trinta discos que superaram essa expansão e elevou-se a 550 milhões o total de exemplares vendidos ao público nos países do mundo ocidental. Cerca de metade dessa cifra foi a das vendas de discos efectuadas nos Estados Unidos, embora o país conte apenas 9 % da população mundial.

Assim elucidada o volume há pouco distribuído pela Federação Internacional da Indústria Fonográfica sob o belo título «A indústria da felicidade humana». Se toda a população mundial desfrutasse das condições de vida e da prosperidade que caracterizam o povo norte-americano, a expansão anual do disco poderia elevar-se a astronómica cifra de 2.900 milhões de exemplares. Cerca de 62 % da venda mundial de discos destina-se apenas a 12 % da população do Globo. No entanto, o preço do disco tende a baixar rapidamente, as características técnicas progrediram a olhos vistos e há camadas cada vez mais vastas de população de todas as raças que dão ingresso nas clientelas do disco musical, recreativo ou instrutivo.

Calcula-se em 20 % a proporção actual dos discos de música clássica na produção mundial da especialidade.

Texto integral

do conto de

GEORGE MALCOM

to de sola estreita que fez as terças pegadas», disse ele. «E pertence a... Sim, como eu pensava — a Harold Collins.»

«Estará ele a tentar portar-se como um louco cavalheiresco a encobrir Ethel Lomas?»

«Assim parece. Investiguemos a vivenda.»

Como calculavam, a vivenda era a Vivenda das Roseiras, e o capitão Fisk estava em casa. Enquanto os polícias falavam com ele a respeito do roubo, acerca do qual Fisk disse nada saber, Sanders reparou numa mancha de bolor em frente de uma pesada secretária.

Apontou o facto a Blacker. Blacker perguntou a Fisk se tinha alguma objecção a pôr a abertura da secretária. O capitão praguejou furiosamente, mas Blacker acabou por conseguir os seus fins. Abriu-se a secretária e lá estava, cuidadosamente escondido, o calor.

Fisk negou qualquer conhecimento do assunto. «Venha comigo», ordenou gravemente o inspector, e Fisk teve de acompanhá-lo à casa de Collins. Aí Blacker pediu para ver Harold e disse: «Recuperei as jóias do capitão Fisk. Sabia

que ele tinha roubado o colar, não sabia?»

«Sim», acabou por admitir Harold, com uma expressão envergonhada.

«Diga o que aconteceu.»

«Eu ia a entrar no escritório do pai quando ouvi vozes. Olhei e vi lá dentro o capitão Fisk e Ethel a abrir o cofre. Tiraram qualquer coisa, saíram de casa e dirigiram-se à Vivenda das Roseiras. Fui atrás deles, vi Fisk esconder o colar na secretária. Voltei para casa e encontraram-me ao lado do cofre ainda aberto. Para salvar Ethel não neguei o roubo.»

«Uma história heróica», disse Blacker impassível. «Mas falsa. Agora conte a verdade.»

Como soube o inspector que a história de Harold era mentira?

«As pegadas de Harold», explicou Sanders, «que iam e voltavam da Vivenda das Roseiras, tinham sido pisadas pelos pés do capitão Fisk e de Ethel. Portanto, Harold deve ter ido à vivenda antes dos outros dois. Isso não só demonstra que ele mentia; se ele não o seguiu até à vivenda, como podia saber que o colar estava na secretária?»

LIVROS NOVOS

MISCELANEA DE ESTUDOS A JOAQUIM DE CARVALHO

2.º volume

Por iniciativa, e sob patrocínio da Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, da Figueira da Foz, veio agora a publico, em continuação do antecedente, mais um volume da colectanea de estudos que consagra a memória da nobre vida e da obra admirável do grande Mestre. Abre esta nova série com o trabalho do prof. Cruz Malpique intitulado «Perfil intelectual e moral do prof. Joaquim de Carvalho»; seguem-se os estudos de António M. de Guadiana sobre «A ciência moderna e o período helenístico»; de A. Pinto de Carvalho, «Herder e Roma»; de Frederico de Onís, «Unidade da Espanha»; de Giuseppe Cusimano, «Uma canção inédita atribuída a Raimbaut de Vaqueiras»; de Giuseppe Maria Sciaccia, «Nota sobre a ideia da morte como fundamento da vida activa em Coluccio Salutati»; de H. Houwens Post, «Uma fonte pouco conhecida de Os Lusíadas»; de José Vasconcelos, «Para uma interpretação de Pitágoras»; de Michele Federico Sciaccia, «As Operas philosophica de Francisco Sanches»; de Pierre Mesnard, «Entre Bodin e Quevedo: o humanismo político de Juan Pablo Martir Rizo»; de Nelson Nogueira Saldanha, «Os Relativismos do século XX e os movimentos comparatistas em Direito e em Economia»; e, em adenda, as páginas do P. Amador dos Anjos, intituladas «Motivos da minha admiração pelo prof. Joaquim de Carvalho».

Alguns dos trabalhos da valiosa colectanea são apresentados nas línguas estrangeiras dos respectivos autores: francês, italiano e espanhol. Fica do conjunto, além do património de ideias e de informação erudita coligido nestes estudos, a impressão inapagável da alta personalidade de intelectual, de investigador e de professor que foi o professor Joaquim de Carvalho, e do enorme vazio que a sua morte deixou na cultura portuguesa. A «Miscelanea», de que serão publi-

cados ainda outros volumes, é distribuída pela organização Publicações Europa-América, de Lisboa.

O ESPIRITO DE SALAZAR

1.º vol., por António Gonçalves

Iniciou o publicista António Gonçalves, com o presente volume, a divulgação de opiniões de contemporâneos sobre a personalidade e a obra do Chefe do Governo, acompanhadas de críticas feitas na imprensa. O empreendimento visa a celebrar o 31.º aniversário da entrada do sr. dr. Oliveira Salazar para o Governo da Nação, que passou em 28 de Abril passado. A compilação está ordenada com clareza, sistematização que facilita a leitura e largo âmbito de opiniões e escritos que o autor coligiu. É um documentário significativo e um testemunho pessoal, que contribui para ilustrar importantes aspectos da vida portuguesa nos últimos decénios.

CONSTRUÇÃO DE MATADOUROS

por José Horácio de Moura

Sob o patrocínio do Centro de Estudos de Urbanismo, integrado na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, foi agora editado o volume «Construção de matadouros», da autoria do director dos Serviços de Urbanização de Coimbra e bolseiro do Instituto de Alta Cultura, sr. José Horácio de Moura. Constitui a obra o ponto de partida de mais amplos desenvolvimentos técnicos do assunto, que abrangerão em especial as técnicas dos matadouros industriais no que respeita ao aproveitamento de subprodutos e as normas legislativas em que estes serviços têm de enquadrar-se. O presente volume divide-se em três partes. Na primeira faz-se ligeira história dos matadouros e seu desenvolvimento, algumas das intervenções oficiais em matéria de legislação, das correntes ou teorias existentes e dos princípios económicos aplicáveis; depois, assinalam-se diversas escolas de projectistas e apresentam-se descrições dos

mais recentes matadouros portugueses e estrangeiros. A segunda parte destina-se ao estudo, em pormenor, dos diferentes sectores de um matadouro: estábulos, manja, enxugo, frigorífico, triparia, etc. Na terceira e última, descreve-se o modo mais conveniente de elaborar os projectos, indicam-se esboços-tipo, e apresentam-se vários traçados de plantas.

Estas matérias interessarão a todos os técnicos que tenham de elaborar projectos de matadouros, ajudando-os a arrumar os diversos sectores dentro do conjunto, a calcular as áreas de trabalho ou os aparelhos de elevação e re transporte, a escolher as caldeiras de produção de vapor ou as máquinas frigoríficas, a esboçar as redes de distribuição de água, esgoto ou de energia eléctrica.

É um trabalho técnico de incontestável interesse para os especialistas destes assuntos, demonstrando amplamente a importância dos serviços do Centro de Estudos de Urbanismo.

TRIGOS ITALIANOS RECENTEMENTE CULTIVADOS NO PAÍS OU EM ADAPTAÇÃO CULTURAL

pelo eng. agron. Luís M. Pereira da Silva

Nestes subsídios para o estudo tecnológico dos trigos de origem italiana cultivados ou em adaptação no agro português, reuniu o autor valiosos elementos da sua especialidade. A origem do cereal, a preparação de amostras para a análise, o critério técnico a adoptar, a apreciação dos resultados obtidos, a descrição das numerosas variedades consideradas — preenchem os principais capítulos do trabalho elaborado pelo eng. agrônomo Luís Marques Pereira da Silva. A edição foi promovida pelo Instituto Nacional do Pão, directamente interessado na melhoria dos trigos cultivados em Portugal e no aperfeiçoamento dos métodos de análise.

Por uma crueldade do destino, Alfredo Keil, autor da música, não assistiria à consagração da sua bela página musical, porque faleceu três anos antes do advento da República. Mas o seu nome ficou ligado ao que foi, e é hoje, o hino nacional português.

Como Alfredo Keil escreveu

a música da «Portuguesa»

Já lá vão setenta anos. A 11 de Janeiro de 1890, Portugal era sacudido por uma nota agressiva de um Governo com quem tinha um tratado de aliança que já vem dos tempos do rei D. Fernando.

O sonho de um ministro de gabinete de Fontes Pereira de Melo (Barros Gomes), que pensara conseguir, com o chamado mapa cor-de-rosa, a união das nossas ricas províncias de Angola e de Moçambique, alarmou os ingleses.

Explorações de António Maria Cardoso, Serpa Pinto, Capelo e Ivens procuraram dar realidade àquela ilusão de diplomatas, mas o Governo português foi forçado a ceder ante a reclamação britânica. A Inglaterra receava pelo futuro das suas colónias e Portugal tinha de curvar-se.

Entre nós, todo o País vibrou, mas apenas com resultados sentimentais. Os jornais não publicavam anúncios ingleses, nem os hotéis queriam receber hóspedes dessa nacionalidade. A estátua de Camões amanheceu coberta de crepes, muitos civis e militares devolveram as condecorações com que haviam sido agraciados pela Grã-Bretanha.

E, então, que aparece Henrique Lopes de Mendonça, de uma família de patriotas, futuro autor de obras que deram lustre ao teatro português. O poeta, que morava num último andar da Rua do Loreto, fervia em entusiasmo. No velho café «Martinho», Lopes de Mendonça discursava por vezes e chegou a fazê-lo em cima de uma das mesas, aplaudido por patriotas irrequietos. Grande foi, portanto, a sua alegria quando, uma tarde, ele foi



ALFREDO KEIL

procurado por um descendente de prussianos, filho de um alfaiate elegante, muito conhecido em Lisboa e que havia de ficar ligado à nossa História: Alfredo Keil.

Trazia este uma música em compasso quaternário. Executou-a para Lopes de Mendonça. Era uma heróica marcha, uma espécie de hino arrebatador, capaz de fazer vibrar as multidões. O poeta ouviu-a e abraçou Alfredo Keil. Era a obra que se impunha para o momento doloroso por que Portugal estava passando.

Keil convidou Lopes de Mendonça a escrever os versos e, de novo, tocou aquela música, sempre com o mesmo fogo. Era preciso não deixar arrefecer o entusiasmo da população. A «Marselhesa», o hino francês, inspirava os futuros autores da Portuguesa e, o poeta, tirando a medida da música, começou a escrever os versos. Daí a dias, ao terminar a sua composição literária, perguntou a Keil:

— «E, agora, que isto está pronto, que nome daremos à marcha?» — E acrescentou: — Como o nosso propósito, livre de qualquer espírito faccioso, consiste em juntar todos os portugueses no ideal do levantamento da Pátria, não há título melhor que «A Portuguesa».

Keil deu novo abraço a Lopes de Mendonça.

Fizeram uma edição paga por ambos, que depois repetiram duas vezes. Ao todo, vinte e dois mil exemplares, o que prova o interesse com que foi recebido o novo hino.

Popularizou-se a marcha, e sempre que a peça de Lopes de Mendonça intitulada «As cores da Bandeira», se representava com êxito no teatro da Rua dos Condes, a Portuguesa era ouvida de pé e aplaudida em delírio.

Pouco depois, a Portuguesa foi proibida, porque o Governo Português achava que era um hino revolucionário. Na verdade, quando na revolta de 31 de Janeiro desse ano, a guarnição do Porto tentou proclamar a República, os revolucionários saíram dos quartéis cantando a Portuguesa.

Mais tarde, quando, em Outubro de 1910, a República foi de facto proclamada, o ministro da Guerra determinou imediatamente que a marcha de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça passasse a ser o Hino Nacional.

Na sessão de 19 de Junho de 1911, pouco mais de oito meses após a implantação do novo regime, Braamcamp Freire, então presidente das Constituintes, exclamava, com a voz embargada de comoção: «O hino nacional é a Portuguesa!».

O entusiasmo foi enorme. Aclamações sem fim ecoaram na sala, onde, mais tarde, tanto episódio curioso se iria passar. No próprio dia 5 de Outubro, quando o novo regime era proclamado ao povo, das varandas da Câmara Municipal de Lisboa, a filarmónica da Concentração Musical 24 de Agosto, percorria as ruas da cidade, tocando o novo hino.

Por uma crueldade do destino, Alfredo Keil, autor da música, não assistiria à consagração da sua bela página musical, porque faleceu três anos antes do advento da República. Mas o seu nome ficou ligado ao que foi, e é hoje, o hino nacional português.

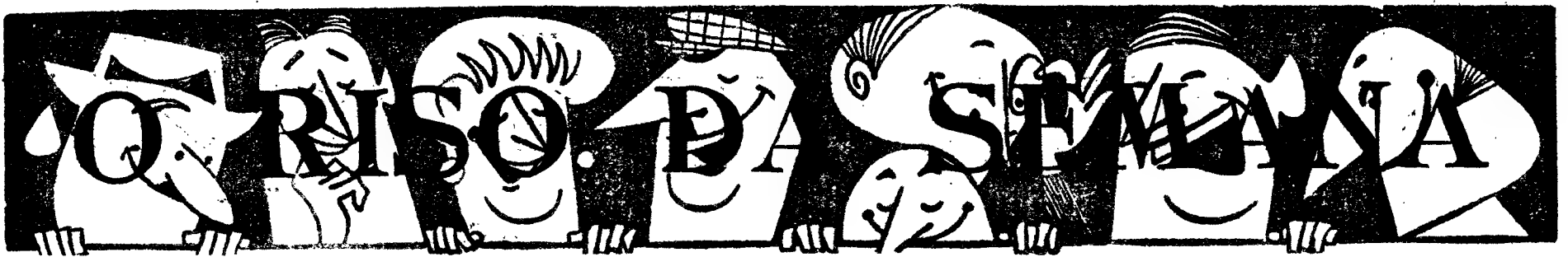
L. R.

Automóveis de Aluguer sem Condutor

COMAL

Av. Álvares Cabral, 45-B

Telefones: 680160 - 688525



Benefícios & malefícios do metropolitano

(Impressões dos primeiros dias)

Um passageiro:

A superioridade do metropolitano sobre o eléctrico e o autocarro é não ter a gente que falar com o pessoal.

Uma toupeira:

— Olá, colega!

Um velho:

— E estive eu 85 anos á espera para isto: para ir para debaixo da terra.

Um rapaz de vinte anos:

— Nunca tive tanto calor como debaixo da terra fria. Sempre há cada gusano...

Um maldizente:

— Uma porcaria! Aquilo nem dá tempo para uma pessoa ler o jornal.

Um marido:

— Que diabo hei-de eu agora inventar para explicar a minha demora em chegar a casa?

Um dependura:

— Ora esta... Isto é que é uma falta de transportes. E é que não há nada a que uma pessoa se possa agarrar!

A Carris:

— Pois, sim, mas por mais que ele queira não é capaz de me fazer sombra.

Tu o se explica

Quando o policia chegou junto do banco onde o homem dormia, notou que a seu lado se encontrava um meliante que metia a mão no bolso do dorminhoco. Dando de cara com o policia perguntou:

— O sr. guarda, sera proibido que qualquer pessoa meta uma surpresa no bolso de um sujeito que esteja a dormir?

— Julguei outra coisa, disse o policia, e foi-se. E o meliante também...

Estações

A diferença que há entre o Verão e o Inverno é só esta: Num abre-se a janela. No outro fecha-se. Não havendo janela parece que não se mudaria nunca de estação.

Representar

Fora do teatro todas as mulheres sabem representar! Até mesmo aquelas que são actrizes. Lá dentro é que é o diabo...

Um avarento:

— Grande meio de transporte! Paga-se uma vez e pode-se andar dez vezes. Só agora é que isto aparece...

Um médico:

— São inventos do demónio! Estão em crise os desastres. Nem ao menos uma porta mal fechada para um cliente partir a cabeça...

Um senhor muito nervoso:

— Arre! Já ouvi! Já sei que não posso fumar. Com 58 anos que tenho nunca o fiz.

Noite em claro

— Eu fui ver aquela fita de suspense e fiquei horrorizado. Agora já sei que vou passar a noite em claro.

— Mas a fita é assim tão impressionante?

— Não. É que eu passei o tempo todo a dormir no cinema.

Progresso



— Lembras-te como antigamente faziam para se catar? E a civilização!

Há vida na Lua?

WASHINGTON — Aditem alguns cientistas que possam existir seres vivos na Lua. As ultimas observações astronómicas, feitas em condições técnicas muito apuradas, levaram os astrónomos á identificação na Lua, de manchas estranhas, que mudam de cor e variam de superfície. — (Da (F. P.).

Observações aturadas, Sem nenhum falcatura E em condições apuradas Dizem ter sido avistadas Manchas escuras na Lua.

E que essas manchas estranhas Com que a gente se intimida Ao vê-las sobre as montanhas Não são nenhuma patranhas Porque são sinais de vida.

Uma sogra:

— Deve andar nisto o dedo do meu genro. É um grande invento para o malandro estar mais um quarto de hora ao pé espanhola e não chegar tarde a casa.

Um filósofo:

— Deus faz as almas aos pares, mas o metropolitano faz os corpos aos molhos. Quem se está a rir são as sardinhas de lata.

Um massagista:

— Estragaram-me o negócio.

Um gatuno:

— Que lindo campo de operações se não fossem aquelas malditas portas que só se abrem quando elas querem!... Não há condições de fuga.

Uma modista:

— É uma maçada! Tenho que reforçar os chumaços...

Um doente do coração:

— Fui de metropolitano e regressi de maca, depois de ter subido as escadas de Sete-Rios.

Um «chauffeur» de taxi:

— Por enquanto ainda cá estamos por cima, mas quando a rede do metro estiver completa havemos de ficar muito por baixo.

Uma velha solteirona:

— Se no meu tempo de rapariga houvesse disto eu não tinha ficado solteira.

Uma menina casadoira:

— Ah! Isto não é para noivos. Aqui nunca se pode dizer: — Enfim, sós.

São seres que andam por lá, Agora postos na berra Pelos sábios que há por cá, Quase iguais áqueles que há A superfície da Terra.

E eu cá tenho a opinião. Que nada aqui há de novo. Pois tinha muita razão O maluco da asserção De haver «porcalhões dum povo».

E senão basta só ver Que logo deram ensanchas, Assim que lá foram ter, P'ra a pobre Lua aparcer Toda coberta de manchas!...

A. F.

Agência de empregos



— Oh! co'os diabos e eu que não quero fazer nada...

BELA IDEIA



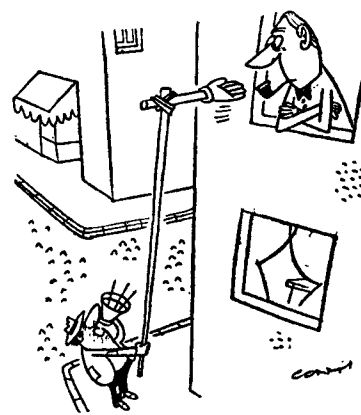
— E assim o terreno custou-me uma insignificancia.

A compra do aparelho

Ele queria comprar um aparelho de televisão e foi á loja das televisões, porque as televisões, embora sejam uma coisa para se ver ao longe, para as comprar é preciso ir mesmo á loja

— Serve-me esta, disse, e quanto é a prestação?
— Trezentos e cinquenta escudos.
— Então embrulhe.
— Mas, perdão, que garantia me dá o senhor para levar o aparelho?
— Só lhe posso oferecer a palavra de um homem de bem. Não chega?
— Perfeitamente. Cheira muito bem; Traga-o cá.

Técnica aperfeiçoada Um caso raro



Uma esmolinha por favor...

Nova descoberta

Quando há relâmpagos, averiguou-se agora, que é Deus a tirar retratos da sua obra com máquina fotográfica «flash-light».

Que bela noite

Aquele boémio, que o era a valer e em todos os sentidos, gostava muito de acordar com dores de estômago.

— Ah! dizia ele, não há dúvida nenhuma de que a ceia era excelente, a «malonaise» magnífica, os vinhos e os licores finíssimos. A paródia foi ontem e ainda hoje dá sinal de si! Que deliciosa dor de estômago! Que noite de Ano Bom.

Egoísta

Quando a mãe chegou já o menino tinha comido todos os bolos, sem deixar nem uma cõeça para a irmãzinha.

— Egoísta, fez a mãe, você nem se lembrou da sua irmã!

— Não, mamã, eu não fazia senão pensar nela, que podia chegar de repente antes que eu tivesse acabado.

E a mãe concluiu:
— É's bem filho do teu pai e do nosso século!...

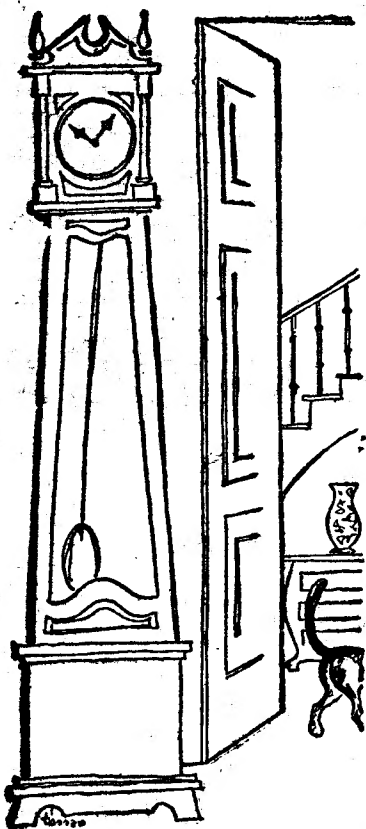
Cantinho sentimental

(Com licença dos modernistas)

Se alguém tocado de graça ergue as mãos agradecidas, desconhece que a desgraça é feita de mãos partidas.

Augusto Ricardo

J U V E N I L



Foi realmente uma coisa cruel e inconcebível trazer-me a este mundo bulhoso e desconhecido.

Ainda mal feito do susto «sir» Hamilton respondeu surpreendido:

— Dar-te a vida? Eu? Como, se não tenho nenhum poder sobrenatural? E como falas deste mundo novo, se sem o progresso não haveria vida?... —

— Mas que encontras tu, «Mylord» (creio eu...) de novo e bom a face da terra?

— Há o avião em pleno progresso, que cruza os ares encurtando as distâncias.

— Mas... onde reside assim o encanto das longas viagens no dorso de um pachorrento camelo? Qual é o interesse de correr assim? Chegase mais depressa, para quê? Para partir mais depressa, e nunca parar? É absurda esta pressa!

por MARIA EDUARDA DOS REIS COLLARES

— Mas há o telégrafo e o telefone, por exemplo, que facilitam extraordinariamente as comunicações!...

— Então o velho mensageiro no seu cavalo velho? Era mais lento, bem sei, mas não eram essas comunicações feitas?

O tom de voz do sacerdote era compassado e parecia acompanhar o bater do relógio e «Mylord» com a sua habitual polidez não tentava desdizer o que tão ilustre e estranho personagem afirmava.

— No entanto — arriscou ele —

tureza e as nossas estátuas de Buda? Admirar e olhar com surpresa e respeito um papel onde se movimentam animais ou pessoas num turbilhão de loucura sem significado definido?!!...

— Mas... e os vossos teatros — perguntou «Mylord».

— Há um significado em cada movimento de uma figura delicada e leve, há sentimentos nas suas expressões sublimes, há harmonia numa flor de cerejeira, numa árvore de chá, numa «gueisha», numa ave viva, saltitante e frágil!

— Os teus argumentos são fortes, sábia criatura, a tua filosofia é profunda, mas este é o mundo em que vivo!...

— Decididamente ele não serve para mim. Devolve-me a minha antiga imobilidade, ser que me fizeste viver momentos amargurados de um pesadelo trazendo-me a este mundo de bulício e desassossego.

«Sir» Hamilton murmurou pensativamente:

— Como é aparente a calma e íntegra paz em que eu pensava viver neste meu sossegado e velho escritório!

O diácono teve um estremecimento e ouviu-se um barulho de porcelana partida. «Sir» Hamilton acordou sobressaltado recostado no seu fundo cadeirão. A seu lado, sobre o solo frio, jaziam os restos da bela estatuetta.

— Rainbow!!! — exclamou «sir» Hamilton em tom de censura. O seu belo gato malhado saía pachorrentamente pela porta entreaberta.



O homem que procurou reformar o teatro português, tirá-lo da «apagada e vil tristeza» em que decaíra depois de Gil Vicente e de Francisco Manuel de Mello, nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705 e morreu num auto de fé, em Lisboa, em 18 de Outubro de 1739. Com 34 anos, apenas! Nesse período curto de tempo escreveu várias peças de teatro, chamadas «óperas» em virtude dos números de música que tinham. A primeira, «O Fidalgo da Mancha», de Gil Vicente, foi representada no Teatro do Bairro Alto, em 1733. Até 1738 viu representadas, em 1734, «Esopaida»; em 1735, «Encantos de Medeia»; em 1736, «Anfitrião ou Jupiter e Alcmena»; no mesmo ano, «Labirinto de Creta»; em 1737, «Guerras do Alecrim e da Manjerona» e «Variedades de Proteu»; no ano anterior à morte, (apenas por ser judeu) apareceu, finalmente, o «Precipício de Faetonte».

A sua arte, além do espírito renovador, tem uma alta característica: a sua expressão popular. O caso é de assinalar, sobretudo porque o «Judeu» foi condenado como ente estranho à vida nacional.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 22, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento dos concorrentes e número de ficheiro (caso o possuam). É indispensável

que indiquem os artigos que mais apreciaram neste número.

Além dos prémios habituais haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande comediógrafo do século XVIII.

«Sir» Hamilton olhou para o infalível e sóbrio relógio de caixa alta, que monotonamente persistia no seu «tique-taque» compassado e enervante. Enervante!... «Sir» Hamilton era um desses elementos que honram a fama do calmo e flemático espírito inglês, e nem uma bomba de relógio à porta de casa o faria dar um passo mais rápido ou conseguiria pôr-lhe o sangue em cachão nas veias. Aprumando a delgada figura, abafou o ranger dos sapatos na alfaiata macia e quente, com um gesto lento limpou um círculo na humidade acumulada nos vidros, que o fez sentir mais o conforto que reinava na sua casa, e planou o seu olhar gélido e impenetrável sobre a movimentada e elegante Regent's Street profusamente iluminada e enfeitada com vistosas árvores de Natal em que pequenas luzes coloridas tentam penetrar no denso nevoeiro londrino.

Com um ligeiro e quase imperceptível suspiro e na calma imperturbável daquele confortável e sóbrio escritório «sir» Hamilton deixou cair negligentemente as cortinas sobre o movimentado espectáculo da Regent's Street e voltou ao seu mundo de literatura e antiguidade. Acendeu o seu cachimbo e encostou-se pensativamente à chaminé observando o bailado fantástico das chamas que subiam, volteavam, esmoreciam, para subirem ainda mais alto e rodopiavam sempre infatigáveis, na sua dança fantástica. Com o olhar preso num ponto distante, o «gentleman» ia, distraidamente, traçando riscos indefinidos na laje do fogão com o bico do sapato britânicamente cuidado e seluzente; sacudiu um pouco de cinza do cachimbo que, irreverente, tinha caído na manga do seu roupão vermelho-escuro, bordado a ouro, reminiscências das suas viagens ao Oriente. Sentou-se à secretária e, depois de afagar as opulentas lombadas de alguns livros, pegou casualmente numa pequena estatuetta de porcelana que representava um sacerdote japonês com o seu sorriso satírico e uns olhos negros de azeviche e penetrantes como punhais. «Sir» Hamilton sorriu e pousou a estatuetta; recostou-se na cadeira de braços e passou a mão sobre os olhos cansados; durante uns momentos quedou assim mergulhado em pensamentos. De repente, a figura de porcelana distende os músculos doridos, sorri mais aberta e sarcásticamente e exclama numa voz amarga:

— Com que autoridade me deste tu a vida e me roubaste o sossego que eu gozava há milhares de anos?

há os animatógrafos onde, quem gostar se pode divertir.

O diácono explodiu indignado, mas numa indignação calma:

— Haverá coisa mais digna de ser olhada e admirada do que a Na-

CONVERSA DA SEMANA

APLAUSOS AO PROGRAMA DE TRABALHO PARA 1960

Como esperávamos, e tínhamos a certeza de que iria acontecer, os nossos amigos apoiaram entusiasticamente o programa de trabalhos que publicámos no «Juvenil» n.º 138. Por se nos afigurar de muito interesse vamos publicar o depoimento de alguns leitores. Começamos pelo amigo n.º 357, Fernando Tavares Rodrigues, aluno de Engenharia da Universidade do Porto:

Caros amigos: Venho falar do «Programa de Trabalho para 1960», e só hoje o faço porque ainda estou na aldeia e só graças à gentileza de um colega do Porto posso ler o «Juvenil» em férias. (E «obriguei!» assim o meu colega a ler o «Juvenil». Ele será um dos futuros nossos amigos).

Todos os seis pontos fundamentais do Programa me parecem bem e não julgo necessário indicar mais de momento. Toda a colaboração que eu possa prestar na realização de qualquer deles, será com todo o prazer que a darei.

Todavia desejo falar mais detalhadamente sobre a publicação de uma Antologia dos colaboradores do «Juvenil» e sobre a organização de uma delegação do «Diário de Lisboa Juvenil» ao Porto.

Tal Antologia, com a colaboração artística dirigida pelo nosso grande amigo e artista Tossan, constituiria documento muito expressivo da cultura portuguesa contempo-

(Continua na ultima página)



Cartas do

Caros Amigos:

Eu ando perdido. Não em qualquer labirinto diabólico ou num deserto inclemente, mas na selva emaranhada das paixões humanas, nos caminhos infínitos da existência misteriosa das coisas, nos altos e baixos intermináveis que são o nosso dia-a-dia. Mas, juro-vos! — apesar de não encontrar maneira arosa de fugir, de me libertar destas tenazes e sebes, de transpor estas montanhas coloridas e desproporcionadas, eu tenho uma prisão maravilhosa. E' a mais extraordinária, a mais emotiva de todas as experiências terrestres. A aridez sucede o paraíso, a sede interpõe-se a água cristalina, a podridão é abafada pelo odor delicioso dos frutos suculentos. Portanto, a monotonia é mal de que, pisando como piso o chão incerto dum reino estranho e cada vez mais desconhecido, eu não padeco.

O que é preciso é saber olhar, amigos. Como, no conto de fadas, procuremos nós uma que nos ensine a ver certezas na própria dúvida, bondade na malvadez anterior, e nos ajude a pôr o amor sobre todos os ódios. Uma das minhas dúvidas é esta, precisamente: «Sabei eu olhar?».

Supondo que sei, do que vir vos darei conta — e ajude-me a minha fada a saber olhar com justiça e imparcialidade para onde os outros

perdido

repórter

atiram estupidez e factiosismo; e com alegria franca para as coisas belas — que só podem nascer no seio da franqueza. Falar-vos-ei da aridez e do paraíso, da sede e da água cristalina, da podridão e dos frutos deliciosos: Só pretendo encontrar, por esta forma, a saída para... um desconhecido melhor. Porque nunca deixará de haver «desconhecidos», nem desaparecerão os «repórteres perdidos» que todos nós somos.

por A. PEREIRA DA SILVA
(Amigo n.º 1436)

Ora, este reino em que vaguelo sem rumo definido, por desconhecê-lo, e, talvez, por ser extraordinariamente humano — no sentido da actividade do Homem — sucedem as coisas mais fantásticas e incoerentes.

Ao lado de golpes fabulosos da inteligência humana, proliferam ac-

tos duma estupidez irracional, frutos da mesma árvore. E' esta exuberância de podridão e de sublime, que desmorteiam e perdem qualquer «repórter». E um desses podres é a GUERRA. Que fabulosa e estúpida palavra! Dá-se um encontro de homens — homens, note-se bem! — que começam a distribuir mordacidade à sua frente. Com que fim? O que os leva a isso? Que pensarão eles? — O mais certo é não pensarem. Mas, então, para que serve o mais extraordinário poder que só o homem possui — que é, precisamente, a faculdade de pensar? E vem tudo isto porque, neste enigmático Mundo em que eu não consigo tomar consciência da minha própria Vida, há cinema; e porque esgotei todas as minhas reservas de tolerância para com filmes de descarada propaganda bélica, em que a estupidez do «comerciante de fitas» faz, ou procura fazer, a apologia da... estupidez, alimentando um conceito mórbido da grandeza humana.

E somos nós que temos de gritar que o cinema é mais alguma coisa do que o que nos mostram. Somos nós, perdidos no meio da loucura alheia, que havemos de livrar a árvore dos maléficis contágios excrementais.

Só por isso, valerá a pena vaguear nesta fabulosa e virgem floresta, e ser um

M A R A V I L H A S D A N A T U R E Z A

As ilhas Comores ficam situadas no Oceano Índico, à saída do Canal de Moçambique. Nelas, nos arquipélagos deste canal e na ilha de Madagascar, tem sido encontrada uma fauna estranha — animais que não se encontram em mais parte alguma do Mundo senão em estado fóssil. Dir-se-ia que o tempo parou sobre aquela zona, e os animais estranhos que ali povoam, em formas primitivas no fim de milhares de anos, fora do processo evolutivo que influenciou os outros animais seus aparentados do resto do universo vivo. Porquê? Talvez porque, ao separar-se definitivamente da África, os animais que ali ficaram, longe do contacto de outras raças mais resistentes vindas depois, não sofreram influência nenhuma; ficaram em segurança, afastados dos continentes. E como o homem também aí chegou com grande atraso, esses animais viveram tranquilamente, sem quaisquer influências seja de que espécie seja. E, assim, tornou possível receber um património animal especial, estranho, quase inalterado.

Também, no mar desta região malgache (de Madagascar), a fauna é singular e quase única. Nas profundezas dos mares tropicais e a determinadas condições de temperatura e transparência das águas, vivem os animais talvez mais importantes do globo — os corais.

Das profundezas do oceano quente surgem ilhas, continentes inteiros, formados por restos de animais mortos cimentados, em mistura com outros organismos marinhos mais resistentes que os corais. E, sobre estas rochas surgem, da quentura tropical, os atóis corálicos. Estas formações são, quase sempre, re-

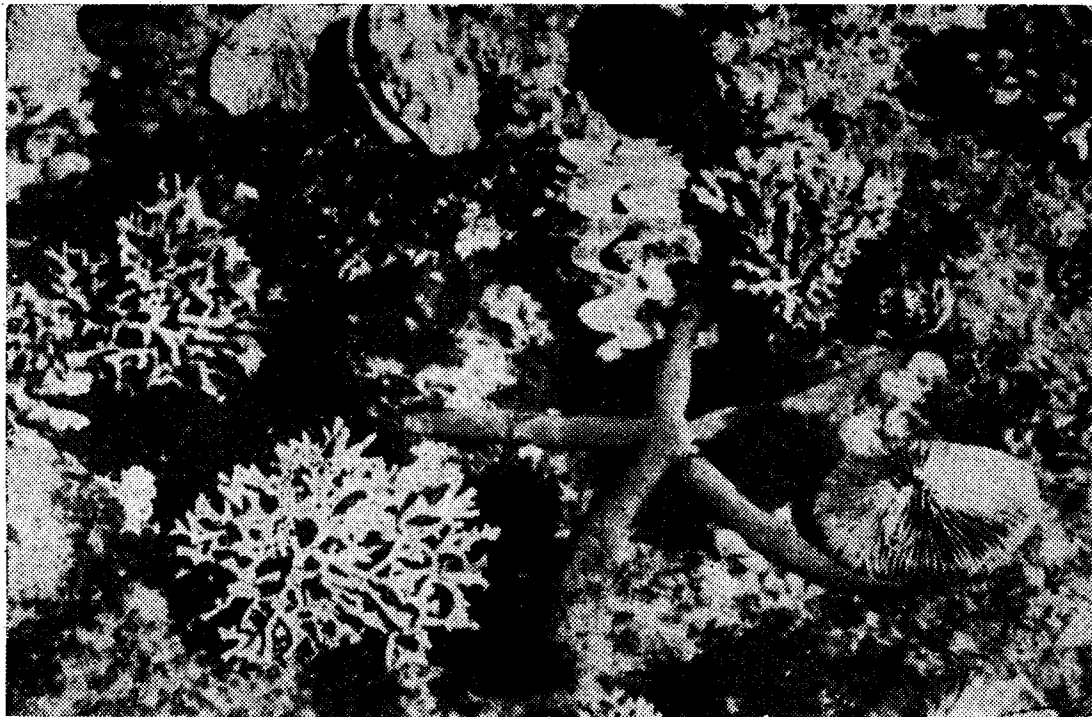
vestidas de vegetação tropical, e rodeiam um lago central de cerca de algumas centenas de metros de profundidade. Estes atóis surgem,

inopinadamente, das águas quentes e brilham ao Sol de que se aquecem. O coral cresce sobre uma inclinação que desce quinze a dez-

seis metros até uma planície de areia. Crescem por todos os lados, para cima e para baixo, invadindo os fragmentos da erosão que o mar

vai acumulando, sem descanso, sobre o recife, de mistura com algas — o coral não pode viver sem se associar com minúsculas algas, que alojam nos seus próprios tecidos. Nos recifes corálicos vivem animais de outras espécies, variedade imensa de um mundo vivo e colorido, massas de tentáculos, de um azul eléctrico, actínias gigantes, de cor parda, fixadas na areia, alcionários, com os seus tentáculos ramificados, em todas as faces — uns em contracção completa, com os tentáculos retraídos dentro do cor-

O mar impenetrável



Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

po, outros em expansão total — corais esmeraldas com os pólipos estendidos outros contráctos, esponjas, algas, crustáceos, e toda a espécie de conchas, estrelas de três pontas, amálgamas de vida e de colorido, um verdadeiro jardim florido...

Tudo isto no meio de águas límpidas e transparentes, mornas e de fácil oxigenação — qualidades externas que o coral não dispensa para se desenvolver.

E, não podendo desenvolver-se em altura, fazem-no em largura e espessura. Devido a qualquer afundamento dos fundos marinhos, os corais buscam a superfície: polípeiros sobre polípeiros, até surgir das águas — e, desta maneira, uma ilha vulcânica desapareceu para, em seu lugar, surgir um anel de coral, única testemunha da sua existência passada.

DIÁRIO DE BORDO

Estávamos no mês de Agosto. Vários companheiros, convidaram-me a passar as férias na sua companhia. Uma bela noite, os meus colegas começaram um diálogo deste género:

— Oh Jorge! Não sentes admiração pelos nossos antepassados?

das Tormentas (mais tarde denominado Cabo da Boa Esperança), descobrir o caminho marítimo para a Índia, o Brasil, etc., podemos sentir-nos orgulhosos dos nossos antepassados e da bela Pátria em que vivemos, que só ao fim de muitos esforços, de

Amigo 1239 — Maria Adelina Coelho Peça (Leiria): Como verificamos que muitos livros, destes últimos, numerosos se extraviaram, estamos a proceder à sua substituição. Tem, pois, um pouco de paciência, dentro de alguns dias aí o terás.

Amigo 1681 — Francisco Manuel do Couto (Espinho): Vê a notícia acima.

Amigo 1687 — Manuel Fernando Salazar (Mirandela): Ainda bem que recebeste os livros atrasados. Espero que te agradem. Manda dizer a tua opinião sobre eles, sim? É sempre de todo o interesse para nós, porque nos facilita a escolha de futuros prémios. Quanto ao que faltou, vou tratar do caso, para que o recebas dentro de dias.

Amigo 1387 — Maria Manuela Cambom (Lisboa): Desculpa, amiguinha, a falta que vamos remediar prontamente. Como sabes o trabalho é muito, para poder andar a tempo. Há sempre qualquer coisa que falha. Mas fosse tudo tão fácil de remediar como isto. Bem-vinda sejas, depois do teu grande silêncio. E a literatura, está esquecida?

Amigo 1273 — Vê a resposta acima.

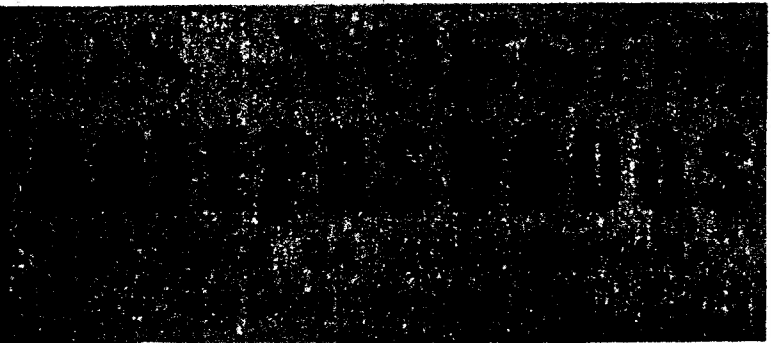
Amigo 1816 — José António Mendes Pinheiro (Porto): Obrigado pe-

las tuas boas palavras. Ainda bem que o nosso esforço é compreendido e recompensado. É só o que desejamos. Podes concorrer, sempre que queiras, a um ou a outro concurso ou a ambos; se fizeres um trabalho sobre o Gigante, poderás ter um prémio especial, formado por dois livros, sendo um deles mais valioso que o normal. Deverás, nas tuas respostas, indicar sempre o número de ficheiro para nos facilitar o trabalho. Podes, também, escrever sobre tudo o que te interessa conversar connosco sejam trabalhos destinados a publicação, sejam casos pessoais que gostarias de resolver. Estamos, numa palavra, ao teu inteiro dispor, para o que te for necessário.

Amigo 1344 — Maria Amélia Vitor (Lisboa): Deixei-te para o fim, propositadamente, pois a tua resposta será a mais longa. Li, com toda a atenção, a tua queixosa carta. Por ela firmei a opinião que já tínhamos de que és uma rapariga inteligente. E nem sei porque apreçoas tanto a tua falta de cultura.

Cultura livresca, queres tu dizer. Essa é, por vezes, um pouco nítida. Mas depende de ti modificar as coisas, lendo, fazendo exercícios de redacção, etc. Não penses que só tem cultura, quem frequenta um curso. Conheço muita gente sem curso algum, que no entanto é mais culta do que outras formadas que nada ou pouco aprenderam. A tua carta revela a mentalidade suficiente para poder seguir a página dos menores (que é a tua idade) e muitos artigos dos mais velhos, desde que leias com atenção e faças por compreender aquilo que, á primeira vista, te pode parecer confuso. E quando quiseres qualquer esclarecimento — porque não escreves ou apáreces? Os teus afazeres tomam-te assim o tempo todo? Repara que a nossa tarefa é auxiliá-los e não criar-lhes dificuldades de qualquer género. Mas desististe de ler o «Juvenil» só porque achas que nos não dirigimos a ti — isso é um exagero que tu não mereces. Nem nós.

O amigo TROTE



Eu, como era natural, respondi-lhes desta maneira:

— Mas, haverá, algum Português, que não admire os nossos antepassados?

Eles, que, em barcos como cascas de nozes, conseguiram vencer o mar tenebroso, sem temor dos gigantes, que se dizia o mar continha, ao dobrar-se o Cabo

muitas vidas, de muitos riscos se conseguiram.

— Oh! Que sacrifícios eles passaram!

— Sim. Mas sentiam-se orgulhosos por sacrificar-se ou morrer pela Pátria.

Tinha terminado o diálogo, pois, era tarde. Mas a noite foi bem aproveitada.

Impressões da Arrábida

No dia 15 de Agosto dirigi-me, com meu pai, a Cacilhas, levando material campista a fim de montarmos a nossa tenda na serra da Arrábida.

Era a primeira vez que ia acampar e, por isso, a minha satisfação não tinha limites. A camioneta partiu de Cacilhas às 16,20 h. e, depois de uma viagem de cerca de uma hora, sem contar com a paragem na linda vila de Azeitão, chegámos à recortada baía do Portinho. Para os meus olhos foi um deslumbramento a vista daquele panorama mas, como já era tarde, o meu pai preocupado com a escolha do local onde acampar, não me deu tempo para contemplanções.

Escolhido o local, erguemos a tenda sob forte ventania, e tão bem erguida, por sinal, que outras ventanias mais fortes não conseguiram derrubá-la.

Armada a barraca, tratámos do jantar e quando acabámos de arrumar tudo era já tarde. Depois de conversarmos um pouco, metidos na noite escura, recolhemo-nos, meu pai e eu, à nossa tenda. Para falar verdade, devido ao vento a fumar com violência o arvoredo de modo a provocar um ruído a que não estava habituado, e, ainda, ao colchão pneumático, no qual a custo me fixava, passei muito mal a minha primeira noite campista. Mas surgiu a manhã ao cabo de muitas voltas ao escorregadio colchão, e, com a manhã, nasceu um esplêndido dia sem vento e com um Sol

radioso a inundar a serra, e a rutilar na água azul e límpida da formosa baía.

Amigo! Se não conheces a Arrábida não deixes de pedir aos teus pais que te levem lá. A impressão que tinha tido na véspera não era nada comparada com o espectáculo maravilhoso daquele erguer do Sol. As águas transparentes deixam ver um fundo de variadas cores e, apesar da praia ser voltada ao Oceano, a ondulação é quase imperceptível. Perto da praia há uma gruta muito curiosa, a gruta de Santa Margarida. A melhor maneira de lá chegarmos é de barco, pois deste modo o passeio torna-se mais bonito.

QUAL É' A COISA QUAL É' ELA?

Mais uma adivinha para os nossos amiguinhos:

O que é que se deixa queimar para guardar algum segredo?

Tão fácil! Esta é que todos vão dizer o que é. Sem errar. É mais uma adivinha do encantador livro de Fernando Pires de Lima «Qual é a coisa, qual é ela?», que a Portugal editou. Um livro que chega para encher muitos serões.

As respostas devem estar na nossa redacção, Rua Luz Soriano, 44-48 até o dia 22 do corrente, acompanhadas do nome completo do concorrente, morada, número de ficheiro (se o tiver já), idade e bem assim da menção dos três artigos de que mais gostaram neste número.

bida não deixes de pedir aos teus pais que te levem lá. A impressão que tinha tido na véspera não era nada comparada com o espectáculo maravilhoso daquele erguer do Sol. As águas transparentes deixam ver um fundo de variadas cores e, apesar da praia ser voltada ao Oceano, a ondulação é quase imperceptível. Perto da praia há uma gruta muito curiosa, a gruta de Santa Margarida. A melhor maneira de lá chegarmos é de barco, pois deste modo o passeio torna-se mais bonito.

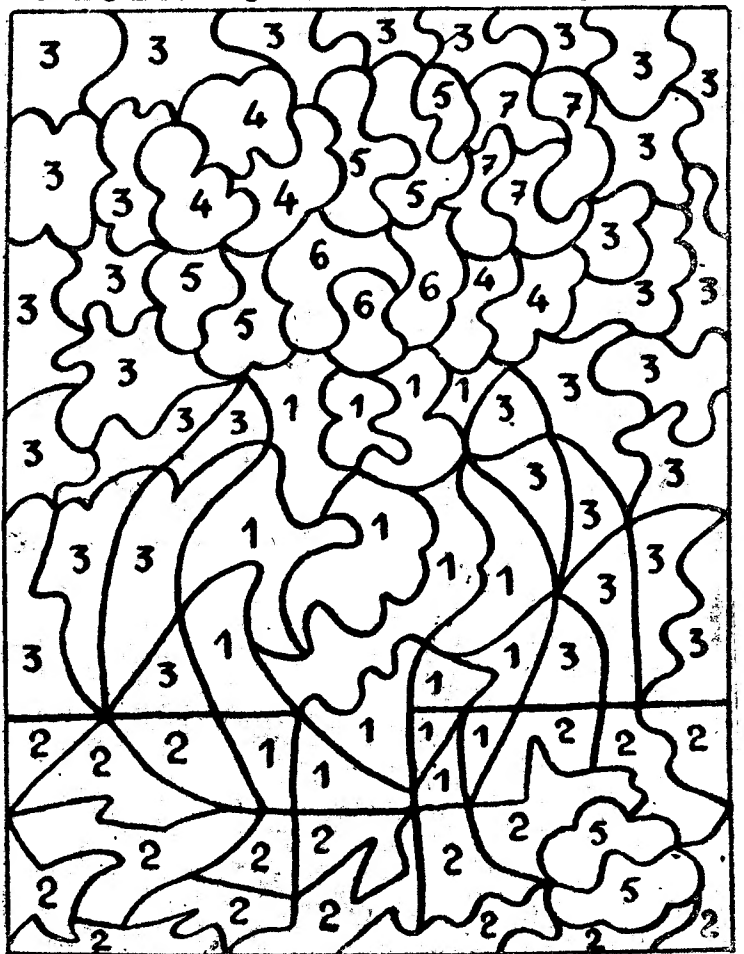
Deixando a praia e penetrando na serra, por qualquer dos lados vemos vários acampamentos. Mas, se nos embrenharmos mais para o interior, depressa nos acharemos no meio de mato espesso, enfeitado, aqui e além, de grandes árvores, entre as quais abundam os medronheiros, e onde não faltam tocas de coelhos, bem escondidas, ou numa rocha ou encobertas com verdura.

Na vertente mais alta da serra existe ainda o velho convento dos frades Franciscanos, onde viveram figuras célebres como frei Agostinho da Cruz.

Por ser um dos sítios mais belos do nosso País, é um lugar ideal para repouso, a Arrábida é muito concorrida por estrangeiros e, portanto, amigo, mais uma vez te aconselho a não deixares de ver tão grande maravilha.

António Alberto Pereira Braga (12 anos)

DESENHO PARA COLORIR



1 — Verde. 2 — Castanho. 3 — Laranja. 4 — Encarnado. 5 — Amarelo. 6 — Azul-claro. 7 — Violeta

(Continuação da 1.ª página)

anea. Cada amigo, por si próprio e ajudado pela família adquiriria um exemplar e quase todos os amigos poderiam angariar pelo menos dois assinantes. Talvez a criação de meios para essa publicação não constitua um problema muito bocado: a contribuição compreensiva e gentil de um dos editores que têm sido tão simpáticos para com o «Juvenil» e o oferecimento de parte de cada amigo de uma pequena quantia — quantia não estipulada nem exigida: contribuição espontânea. Mas deve-se começar já a trabalhar, para que seja levado a cabo empreendimento de tal importância: quanto a mim, importância enormíssima.

Quanto à delegação do «Diário de Lisboa Juvenil» no Porto: compete aos directores do «Juvenil» indicarem os nomes dos amigos que, durante certo período, constituam a delegação. Os amigos do Porto em geral não se conhecem, por isso não podem escolher os componentes da delegação. Dever-se-á atribuir a um ou dois — dois: um efectivo, outro para substituir nos casos de ausência, estado mais intenso, etc. (por isso: dois amigos de cursos ou anos diferentes) — a eles será conferida autoridade para que não reine a anarquia e o... «falarmos três de cada vez».

A actividade da delegação começaria imediatamente com o fim imediato de angariar novos amigos para o «Juvenil».

Nem sequer me refiro em especial ao facto de que todos os amigos da Cidade Invicta estão prontos a trabalhar e a empregar o seu entusiasmo neste fim que justifica qualificações — porque isso está absolutamente assegurado: são amigos do «Juvenil», logo jovens esclarecidos e portanto lamentam que reine a indiferença pelo que é superior, entre os outros jovens.

Agora quero pedir um favor: nu-

Depois de ter passado pelas mais variadas profissões, entre elas a de desenhador para os jornais, Walt Disney dedicou-se à realização de desenhos animados. O primeiro a aparecer ao público foi «Steamboat Willie», estreado em 1928.

O extraordinário ratinho «Mickey Mouse», com a sua voz esquisita em engraçadas aventuras e deliciosamente artísticas confirmava o nível dos personagens de Disney, já esboçado com «Oswald».

A fantástica imaginação animou, mais tarde, uma sucessão de peripécias, dum comididade irresistível, encadeadas num ritmo trepidante e apoiadas pela música de fundo — as Silly Symphonies. Nelas Walt Disney afirmava-se o poeta que pelo autoformalismo animal visava atingir, satirizar o americano integrado no seu meio, simples e atulhado de complexos, paradoxal e tantas vezes infantil. Profundamente humanos, graciosamente moralizadores os filmes de Disney impuseram-se ao gosto do espectador médio, logo das massas; o êxito foi retumbante. E foram aparecendo mais personagens: Phuto, Donald, Goofy, todos animais irracionais... dotados de razão (razão do nível da do americano médio).

A acusação mais frequentemente levada contra Walt Disney não parece de modo algum diminuí-lo: a industrialização por ele levada a cabo não correspondeu a um abaixamento do nível artístico e o facto de se ter rodeado de preciosos colaboradores não rouba o cunho pessoal às suas obras. Ele foi, simultaneamente, o artista, o dirigente consciencioso, o industrial esclarecido. Pela qualidade artística, perfeição técnica e abundância, a produção dele ele-

ma das primeiras sessões de cinema organizada pelo «Juvenil» conheci o nosso amigo José Moura Pimentel. Não sei se ele ainda se lembra de mim, mas desejo enviar-lhe um abraço de amigo pela série e construtiva colaboração que ele tem enviado para o «Juvenil».

* * *

As contribuições que o Fernando Tavares Rodrigues dá para o programa de trabalhos do «Juvenil»-1960 são todas úteis:

1.ª Campanha de assinaturas para a antologia

É uma excelente ideia. Quando estiver calculado o preço por volume, os nossos amigos deverão efectivamente fazer uma campanha de assinaturas. Essa colaboração poupar-nos-á dinheiro que poderá destinar-se a qualquer grande prémio do «Juvenil».

Uma boa campanha de assinaturas exclui a necessidade dos amigos desembolsarem a pequena quantia de que fala o Tavares Rodrigues.

2.ª Delegação do Juvenil no Porto

O Fernando Tavares Rodrigues deve procurar o amigo n.º 1729, Avenida da Boavista, 2297, 2.º, dt., ou o amigo n.º 941, Vítor Manuel Veloso da Silva, Rua de Sá da Bandeira, 260, 5.º, esq. Se estes amigos quiserem antecipar-se, aqui têm a nova morada do Fernando Rodrigues: Rua de Cedofeita, 484, 3.º, dt.

Esperamos que já na próxima semana nos escrevam sobre o vosso, pois os dois amigos acima referidos já se conhecem e conhecem também o amigo n.º 67, Margarida Losa. Quando recebermos as vossas notícias, escreveremos também a tratar dos assuntos da organização.

3.ª Angariação de novos amigos no Porto

O Fernando Rodrigues tem razão. É este o primeiro trabalho a realizar.

O Vítor Manuel Veloso da Silva comunicou-nos que ficou satisfeíssimo em conhecer os amigos n.ºs 1729 e 67, pois são — diz — «jovens de invulgar qualidades, aliadas a uma simpatia e simplicidade contagiosas».

* * *

O António de Vasconcelos escreveu-nos também uma bela carta sobre o contacto que teve com velhos amigos do «Juvenil» residentes no Porto. Diz que ficou a conhecer igualmente o amigo n.º 1492, António Simões Coutinho, do 1.º ano de Geológicas da Faculdade de Ciências do Porto.

Respondemos a alguns reparos sobre moradas ou outras circunstâncias relacionadas com leitores do Porto:

1.ª — Maria Manuela Amado Bancelar — amigo n.º 1483: É esse de facto o nome.

2.ª — Havia realmente uma gralha no nome da rua, coisa que facilmente identificaste.

3.ª — Amigo n.º 1662: Esta nossa amiga teve vergonha em escrever com o seu verdadeiro nome, mas logo a seguir encheu-se de coragem e... passou a ser quem era...

4.ª — Teresa da Conceição: Mandamos a morada desta amiga para a inscrevermos. Publicamos colaboração sua mas nunca soubemos onde morava.

5.ª — Maria Manuel Codino da Silva: vamos investigar do que se trata.

6.ª — O mesmo acerca do amigo n.º 1073.

7.ª — Concordamos com a sugestão sobre o envio da data de nascimento. A ficha deve ser feita ten-

do á cabeça o ultimo apelido do amigo do «Juvenil» e a seguir, separado por um traço, o resto do nome (Ex. COUTINHO — António Manuel Simões). Isto no canto esquerdo. A direita o numero do ficheiro. Por baixo, a morada e quatro linhas a seguir (o espaço em branco fica para mudança de endereço) a data de nascimento. Na linha abaixo, o que faz (estudo ou emprego). Finalmente, a data em que entrou para o «Juvenil». Daqui daremos o numero que couber a cada amigo novo.

* * *

Quanto a agradecimentos, amigo, não é a mim que mos deve apresentar. O «Juvenil» é obra vossa. É obra de todos. É um fruto do vosso entusiasmo, da vossa inteligência, da vossa vontade. E será sempre melhor por isso mesmo. Todas as semanas aparecem novos e excelentes amigos que nos dizem, e é a vós que se dirigem palavras como estas que acabamos de ler da parte do novo amigo n.º 18, António da Costa Barradas, mais um membro da grande família do «Diário de Lisboa Juvenil».

«Tenho entre mãos o ultimo numero do «Juvenil». É sempre com enorme satisfação que compro o jornal ao sábado porque durante uns momentos (pena é que sejam só uns momentos) estarei em contacto com a juventude, com as suas aspirações, com os seus ideais, ou seja com as suas mais nobres aspirações».

* * *

O amigo n.º 1682 — Frederico Nunes Abel, pede que o considerem desde já assinante da «Antologia dos Poetas do Juvenil». Este exemplo de colaboração demonstra mais uma vez como o nosso jornal é obra de todos.

* * *

Muitos outros amigos nos enviam os seus aplausos pelo programa de trabalho para 1960. Destacamos as opiniões das amigas n.ºs 610 e 1344: Marília Mendes da Silva e Maria Amélia Carolina Vitor, que publicaremos na próxima semana, pois são muito longas.

2

AFINAL NÃO ERA AINDA...

...não é ainda esta semana que publicaremos a crítica da colaboração que nos foi enviada. Está ocupado já o espaço de que dispunhamos e o jornal tem só... o tamanho que... tem.

Resolvendo (apenas em parte) o atraso, ao registarmos hoje a colaboração diremos que será publicada. Depois faremos a crítica. Eis os artigos que recebemos:

1) «Mulheres essas desconhecidas», por A. Nunes de Almeida, amigo n.º 1680. Será publicado.

2 e 3) «Fuga» e «Previsão», por Alvaro Luís, amigo n.º 1749. Serão publicados.

4 e 5) «Emigrante» e «Canção do Porto», pelo mesmo amigo necessitarão de uma refundição.

6) «Quero mais alto subir», por Maria Lucília Fazenda, amigo n.º 1280. Será publicado.

7) «Problemas da juventude actual», por Vítor Hugo Gonçalves Dinis, amigo n.º 18. Será publicado.

8) «O Teatro e o Cinema», por Armando Mora de Oliveira, amigo n.º 1704. Será publicado.

9) «A Velha», por Fernando T. Rodrigues, amigo n.º 357. Será publicado.

10) «Chamando por ti», por Ave-lino Fernandes Soares, amigo n.º 2699. Será publicado.

11) «O Mar», do mesmo amigo será publicado.

12 e 13) «Vazio» e «Não», por Marília Mendes Silva, amigo n.º 610. Será publicado.

14) «Tio Zé da Doca», do mesmo amigo, tem um tema que não pode ser publicado.

15) «Arrependimento», por Fernanda Gaspar Cardoso, amigo n.º 18. Está nas mesmas condições.

3

ARTIGOS PREFERIDOS

Os artigos mais votados esta semana foram:

- | | |
|--|-----|
| 1 — «Paisagem», por Luís Antunes da Silva | 233 |
| 2 — «Carta ao amigo 267» | 184 |
| 3 — «Incitação» | 184 |
| 4 — «Os cavaleiros da Távola Redonda» | 176 |
| 5 — «Variações sobre uma manhã de Inverno» | 162 |
| 6 — «Não há bela sem senão» | 127 |
| 7 — «Os fanáticos e o Cinema» | 85 |
| 8 — «A Conversa da Semana» | 59 |
| 9 — «Cinema de animação» | 29 |
| 10 — «Passatempo» | 29 |



va-se sobre a de todos os realizadores de desenhos animados.

Betty Boop, a «boneca» atrevida (que a censura eliminou) e «Popey the sailor» dos Irmãos Fleischer foram os únicos heróis capazes de competirem com os de Disney em prestígio. «Popey and the sailor» arrebatou as plateias com os seus músculos de aço, e as suas aventuras em que entrava numa fúria destruidora. De Walter Lantz apareceu como que uma réplica de Popey (mas muito mais feroz) — o picapau Woody Woodpecker, que alguém cognominou de «o sádico». Mighty-Mouse (o Super-rato) de Paul Terry chegou a ter um certo êxito como justiceiro implacável.

Enquanto a actividade se intensificava na América, a Europa, berço do desenho animado, pouco ou nada acrescentava ao que já se fizera. A falta de poder industrial e a timidez perante as arrojadas criações americanas, levaram muitos a cópias, quase fiéis, vazias de significado artístico e criador.

Poucas tentativas de evasão desta produção vergonhosa cópia há a assinalar, quase todas individuais e desprovidas de intenção comercial.

Após a guerra de 39-45 Disney não se limitou aos personagens gráficos e, continuando na senda que traçara com as Silly Symphonies virou-se para o filme «vulgar», em que orçutava uma série, «Maravilhas da Natureza» — a identificação do universo animal do insec-

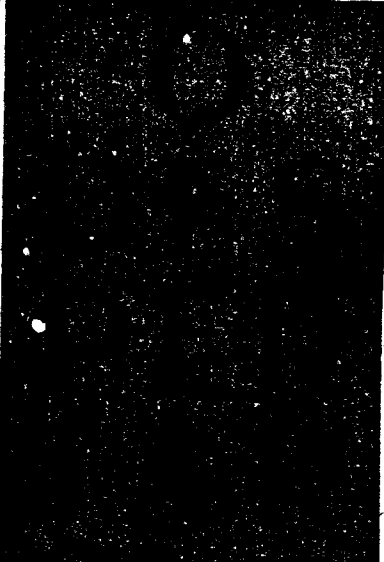
to ao elefante» com o universo humano (os seus absurdos, ridículos, sublimos) atinge o mais alto grau.

A produção das curtas metragens, mantendo-se os personagens, perderam um pouco do entusiasmo das novidades e as grandes metragens (lembramo-nos de «A dama e o vagabundo», criação de Disney e não um êxito da literatura infantil posto em celuloide, como alguns outros do mesmo autor) por um excesso de perfeição técnica e demasiada antropomorfização, faltando-lhe os poéticos «gags» dos primeiros tempos.

Os preceitos e o estilo de Disney foram assimilados por certos cineastas, sem prejuízo da nota pessoal. Encontramos David Hand, Hallas e Batchelar, na Inglaterra, Jean Image em França, o espanhol Moreno, etc.

Uma série de curtas metragens, que pela sua lentidão no evoluir dos factos se tornam acessíveis a crianças é uma contribuição interessante dada pelos cineastas da U. R. S. S. ao filme de animação.

No panorama actual destacam-se Norman McLaren e a equipa do National Film Board of Canada, na Checoslováquia Jiri Truka, Tex Avery e Stephan Bosustow à testa da U. P. A. Na França os artistas de animação lutam com dificuldades financeiras, mas certos nomes como Henri Gruel, Jean Image, Paul Guimault e alguns mais mantem uma escola esperançosa, e capaz.



Lá longe,
Muito longe,
Vi algo fascinante,
Lá longe,
Do Levante.
Via-a,
Luz calorosa.
Deixei a noite,
Feia, mentirosa.
Ascendi à verdade.
O Sol raiou,
Achei a realidade.
É dia.
Despertei!

Poema e ilustração de
MIGUEL FLAVIO
(15 anos)

